

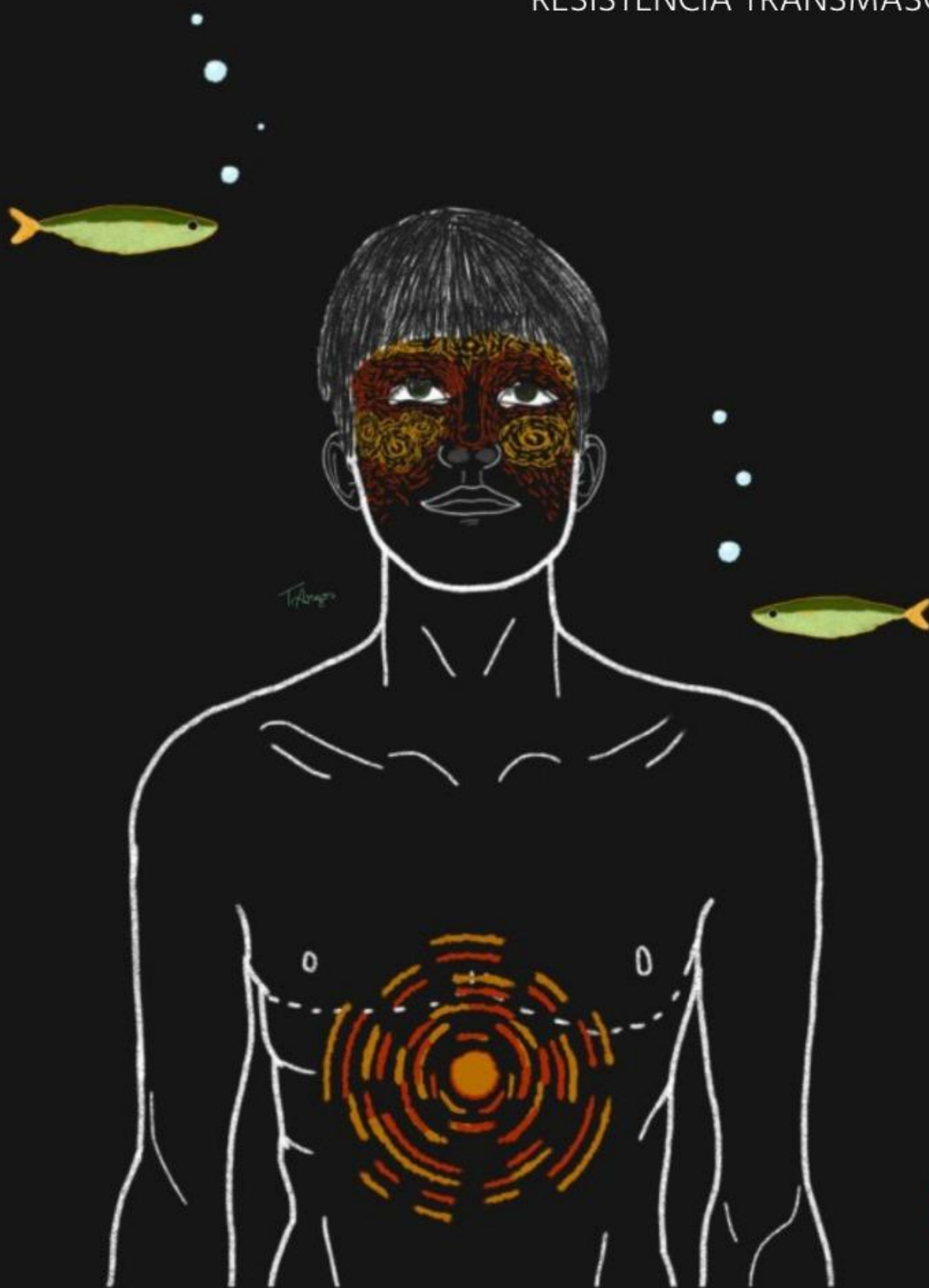
REVISTA

VOL. 2 | N. 4 | NOV/2021

# ESTUDOS TRANSVIADES

revista sobre transmasculinidades idealizada por pessoas transmasculinas

EM DEFESA DA AUTODETERMINAÇÃO  
RESISTÊNCIA TRANSMASCULINA



ESTUDOS  
TRANSVIADES



Descrição de imagem: capa de fundo preto, com o título “Revista Estudos Transviades: revista sobre transmasculinidades idealizada por pessoas transmasculinas”, volume 2, número 4, novembro de 2021, e subtítulo “Em defesa da autodeterminação, resistência transmasculina” logo abaixo. Abaixo do cabeçalho e preenchendo todo o espaço restante está o contorno branco de uma pessoa olhando para cima, da cabeça aos quadris. A pessoa possui a pele da cor do fundo (preto), está sem camisa, com o peitoral exposto. Na linha do peitoral, a linha branca se transforma em um pontilhado. É uma pessoa magra. Em seu abdômen, está desenhado um círculo com traçados vermelhos e amarelos, traçados que se desconectam, mas que formam vários círculos, um dentro do outro. Seu rosto está preenchido pelas cores vermelho e amarelo. Seus cabelos são lisos e curtos, fazendo uma franja. Ao seu redor, logo acima e depois ao lado da cabeça, há dois peixes verdes flutuando. Ao lado do pescoço, em letras pequenas, está a assinatura do autor da arte, Thomas. No canto inferior direito, está o símbolo da revista estudos transviades: uma circunferência rosa preenchida pela cor azul, com as palavras Estudos Transviades escritas dentro, em letras pretas.



A imagem da capa é de autoria de Thomas Argos.

Todas as edições da Revista Estudos Transviados podem ser encontradas nos seguintes endereços eletrônicos:

[www.revistaestudostransviades.wordpress.com](http://www.revistaestudostransviades.wordpress.com)

<https://independent.academia.edu/RevistaEstudosTransviadesRET>

<https://pt.scribd.com/user/548860674/Revista-EstudosTransviades-RET>

<https://pt.br1lib.org/g/Revista%20Estudos%20Transviades>

[https://archive.org/details/@revista\\_estudos\\_transviades\\_ret](https://archive.org/details/@revista_estudos_transviades_ret)

Informações adicionais podem ser encontradas em nossas páginas de facebook e instagram (@revistaestudostransviades) e recebemos mensagens por instagram e por email (revistaestudostransviades@gmail.com). Qualquer reprodução ou citação dos materiais dispostos nesse número deve estar acompanhada da menção da fonte de(s) autore(us) e da revista.

Os materiais e os conteúdos publicados em nossas edições são de responsabilidade de seus respectivos autores e não representam posicionamentos particulares da revista.

Para referenciar os materiais dispostos nesse volume, especialmente os artigos acadêmicos, pode-se usar como base o seguinte exemplo:

SAMPAIO, Alexandre Gregório Silva. Ginecologia: um espaço clínico específico para mulheres (?) Impasses e desafios para a saúde ginecológica dos homens trans. Revista Estudos Transviados, v. 1, n. 2, set. 2020. Disponível em: [site de acesso] Acesso em: [data de acesso].



## SUMÁRIO

<b>Corpo Editorial</b>	8
<b>Apresentação</b>	9
<b>Editorial</b>	11
<b>Menino Peixe</b> Thomas Argos	13
<b>Artes e poemas de Armr'ore Erormray</b>	14
<b>Arte de Mar Facciolla</b>	21
<b>memórias</b> Felipe de Paula	22
<b>Artes de Iago Marichi</b>	24
<b>Cisgeneridade, você existe?</b> Samuel Bittar	26
<b>Direito à autoestima</b> Samuel Bittar	27
<b>Direito à saúde, política pública de identidade e violências sistemáticas a corpos dissidentes</b> Samuel Bittar	28
<b>Estritamente Cissexual</b> Samuel Bittar	31
<b>Corpo de ferro, masculinidade de vidro: representações do masculino no cinema hollywoodiano</b> DaLua	32
<b>Ensaio Masculinidades Sintéticas</b> Vitor Fernandes	33
<b>La Madona Transvestigenera</b> Ollie Barbieri	36



<b>A (in)existência dos homens trans na nossa sociedade</b> Christopher Santana	38
<b>Arte de Dante Saldanha</b>	43
<b>Projeções de Euforia</b> Nicolas Vasconcelos	44
<b>Artes de Thárcilo Luiz</b>	45
<b>Artes de Max V. Boas C. Ribeiro</b>	48
<b>Mão-boba</b> Alcan	51
<b>Desculpa por ser homem – Disforia Queercore</b> Kaetê Okano; Dani Brandão	56
<b>Artes de Mika Kaliandrea</b>	59
<b>festas de cu-ra</b> Carú de Paula	62
<b>Multiplicação</b> Marcos Vinícius	66
<b>Aula de vôo</b> Nicolas Vasconcelos	68
<b>Por seres tão inventivo e pareceres contínuo, Tempo, tempo, tempo, tempo: És um dos deuses mais lindos</b> Coletivo GUAPES (marina, duds, gab, lau, mar, nine e sereno)	69
<b>Zine de Ska Batista</b>	70
<b>Corpos Hackeades: sobre a possibilidade de corpos transciborgues</b> Lu Schneider Fortes	86
<b>Representações midiáticas de transgêneros e travestis e suas possíveis leituras no documentário disclosure</b> Ayres Tyupanyê Marques; Bruno Henrique Assunção	93
<b>Entrevista sobre saúde transmasculina</b> Giulianna Nonato; Athos Souza	109



**E não posso ser eu um transfeminista?**

Cauê Assis de Moura

112

**Sobre o aniquilamento de corpos invisíveis: reflexões sobre transmasculinidades e suicídio**

Bruno Latini Pfeil; Cello Latini Pfeil

117

**Até quando? Uma breve autoetnografia sobre a evasão acadêmica de corpos dissidentes**

Mar Facciolla

127

**O mar revolto que foi Michael Dillon: um poema e sua tradução**

Thales Gabriel Trindade de Moura

135

**Sobre Não-Binariades, Autodeterminação, Produção de Conhecimento e Contra-Hegemonias**

Amanda

144

**BIOS**

150





## **CONSELHO EDITORIAL**

Bruno Latini Pfeil

Cello Latini Pfeil

Nathan Victoriano

Nicolas Pustilnick

Thárcilo Luiz

## **DESIGN E FORMATAÇÃO**

Nicolas Pustilnick

Cello Latini Pfeil

## **COORDENAÇÃO DE MÍDIAS**

Petter Levi

## **AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**

Mayra Ribeiro





## APRESENTAÇÃO

É com muito orgulho que apresentamos o quarto número da Revista Estudos Transviados! A ideia de criar uma revista sobre transmasculinidades surgiu em 2020, no Rio de Janeiro, a partir de uma reunião entre alguns dos atuais coordenadores, que tinham como foco a formação de um espaço de livre produção de conhecimento sobre gênero e sexualidade, de pessoas trans para pessoas trans. Ao longo do tempo, novas pessoas transmasculinas foram incluídas na coordenação e na equipe do design. Com o quarto número que apresentamos aqui, procuramos tornar públicas novas produções de outros transmasculines, expressando visões complementares e diversas sobre transmasculinidades e questões sociais amplas.

Nossas corpes transmasculines não são legitimadas nem reconhecidas. Não há um lugar social transmasculino historicamente constituído. Temos muito pouco sobre o que nos sustentar durante os processos de construção de nossas identidades. O que há sobre as transmasculinidades está sendo majoritariamente construído agora, por nós mesmas, em nossas redes de amizades, em grupos de redes sociais, ao trocarmos nossas experiências. A proposta dessa revista é incentivar um processo de mudança cada vez maior nesse cenário de marginalização e invisibilização. É pensar as potencialidades de corpes transmasculines produzindo vida e novos horizontes de futuro. Pretendemos criar um espaço de acolhimento e visibilidade para as mais variadas produções de corpes transmasculines, de forma a buscar os diversos atravessamentos das transmasculinidades sem imposições academicistas e fora de uma lente patologizante cisnormativa. Almejamos uma liberdade cada vez maior para o diálogo, pela constituição de subjetividades que fiquem marcadas aqui, dispostas para serem conhecidas agora e no futuro.

Após a escolha do nome – Revista Estudos Transviados –, que faz alusão à obra de João W. Nery e aos estudos transviados consolidados no Brasil, criamos um e-mail, um perfil no Google, no Wordpress e no Instagram, onde começamos a fazer postagens convidando pessoas transmasculinas a enviarem suas produções. Hoje, além dessas plataformas, disponibilizamos nossas edições gratuitamente nas plataformas Academia Edu, Scribd, Internet Archive e Z-Library.

Ficamos muito contentes com a quantidade de produções que recebemos: desde artigos acadêmicos até ensaios fotográficos sobre temas que não abarcam somente



questões dos estudos de gênero e sexualidade, como também questões outras, emocionais e do cotidiano, dentro da vivência de nossos corpos. Nosso objetivo não é organizar uma revista acadêmica, embora entendamos a importância da academia para nossas conquistas. Agrupamos todos os artigos acadêmicos ao final do documento e, ao longo da revista, mesclamos prosas, imagens e poesias; visamos, com isso, uma localização simples dos textos acadêmicos para possíveis citações e referências.

Decidimos utilizar linguagem neutra com “u/e” na Apresentação e no Editorial, assim como em alguns textos – com a permissão dos autoras – que apresentavam linguagem com “x”. Com isso, procuramos tornar essa revista um espaço de inclusão, e não de exclusão de corpos não-binários transmasculinos. Em relação ao critério de seleção dos materiais, aceitamos quaisquer produções, desde que não reproduzam opressões e/ou que não possuam conteúdos que possam ser entendidos como violentos. Não toleramos discriminações, seja por parte dos autoras ou de suas produções. Nossa política em casos de discriminações e violências é a não integração desses autoras e de suas produções no corpo da revista.

Temos consciência de que as leitoras dessa revista serão diversas, desde homens trans com anos de contato com as transmasculinidades, até pessoas que ainda estão se descobrindo, questionando sua identidade. A decisão de agrupar as biografias ao fim da revista foi pensada a partir da proposta de visibilidade que mencionamos anteriormente: ao lermos as apresentações dos participantes, percebemos como esse projeto conseguiu abarcar diferentes transmasculinidades de diversas regiões do país, em condições distintas, mas que se entrecruzam. Agradecemos imensamente a todas que nos enviaram seus materiais e convidamos cada vez mais pessoas transmasculinas a nos confiar suas produções!

Estamos sempre dispostos a integrar novas ideias para construir um espaço mais diverso e plural das transmasculinidades. Para dúvidas, críticas e sugestões, e também para o envio de novos materiais, procure-nos em nossa conta no Instagram (@revistaestudostransviados), em nosso site no Wordpress ([www.revistaestudostransviados.wordpress.com](http://www.revistaestudostransviados.wordpress.com)) ou nos contate por email ([revistaestudostransviados@gmail.com](mailto:revistaestudostransviados@gmail.com))!



## EDITORIAL

Iniciamos nosso quarto número com o poema “Menino peixe” de Thomas Argos, autor também da arte da capa desta edição. Partimos, então, para as artes e poemas de Armr’ore Arormray, um conjunto de escritos e ilustrações digitais, pinturas com aquarela e fotografias. Em seguida, a arte de Mar Facciolla ilustra a pluralidade da não-binariedade e abre o texto de Felipe de Paula, “memórias”, que narra experiências familiares e sociais de forma poética. As artes de Iago Marichi apresentam uma diversidade fenomenal de cores e traços e simbolismos, partindo para os textos e artes de Samuel Bittar sobre as violências institucionais no campo da saúde contra pessoas trans. Bittar discorre sobre as violências físicas e simbólicas que atravessam nossos corpos em diversos dispositivos de saúde, e afirma o estreito vínculo entre a saúde e a sexualidade, pensando em questões como saúde sexual e normatização do corpo. Em suas artes intituladas “Direito à autoestima” e “Estritamente Cissexual” essas questões são abordadas simbolicamente.

Com seu texto “Corpo de ferro, masculinidade de vidro: representações do masculino no cinema hollywoodiano”, DaLua exemplifica a construção de uma masculinidade hegemônica e violenta pelo cinema, “promovendo a ideia de um modelo “verídico” de ser homem”, escreve. O texto é sucedido pelo ensaio “Masculinidades Sintéticas”, de Vitor Fernandes, que relaciona as modificações corporais realizadas por pessoas transmasculinas pela administração de testosterona e as modificações realizadas por homens cisgêneros nos anos 80, pela ideia de uma hipermasculinidade. Logo depois, a arte de Ollie Barbieri, “La Madona Transvestigenera”, apresenta traços detalhados e minuciosos em um aglomerado de representações, e segue para o texto de Christopher Santana, “A (in)existência dos homens trans na nossa sociedade”. Santana aborda o apagamento das transmasculinidades, comparando o que seria um dia comum para homens cis e homens trans. O texto precede a arte de Dante Saldanha e, em seguida, o poema de Nicolas Vasconcelos, “Projeções de Euforia”.

A revista segue para as colagens digitais de Thárcilo Luiz, retratando a pluralidade de corpos transmasculinos e de suas representações, e continua para as artes de Max V Boas C Ribeiro: “Afeto”, “Sem Título” e “Tarde de Quarta-Feira”, de muita expressividade e surrealismo. O texto “Mão-boba” de Alcan narra a experiência de se frequentar uma festa noturna sendo uma pessoa trans, atravessando comentários



transfóbicos. Em seguida, o poema de Kaetê Okano e Dani Brandão, “Desculpa por ser homem – Disforia Queercore”, logo completa o texto precedente, e abre espaço para as artes de Mika Kaliandrea. Logo depois, temos o texto de ynymagyney carú, “festas de cu-ra”, descrevendo seu sonho, e a arte “Multiplicação”, de Marcos Vinícius, transbordando de cores.

O poema de Nicolas Vasconcelos, “Aula de vôo”, precede o zine Ska Batista, contento fotos acompanhadas por frases de efeito. O texto “Corpos Hackeades: sobre a possibilidade de corpos transciborgues”, de Lu Schneider Fortes, disserta sobre as falhas do sistema, as dissidências corporais e as transgressões contra as normas de gênero, e afirma a reivindicação de nossos corpos ciborgues. Em seguida, o texto de Ayres Tyupanyè Marques e Bruno Henrique Assunção, “Representações midiáticas de transgêneres e travestis e suas possíveis leituras no documentário disclosure”, analisa as “conexões entre as narrativas cinematográficas e a progressão social da comunidade transgênero no mundo a partir do documentário *Disclosure*”, abre para a “Entrevista sobre saúde transmasculina”, ministrada por Julianna Nonato e com Athos Souza como entrevistado. A entrevista abrange o apagamento de corpos transmasculinos em diversas esferas da saúde.

O texto “E não posso ser eu um transfeminista?”, de Cauê Assis de Moura, disserta sobre a invisibilidade de pessoas transmasculinas no próprio transfeminismo e problematiza as concepções genitalistas de mulher e de homem, e questiona: “por que pensar um transfeminismo que exclui nossa participação?”. Em seguida, o texto de Bruno Latini Pfeil e Cello Latini Pfeil “Reflexões sobre transmasculinidades e suicídio” pensa o apagamento de pessoas transmasculinas em pesquisas sobre o comportamento suicida, concomitantemente aos seus altos índices de tentativa e ideação suicidas. Logo depois, o texto “Até quando? Uma breve autoetnografia sobre a evasão acadêmica de corpos dissidentes”, de Mar Facciolla, descreve as opressões que pessoas trans sofrem na academia, tanto concreta quanto simbolicamente. Subsequentemente, temos o texto de Thales Gabriel Trindade de Moura, “O mar revoltado que foi Michael Dillon: um poema e sua tradução”, apresentando marcos importantes da vida de Dillon e sua importância para a história transmasculina. Fechamos a edição com um texto sobre não-binariedade, autodeterminação e produção de conhecimento, de Amanda.

Desejamos a todes uma boa leitura!



## Menino peixe

*Thomas Argos*

menino peixe

nada com a cabeça no tanque cheio d'água

a tampinha vai soltar e o menino peixe vai entrar pelo ralo e nadar ao lado dos peixinhos  
que vivem no mar da Baía de Guanabara

irmão do menino zóio d'água

enxerga

enxerga

enxerga

não vê

nada

nada

nada



## ARTES E POEMAS DE ARMR'ORE ERORMRAY

Eu sou Armr'Ore Erormray  
Eu sou quem veio antes de mim  
E serei também os que virão  
Sou mais do que você imagina  
Sou porto seguro pra quem em mim pode segurar.  
amor pra quem amor me dá  
fúria pra quem em mim ou nes minhes um dedo encosta  
Sou tudo aquilo que eu quiser  
Mas não o que você desejar





Ilustração digital e colagem, 2021

Descrição de imagem: no centro da imagem, há uma pessoa de frente, de cabelo verde com uma saia cinza do mesmo formato e da mesma dimensão de três construções cinzas ovais que estão atrás da pessoa. Ao lado esquerdo da pessoa, há quatro figuras cilíndricas vermelhas, roxas e amarelas, semelhantes a milho, e de cujo topo saem folhas. Acima da pessoa, há uma bola rosa contendo uma figura rosa mais escura, com duas prolongações na lateral esquerda e na lateral direita e uma prolongação na base. O fundo é um céu rosa com nuvens brancas e uma paisagem mista de vegetação com terra batida.

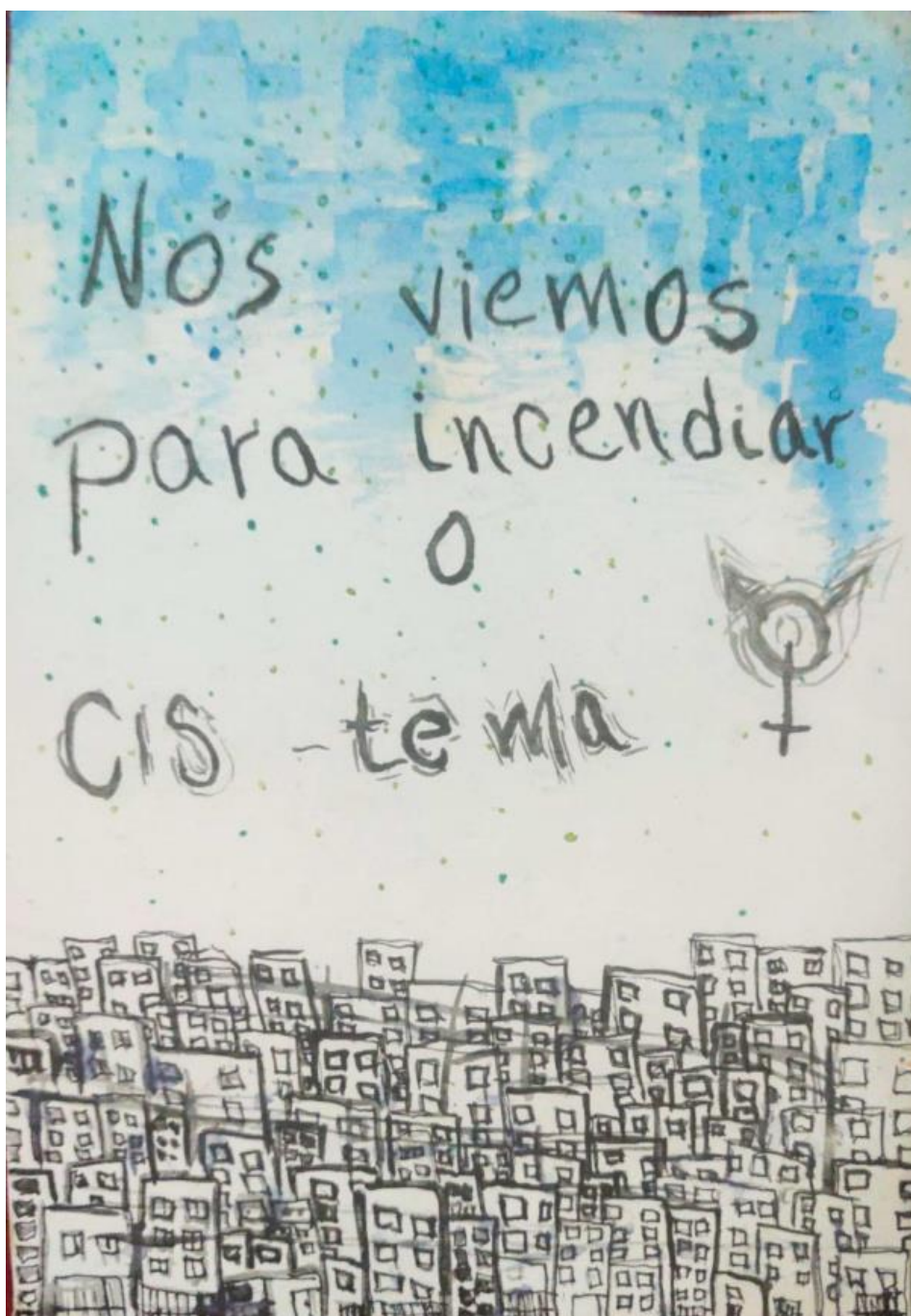


Fecha os olhinhos  
Fecha  
Pode fechar  
Cê não precisa ver o tempo inteiro  
Cê não precisa estar sempre presente  
Você pode tirar um tempinho pra você  
Só você aí dentro  
Eu sei que tem muita coisa nessa bagunça  
Que as vezes os pensamentos são piores que a realidade  
Que a mente é confusa  
E o coração é falho  
Mas aí dentro  
também tem cura  
Também tem todas as versões de você  
Também tem ancestralidade  
Naquelas histórias de infância  
Naquele carinho que cê guardou  
Naquilo que ainda é você  
Porque vinte anos de vida também pode ser muito  
E faz parte da sua história  
Aquilo que faz você você  
Não é o agora  
Nem é o todo  
É o que tá ali dentro quando deito pra dormir  
É o primeiro pensamento do dia





É o pão com salsicha  
E a salada de fruta  
Também  
É o futuro que só a ti pertence  
E que vai chegar  
No seu tempo  
Todo dia chega.



Aquarela e caneta, 2019

Descrição de imagem: na base da imagem, há vários prédios amontoados sob um fundo branco. Na parte superior, há traços azuis e pontos azuis e verdes, que se estendem até os prédios. No centro da imagem, há a frase “Nós viemos para incendiar o cis-tema”, seguida do símbolo da transvestigeneridade ao lado.



Auto-retrato gerado a partir de Abebé de mim: autoconhecimento baseado em auto retratos com Georgia Niara. 2020

Descrição de imagem: a imagem mostra uma pessoa sentada de pernas cruzadas com os braços rentes ao torso, as mãos segurando galhos com folhas que cobrem o torso. A pessoa olha para fora da imagem e possui cabelo curto e linhas amarradas ao tornozelo direito. A pessoa está recostada em uma parede marrom e velas estão ao seu entorno.



Eu gostei de ser aquela menina  
Mas eu tava sendo metade  
Hoje eu posso ser inteire  
É que a vida dela não é a que eu nasci pra viver  
Então eu matei ela  
E renasci também menina  
Também menino  
Também menine  
Ainda me vejo podando minha inteirice  
Sem perceber corto minhas asas  
Que sempre foram cortadas antes do vôo  
Mas não muito distante eu vejo um eu voando  
No meio das nuvens  
Existindo pra ser tudo que posso  
Tudo que quero

## ARTE DE MAR FACCIOLLA



Descrição de imagem: a imagem mostra um conjunto de frases e desenhos dispostos em uma folha retangular da seguinte forma. No topo da folha, há uma linha amarela com um torso rosa no canto superior esquerdo e a frase “Todo corpo é um corpo não-binário”. Abaixo, há uma linha branca com um quadril preto e a frase “Todo cuerpo es un cuerpo no-binário”. Abaixo, há uma linha roxa com um torso amarelo e a frase “Every body is a non-binary body”. Abaixo, há uma linha preta com um quadril branco à esquerda.





## memórias

*Felipe de Paula*

alguma coisa acontece no meu coração. no corte, na linha da pipa, meus dedos, da buenos aires com a primeiro de março, meu último beijo. o chope desceu daquele jeito, é, daquele jeito, e eu só fazia pensar no ernesto. todo mundo diz um quê de alguém, para alguém. meu tio disse para mim que preto não morre de doença, eu disse para ele que tem gente morrendo. encontrei esse poema na minha primeira semana na ilha do fundão, porque lá, na letras, aonde eu passava a maior parte do meu tempo, e sequer sabia de que lado nasce e se põe o sol, no gramado, tinha ficado pedaços. quinze dias, só isso. quinze dias para quem fica fora de sete às vinte e três, porque precisa e, ou, porque vive em um lugar em que as paredes, as cortinas, dizem não te querer, é bastante. por agora, não estou levando em consideração aquele amor gostosinho. sim, têm vantagens, o corpo cai de cansado e não precisa tomar nada, o corpo com pelo, com barba, precisa

a água está podre, mané. minha avó disse que levantar depois das dez é coisa de vagabundo, e vagabundo não deprime. com frequência, ela esquece que eu tenho cabeça de coelho, um pensamento multiplica outro. a pizza era tão grande que parecia uma vitória-régia, uma corda vermelha e uma florzinha no peito. sonhei que estava grávido

passei dois dias fora, e minha mãe me ligando, me ligando e dizendo que meu quarto tinha sido comido, mastigado com confete, duas meias, papel crepom e sete livros sobre vampiros que brilham; a guerra contra os cupins. primeiro, eu achei que ela só queria que eu voltasse, e depois confirmei, a fome de comer concreto, o bicho se aproximando da gente, a gente se aproximando do bicho. entra um móvel, sai outro; às vezes acho que sou móvel. uma mesa. vamos supor que eu seja uma mesa, de madeira

uma terça-feira assisti a três filmes. pinóquio e a fada azul, david e a fada azul, felipe e a nossa senhora; decidi escrever. era para ser um artigo, de fato. eu, com todo meu corpinho gordo. jesus, maria, joana, esse poemão está me custando algumas gotas. eu, com todo meu corpinho gordo pensei que pudesse catar esses três meninos, amarrar com barbante, dar três voltas com fita crepe, embrulhar para presente, e fazer um só. o primeiro, que é de lata, mas não estive em o mágico de oz. falando nisso, não gosto de pensar em o magico de oz, por uma e outra lembrança, nem sei o motivo de o trazer até a quinta; deixo aqui minha nota de repúdio. lembro de eu menino, risos, é engraçado



falar "eu menino". alguma coisa sobre um homem com nome de cobra e outro com nome de piupiu, que achavam que no dia de hoje alguém, se é que posso chamar de alguém, estaria escrevendo isso para mim de dentro de uma espaçonave, melhor, de dentro de uma espaçonave, depois de decodificar tudo o que se passa aqui na minha cabeça de abacate, sem que eu dissesse uma palavra, não, eu diria um, dois, três e já. texto pronto, texto publicado, para falar do segundo, que é de madeira. e do mesmo jeitinho do anterior, é, eu não mencionei, mas, do mesmo jeito do anterior, rezava todos os dias para a santa do vestido azul. por sua vez, a santa do vestido azul nos leva ao terceiro, que, mesmo de carne e osso, tem medo e tem cheiro de terra. faz chuva, hoje o céu está tão misterioso. com sua licença, professora, e se eu não estiver inventado isso, e se não eu estiver só costurando com formiga um no outro, e no outro, e se eu não estiver, estiver, depois dos vinte e oito

eu vou aprender a subir esse poemão em vídeo ou eu não me chamo João Gostoso. eu não me chamo João Gostoso, esse deveria ser o título. espera um pouco, um pouquinho só, eu sei que o café está pronto, que o dinheiro é pouco e que morreu mais um do outro lado da calçada, mas, do outro lado da tela, tem gente querendo ver o meu rostinho, mesmo com a parede a se abrir. uma rachadura que vai da direita do batente até a esquerda do batente, meu quarto em um, dois, continentes. mete a mão na lata, pega massa, passa e espalha; mete mão na lata, pega massa, passa e espalha; e vai. espera um pouco, um pouquinho só, eu sei que a luz está apagada, e vira e mexe lembro Drummond. para anuviar

a amarelinha do emprego sim, emprego não. cortaram a luz no dia da prova, e fui buscar uma vela na casa de uma amiga, de uma amiga, de uma amiga, de uma amiga, de. duas semanas inteiras sem aparecer, dizer uma palavra. minha irmã disse que eu sou o melhor professor do mundo, mesmo que eu tenha medo da sala de aula física, porque eu, eu nunca tive um professor transexual; da sala de aula virtual, pois, sabe como é, chove, picota, cai

há diversas formas de cair. seja para o bem, seja para o mal, eu sou bom nessas coisas de ficar sete dias sem luz, sem água, sem escrever uma palavra. é difícil escrever sobre um ano em que eu quase não existi. caindo de medo, caindo de maldade, caindo de amor e também de saudades, caindo, caindo; acho que lá embaixo não tem cama elástica

## ABSOLUTAMENTE DE TERRITORIALIZADO

*Iago Marichi*



Descrição de imagem: desenho de um círculo com cores azuis fortes, com uma pessoa no meio, sentada e olhando para o lado. A pessoa possui a boca alongada semelhante a um bico e cabelo esvoaçante, tem uma cruz no peito e ao lado há uma lata de bebida, sobre a qual há a palavra “absolutamente” em azul e branco. Em frente à pessoa, está uma fórmula química. As sombras da pessoa são amarelas, vermelhas e laranjas, contrastando com o entorno de cores azuis frias.



## DESRETRATO

*Iago Marichi*



Descrição de imagem: a imagem mostra o desenho de um rosto de frente, olhando para cima e com as mãos nas bochechas, com a boca entreaberta, mostrando os dentes inferiores. As mãos são vermelhas e marrons, com contornos brancos, e o rosto possui uma mistura de amarelo, vermelho, verde, branco, azul, verde, laranja e preto, com contornos brancos.



## CISGENERIDADE, VOCÊ EXISTE?

*Samuel Bittar*

Nunca vi ninguém te citar. Nunca vi ninguém como você. Você se esconde? Ou não existe?

Que brisa.

Você é pressuposto? Tipo... um ser humano é não trans e alguns são trans? (aquelas exceções das entrelinhas quase não-humanóides?)

Eu sou seu não? Uma falta? Ou sou uma adição sua? Uma invenção a partir de você? Me explica essa sua confusão. Tudo bem não ser você... Mas eu me sinto uma ameaça ao seu existir com você me dividindo tanto do que sei lá que é você! Mas por que você nunca me diz o que é? Por que tudo é sobre você ao mesmo tempo em que nada é sobre você?

É, me foi dado um nome... Esse *eu* aí na boca do não-eu... Mas me foi dado um nome... Um nome que carrega muitos sentidos para além de mim.

Então,

me diz...

Você existe?

## DIREITO À AUTOESTIMA

Samuel Bittar

CHAPADO, COM UM NEURÔNIO FUNCIONANDO E DEPRIMIDO HÁ DIAS, CLICO EM MINHA FOTO DE PERFIL. EM UM LAPSO DE MEMÓRIA, NO MEIO DE UMA LESEIRA DO PREENSADO, PENSO:



Descrição de imagem: a imagem mostra um desenho com a seguinte descrição no topo:

a descrição “Chapado, com um neurônio funcionando e deprimido há dias, cliço em minha foto de perfil. Em um lapso de memória, no meio de uma leseira do preensado, penso:”. Em seguida, logo abaixo, há uma pessoa vestindo uma calça, com cabelo curso e dizendo, em uma caixa de diálogo, “Nossa, essa foto parece aquelas fotos de pessoas trans que morrem por suicídio”. A pessoa olha para o celular, que, ampliado em uma caixa, mostra uma foto e comentários.



## **DIREITO À SAÚDE, POLÍTICA PÚBLICA DE IDENTIDADE E VIOLÊNCIAS SISTEMÁTICAS A CORPOS DISSIDENTES**

*Samuel Bittar*

É urgente e possível o exercício dos direitos e cuidados com a saúde sexual dos nossos corpos! Porque saúde é também direito à sexualidade. É igual e conjuntamente urgente práticas em que nossos corpos narrem sobre si mesmos!

E não me venha com a tentativa escrupulosa de me acusar de “pós modernista” como algo idiotizado, liberal, ou obra de uma “ficção política”... É fato, tá vivo, tá operando. O corpo é símbolo de leitura e narrativa. *Esses corpos* também estão no mundo se compondo materialmente em coletivos. E apesar de você e sua desonestidade, as mais plurais experiências de vida continuam em construção para além do seu negacionismo.

A linguagem simbólica está nas bases construtivas de nossas relações. A desassociação ou a polarização de natureza-cultura é uma farsa conceitualmente trabalhosa! Não há nada mais biológico (no sentido mais humano) como a cultura! Como a multiplicidade de relação, subjetivação e organização social como é!

Quando pensamos políticas públicas de saúde (porque toda política é de saúde) sob a ótica da identidade essencialista-biológica, estamos aplicando aos corpos uma memorosa violação.

Para iniciar, me vem a seguinte retórica: A quem se deve a autoridade de falar sobre saúde de si e relação consigo se não o autor do próprio corpo? Que projeto de saúde social é este e para que o serve finalissimamente?

A política pública vigente é invariavelmente uma política de identidade, e esta realidade impede o acesso e o direito aos nossos corpos, como também inviabiliza cuidados, sentidos diversos de cuidado e tecnologias não hegemônicas de cuidado com o corpo.

Por exemplo, o que é voltado à mulher é voltado a todas as mulheres? Que mulheres são essas? Mulheres se constituem socialmente apenas como mulheres? Quais





os sentidos de procura de cuidado para esses sujeitos mulheres? A categoria de “mulheriedade” é suficiente para responder ao cuidado com o corpo da mulher?

Me é perigoso aquilo que é oculto, isto porque compreendo que a identidade é um fenômeno *expansivo* e *contra-expansivo*, pois busca caminhos subjetivos de *manutenção narrativa*. E, pasmem! Nossas identidades estão em crises! (Como não estariam?)

Me preocupam os edifícios identitários, aqueles que validam, viabilizam e se apropriam das identidades dissidentes. Dentre as consequências da identidade que não se revela (pois se compreende como normal-padrão) está o modo de *defesa lógica*, em que suas definições históricas explicitam também suas contradições, o que operacionalmente em nossos modos de relação e organização social promove de modo amplo adoecimentos, embotamento da existência; e violências diversas das práticas mais sorrateiras e burocráticas de dominação. O paradoxo dessas identidades do topo é que estas também nomeiam as identidades subalternas; as expulsam conceitualmente para promover certo *purismo*. É no mais tosco um ranking de existência – como se aquilo que não preenche seus critérios não pudessem existir por si só, apenas a partir de certa lógica-validade. Ao mesmo tempo não se nomeiam como *o outro*, atuam como narradores fidedignos e universais de toda e qualquer lógica. Essas *identidades puras* acabam por “não existir” na consciência por sua impliciteza (não se atribuem de cultura, é aquilo de mais banhado do verdadeiro no sentido platônico) e por isso não cogitam a possibilidade de autocrítica. A autoalienação de sua construção como sujeito não apenas lesa a si, mas constrói em si subjetividades extremamente egóicas, arrogantes, narcisistas e... invejosas.

Sentem inveja dos seus *iguais* (ou melhor conceituando, daqueles em que se tem *afinidade identitária* e de poder) e praticam uma arrogância que revela sentirem-se merecedoras de se apoderar de tudo e todos. E por sentirem raiva de não possuir aquilo que lhes é direito sobre *os outros*, a alienação de sua própria construção o faz burro empaticamente, perigoso e explosivo. Quem sofre com os estilhaços dessa inveja sofre também um ciclo de violência: de classe, de gênero, de raça/etnia, de etarismo, de capacitismo, e assim vai.

Sobre sua autodefesa: agem como se protegessem com todas as suas garras do abalo identitário de estar no topo; temem a incerteza, o fracasso e o descontrole.



Carregam também através de seu poder uma boa autoestima, a possibilidade de ser bom e justo ao poder escolher como um jogo governista quando aplicar o poder ou não.

Por fim, retomo – sem fechar essa densa discussão – aos efeitos nas identidades e corpos subalternos: Quais são os impactos de se narrar corpos com biologias diversas, RGs diversos, cosmovisões diversas quando aplico ao outro a minha categoria de análise impositiva sobre o que ele é e não o que ele se revela ser?

## ESTRITAMENTE CISSEXUAL

*Samuel Bittar*



Descrição de imagem: a imagem mostra o desenho de uma figura semelhante a um rosto de perfil, com pescoço e ombros pretos e face cheia de pequenas linhas, parecidas com pelos, e uma protuberância cilíndrica no centro, que, contextualmente, se assemelha a um clitóris. Ao lado esquerdo, há a frase “Só me relaciono com cis” em uma caixa de diálogo preta, e, logo abaixo, há a frase “Zé Buceta”. No canto inferior direito, há a assinatura “ZAM”.



## **Corpo de ferro, masculinidade de vidro: representações do masculino no cinema hollywoodiano**

*DaLua*

Existem em nossa sociedade papéis de gêneros extremamente delimitados, criados e reelaborados para manter uma “ordem natural” das coisas. Por muito tempo pensou-se que não se fazia necessário debruçar-se sobre a questão da construção social da categoria homem, visto que numa sociedade patriarcal este sujeito já a domina. No entanto, se faz necessário fugir das generalizações e adotarmos um olhar crítico e histórico sobre a temática, tendo em vista que o homem dominador/dominante desta sociedade é também fruto de uma produção social, cultural e histórica, que privilegia um grupo específico do masculino.

A masculinidade hegemônica há muito permeadora de padrões comportamentais e performances sociais, promovendo a ideia de um modelo “verídico” de ser homem, vem sendo cada vez mais confrontada, criticada, chamada a se reinventar. Neste modelo “único” de ser homem, o “falo”, pênis, aliado a determinadas regras comportamentais, tornam-se os legitimadores deste corpo, como um carimbo que confere veracidade a esta masculinidade. Num mundo dominado pela indústria cultural, a filmologia e o cinema, e aqui com ênfase no cinema hollywoodiano, mostram-se como ferramentas poderosas no controle e produção de corpos e ideais de masculinidade e feminilidade.

Exemplo disso são os filmes de guerra, como a franquia Rambo, por exemplo, produzidos ao longo dos anos, especificamente nas décadas de 1980 e 1990. Que construíram modelos e imagens nocivas de masculinidade ancoradas num ideal de virilidade violenta. Representações como o pistoleiro, o soldado, o cowboy, o bem contra o mal são recorrentes nessas produções, que objetivam passar o ideal de determinadas estruturas sociais. A franquia Rambo nos mostra um projeto social e cultural marcado pela valorização do corpo musculoso e a questão militar, disseminando valores conservadores e o patriotismo exacerbado. Nestas produções, feitas por homens brancos para homens brancos, o controle das narrativas se torna uma ferramenta poderosa, já que o corpo (musculoso, viril, branco) reflete o social. Sendo assim, criam e reforçam a ideia de corpos irreais, corpos de ferro e masculinidades de vidro.



## ENSAIO MASCULINIDADES SINTÉTICAS, 2021

*Vitor Fernandes*

Tendo em mente a muscularidade como mais um artifício de identidade masculina no sistema patriarcal, o presente ensaio convida a pensar a relação entre a modificação corporal feita por transmasculinos por meio da hormônio terapia com a feita por homens cisgêneros ícones da hipermasculinidade dos anos 80.



Descrição de imagem: fotografia de uma pessoa, do peitoral para cima, olhando para a câmera. A pessoa tem pele de tom amarronzado, cabelos pretos curtos e lisos, bigode e cavanhaque pretos. Está sem camisa, com uma corrente de prata no pescoço e uma bandana vermelha enrolada na cabeça. Possui uma tatuagem pequena no peitoral esquerdo e no direito.



Descrição de imagem: fotografia com fundo azul claro de uma pessoa de pele alva sentada, recostada no chão, apoiando-se com seu braço esquerdo. A pessoa está segurando um peso de ginástica com a mão esquerda, no chão. É uma pessoa branca, de cabelos curtos escuros e barba curta, vestindo camisa regata branca, shorts pretos e meias brancas, e possui tatuagens nos braços e na perna direita.



Descrição de imagem: fotografia de uma pessoa de pele negra, da cintura para cima, de frente para câmera, em frente a um fundo branco. A pessoa possui barba cheia e preta, assim como bigode. Está vestindo um chapéu de palha, óculos redondos escuros, um terno vermelho por cima de uma camisa verde e, por dentro, outra camisa branca formal. Está fumando um charuto.



## LA MADONA TRANSVESTIGENERE

*Ollie Barbieri*

Classe: Desenho. Tipo de obra: Desenho nanquim e digital. Data de criação: 02/06/2021. Dimensões: 21x26,58cm. Materiais e técnicas: papel canson 200g; nanquim; pintura digital. Edição: 2/2.

Representação divina da Madona trans. “Eis um corpo, o que é ninguém sabe. Por onde passa, avalanche e todos dizem amém.



Descrição de imagem: a imagem mostra o desenho em preto e branco de uma pessoa de frente, com os braços estendidos para os lados levemente para cima, uma manta ou cabelo azul longo, seios com mamilos vermelhos e uma banana sobre os genitais. A pessoa possui linhas na testa, olhos pretos e barba. No peito, há o símbolo da transvestigeneridade (a junção do símbolo considerado da feminilidade e da masculinidade). Ao redor da pessoa, há úteros, pênis, vulvas, olhos, a cabeça de um gato, metade de um sol, um olho, a imagem de uma pessoa representando metade do símbolo da masculinidade, com o corpo reto, e metade do símbolo da feminilidade, com um vestido, e também há linhas circulares e retas por todo o fundo da imagem.



## A (IN)EXISTÊNCIA DOS HOMENS TRANS NA NOSSA SOCIEDADE

*Christopher Santana*

Você acorda em um dia comum. Você liga a televisão e vê uma propaganda comercial qualquer te oferecendo um produto. Você vai ao seu trabalho e conversa com seus colegas sobre assuntos em comum, sobre o dia a dia em comum, sobre coisas da vida. Você entra no banheiro e tem outros homens lá dentro. Você vai a uma consulta com o médico e ele examina você e fala normalmente sobre o seu corpo. Você interage com o Mundo e o Mundo interage com você. Isso acontece durante o seu dia... Se você é um homem cis.

Quando você é um homem trans as coisas são diferentes. Você acorda em um dia comum. Você liga a televisão e vê um comercial de absorventes sendo estrelado por atrizes, a propaganda deixa bem claro que aquele produto se destina somente às mulheres, isso se repete com remédios para cólicas ou qualquer produto ginecológico. Então você pensa “Mas existem homens que menstruam”. Você vai ao seu trabalho e conversa com seus colegas, você até tenta criar conversas em comum, mas é difícil quando as “coisas de homem” se resumem em ter um pênis e tudo de interessante a se fazer com ele, é impressionante como até urinar se torna um assunto. Você pensa muito se deve ou não entrar no banheiro, e quando decide entrar, sente alívio se não houver ninguém mais lá dentro. Você vai a uma consulta no médico e quando fala sobre o seu corpo ouve a pergunta: “então você é uma mulher que virou homem?” você pode até tentar dizer: “Não, eu sou um homem trans, eu nunca fui uma mulher”, mas isso não vai te poupar de ouvir: “Certo, mas então você tem um **órgão genital feminino**, né?”.

Você tenta interagir com o Mundo, mas o Mundo se recusa a interagir com você. Nas imagens, nos sons, nas vozes e até mesmo no silêncio, é como se tudo dissesse: “Você não existe aqui, você não é parte disso”. Isso acontece dia após dia quando você é um homem trans.

Eu nasci sendo um homem trans em uma família evangélica tradicional. Assim como muitas pessoas LGBT, conheci o lado mais extremo do preconceito desde cedo. O



que as pessoas costumam pensar é que a transfobia se resume unicamente a esse lado, o ódio explícito, alguém pregando que ser LGBT é errado, te chamando de aberração ou demônio, alguém tentando “te curar”, te exorcizar, ou te batendo, dizendo que você irá para o inferno, etc. A verdade é que a transfobia não é apenas aquilo que nos mata fisicamente, a nossa exclusão, nossa invisibilidade na sociedade é o tipo de transfobia que passa despercebido, é uma agressão mais silenciosa e que não nos mata por um simples motivo;

- Ela sequer nos permite existir.

A invisibilidade dos homens trans na sociedade é algo que está diariamente nos diálogos, nas conversas e nas falas de pessoas cis e infelizmente de muitas pessoas trans também. É espantoso que muitos de nós não damos conta de como nossas identidades são negadas o tempo todo e quando paramos para pensar sobre isso vemos que nossa exclusão na sociedade é algo constante. Não considerar a possibilidade de uma pessoa ser trans faz parte do comum, é como se ser cis fosse **o normal** ou o certo, o pensamento automático da maioria das pessoas é que nós desejamos “nos consertar” através do uso de hormônios, mudança de documentos e procedimentos cirúrgicos, é como se tivéssemos que nos adequar à normatividade da sociedade trans-excludente em que vivemos. Para pessoas cis, é como se nascêssemos sendo mulheres e quiséssemos “mudar de sexo” nos transformando em homens e lutássemos constantemente para sermos as tais “pessoas normais”. O que não passa pela cabeça das pessoas é que nossa **identidade de Homens Trans** deve ser reconhecida e normalizada, tornar-se comum tanto quanto a do homem cis.

Não existem apenas homens, existem homens cis e homens trans, existe uma grande e importante diferença entre os dois, duas identidades, vivências e corpos diferentes um do outro, não há problema com isso, ambos pertencem ao gênero masculino, ambos são homens, porém diferentes e é necessário ressaltar esse ponto, é necessário ressaltar que não é ofensivo para um homem trans ser diferente do homem cis, não é ofensivo para um homem trans ser um homem trans.

“Se você não dissesse que é trans, eu nem saberia. Isso jamais iria passar pela minha cabeça”. Com três anos em testosterona, escuto frequentemente esse tipo de comentário, e quem diz isso erroneamente pensa que está fazendo um elogio.





A questão aqui é que homens cis não são nossos modelos, um homem trans, diferente do que a maioria pensa, não precisa basear a construção de si mesmo na imagem de um homem cis. Um homem trans não precisa tomar hormônios ou fazer qualquer mudança física se não desejar, pois se ele descobriu-se como um homem trans, reconhece que nasceu sendo um homem trans, isso significa que seu corpo e sua identidade pertencem a um homem trans, então não existiria uma obrigatoriedade em mudar alguma coisa. Um homem trans pode muito bem assumir que seu corpo pertence somente a si mesmo e a mais ninguém, sendo assim conseguir reconhecer cada parte do seu corpo como parte do corpo de um homem trans; no entanto, esse processo de desconstrução e independência da própria identidade pode ser diferente e mais demorado para uns do que para outros. Para mim, esse processo foi demorado e difícil, como é para muitos.

A gente não sabe se dentro do vazio vai surgir alguma coisa, ou se vai continuar sempre vazio. O vazio é um lugar sem tamanho, sem forma e nem cor. Não dá pra saber se alguém apagou a luz ou se é a gente que não enxerga.

Há vazio de dentro pra fora e vazio de fora pra dentro.

Eu me sentia assim antes de me descobrir como um homem trans, na completa escuridão. Eu olhava para as minhas fotos e sabia que tinha alguma coisa errada no que eu via, mas eu não sabia o que estava errado, eu me sentia incomodado com elogios, com o nome que as pessoas me chamavam, eu me odiava e não sabia por quê.

Eu sempre soube que gostava de homens, então foi difícil entender o que eu era, já que durante a minha infância eu só ouvia falar sobre gays e lésbicas, e como eu cresci frequentando a igreja, eu aprendi que qualquer coisa semelhante a isso era pecado. À medida que o tempo foi passando, o medo crescia dentro de mim, eu achava que eu tinha algum problema, mas para mim era impossível rejeitar tudo o que eu sentia e eu não queria fazer isso de jeito nenhum, eu fazia de tudo para mostrar que eu não era como uma menina, eu desprezava qualquer coisa vista como delicada ou feminina e até me forçava a fazer coisas que fossem lidas como masculinas, mesmo que eu tivesse ainda alguns interesses, como maquiagem, eu os rejeitava, mas sabia que ser uma “Maria macho” não bastava para mim, algo ainda estava faltando.





Com quase dezessete anos de idade, eu me entendi e então me assumi como homem trans, comecei a bater de frente com a minha família por finalmente ter descoberto o que era tudo aquilo que eu sentia desde sempre. Eu estava saindo da escuridão interna na qual eu vivia sempre procurando uma luz, mas sem nem saber o que exatamente era essa luz ou o que ela significava. Quando, enfim, descobri essa luz, eu me libertei da minha escuridão e acabei entrando na escuridão do mundo. Ser um homem trans nessa sociedade é algo realmente solitário, é vagar pelo escuro com as mãos estendidas procurando encontrar alguém por perto, você segue caminhando sem saber se o que tem à sua frente é uma estrada ou uma rua sem saída. Você nunca tem certeza se pode correr livremente ou se vai se chocar contra uma parede e cair.

Eu me lembro de que eu costumava fechar os olhos e me deitar e quando não sentia mais o meu corpo, eu desejava com toda a fé que meus seios desaparecessem, eu imaginava que eles poderiam diminuir de tamanho gradativamente até sumir, mas quando eu abria os olhos e olhava pra baixo eles ainda estavam ali. Sempre que alguém me chamava no feminino, sempre que eu me sentia agredido, eu culpava meu corpo por isso, eu castigava meus seios com pancadas e pensava que talvez um dia me irritasse o suficiente para fazer com que eles sumissem com meus socos. Eu me via como um homem “preso no corpo errado”, como muitas outras pessoas trans se definem. Demorou um pouco, mas um dia consegui perceber que eu não tinha nascido em um corpo errado, eu sempre fui um homem trans no corpo de um homem trans que nasceu em uma sociedade excludente, uma sociedade transfóbica.

Fazer parte de uma minoria significa não estar rodeado por pessoas iguais a você. Em especial, ser um homem trans significa, na maioria das vezes, ser o único em algum ambiente, o único aluno trans da sala de aula, o único no trabalho, o único na família. Você acaba se sentindo o único no mundo por não se ver representado pelas mídias. Vê que o seu corpo não está incluído nem mesmo em textos informativos sobre saúde quando você faz uma pesquisa simples e você vê sempre a vagina sendo citada como “o órgão sexual feminino”, mas, afinal, a palavra vagina é muito mais simples do que dizer tudo isso, não é? A insistência do mundo em dizer o tempo todo: “você não é um homem, você não existe, esse mundo não é seu” é o que me traz a necessidade de escrever esse texto.

Eu aprendi que o Mundo é um lugar grande, mas com pouco espaço.



### Qual espaço que nossos corpos ocupam?

Sobre nossos corpos temos vários problemas a serem corrigidos, não nas formas do nosso corpo, mas na maneira como elas são vistas e descritas. As pessoas cis costumam nos descrever como “homens que nasceram biologicamente como mulheres” ou até “Homens com um corpo feminino”, já vi os próprios homens trans se descrevendo dessa forma, pra mim isso é pura besteira. Volto a defender a ideia de que, se somos homens trans, significa que nunca fomos mulheres e, se nunca fomos mulheres, então nunca tivemos um “corpo de mulher”. Temos o nosso próprio corpo, meu corpo é meu e de mais ninguém, homens trans têm seios de homens trans, têm curvas, útero, vagina, vulva de homens trans, menstruam como homens trans, possuem delicadeza de um homem trans, masculinidade de um homem trans, não há algo feminino em nada disso, porque, afinal, nossas vivências e nossos corpos são transmasculinos.

Para concluir, o que eu posso dizer é que eu simplesmente adoro homens trans, considero que uma das melhores decisões que já tomei foi a de me relacionar apenas com homens trans, o termo homossexual é o que melhor me representa, pois me sinto livre em estar com pessoas iguais a mim que compartilham da mesma vivência entre outras questões. O fato é que homens trans são incríveis como são. Hoje, posso dizer que amo fazer parte dessa comunidade, que embora ainda não seja tão unida quanto eu gostaria que fosse, é uma comunidade linda. Nós somos reais e existimos assim como todas as outras pessoas e identidades, nossos corpos existem e devem ser citados, as nossas vozes precisam ser ouvidas, precisam ter som, precisam estar em um volume mais alto. Precisamos existir... Cada vez um pouco mais.

## ARTE DE DANTE SALDANHA



Descrição de imagem: a imagem mostra o desenho em tons de cinza de uma pessoa de costas se olhando em um espelho oval, em uma parede com ladrilhos. A pessoa está usando binder, tem cabelo curto e um brinco circular e está pintando uma barba em cor laranja no rosto.



## PROJEÇÕES DE EUFORIA

*Nicolas Vasconcelos*

Projetando mundos que podem não ser a realidade

Me destaco da verdade

Vendo Silfos saltarem pelo ar

Desdobro em forma e sensação

Troco os pés pelas mãos

Sinto a gravidade me puxar

Vario do cético ao frenético

Me batizo com energético

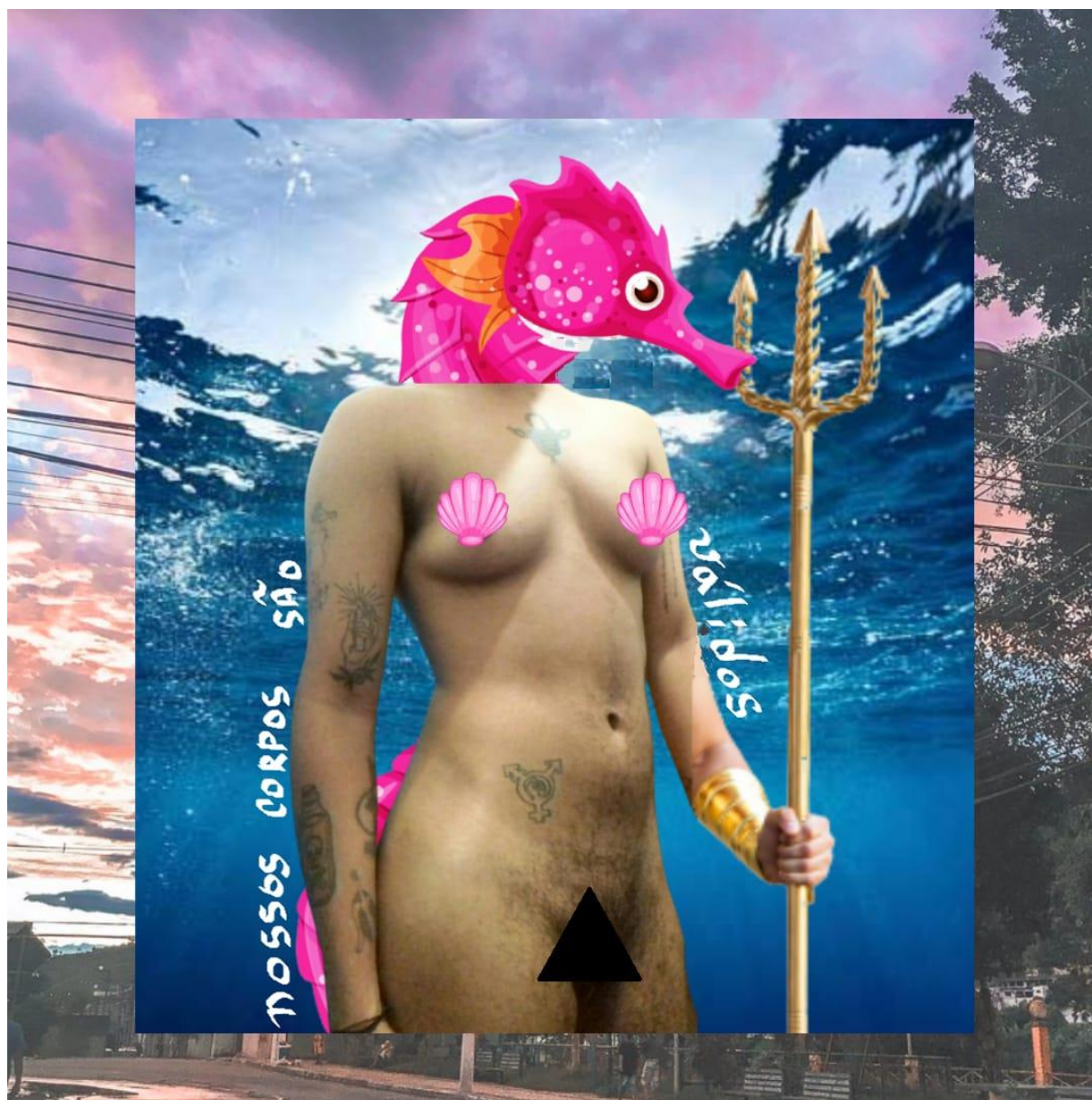
Esperando esta festa na minha cabeça acabar



## ARTES DE THÁRCILO LUIZ

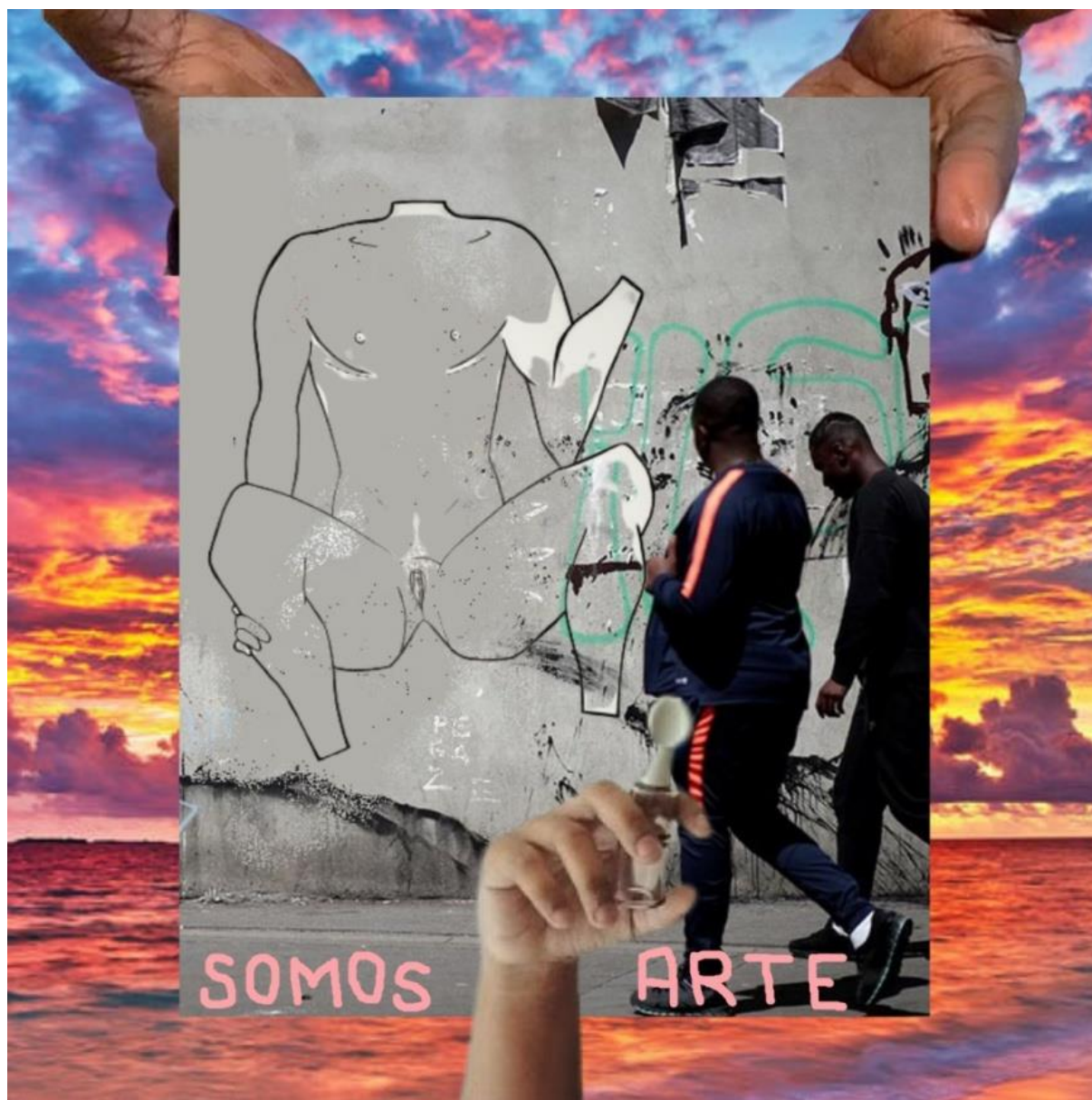


Descrição de imagem: a imagem mostra uma colagem digital com o fundo de um céu azul atrás dos galhos pretos de uma árvore. Por cima do fundo, no centro, há a imagem de uma folha com o desenho de um corpo dos joelhos até o pescoço, por trás da bandeira trans (de cores azul, rosa, branco, rosa e azul, respectivamente). Dos ombros, saem cinco folhas pretas, e há mais cinco folhas pretas logo abaixo do corpo. No canto superior direito, há a frase “Homens com T de”, e no canto inferior esquerdo há o complemento “trans”. No canto superior esquerdo, há uma mão segurando uma ampola de testosterona, figura que se repete no canto inferior direito.



Descrição de imagem: a imagem mostra uma colagem digital com o fundo de um céu azul com nuvens rosa, atrás de fios elétricos, árvores e uma rua. No centro e por cima do fundo, há uma pessoa debaixo d'água, de perfil, com uma cabeça rosa de cavalo-marinho, com conchas rosa cobrindo os mamilos e um triângulo preto cobrindo os genitais. A pessoa possui um bracelete dourado na mão esquerda, com a qual segura um tridente. Do lado esquerdo da pessoa, há a frase “nossos corpos são”, e do lado direito há o complemento “válidos”.





Descrição de imagem: a imagem mostra uma colagem digital com o fundo de um céu azul com nuvens rosadas e amareladas e um mar. Da parte superior, duas mãos seguram uma colagem cinza que se sobrepõe ao fundo. Nesta colagem, na parte esquerda, há o desenho de um corpo sentado, com as pernas abertas para frente, sem os dois pés, a mão esquerda e a cabeça. Na parte direita, duas pessoas andam viradas para a esquerda. Há um grafite verde atrás delas. Na parte inferior, há a frase “somos arte”, interpelada por uma mão que surge do mar e que segura um *pump*.

## AFETO

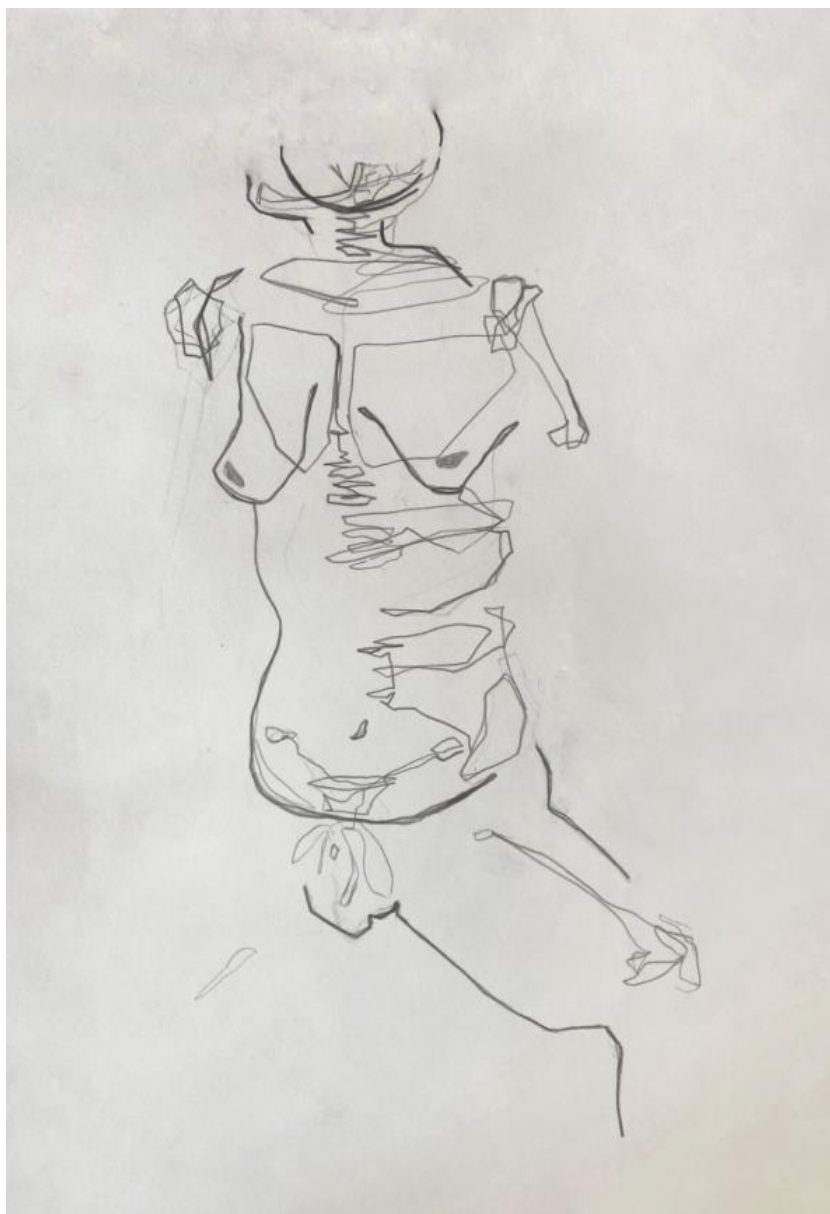
*Max V Boas C Ribeiro*



Descrição de imagem: a imagem mostra a pintura de três pessoas em um fundo preto, se abraçando e de olhos fechados. Na parte esquerda, há uma pessoa vermelha de frente, com um piercing no nariz e cabelo curto, seu rosto envolto pelo braço da pessoa no meio, que é azul e está de lado, virada para a esquerda, também com cabelo curto e com dois brincos na orelha. A pessoa azul é abraçada nas costas por uma pessoa laranja de cabelo azul, que está com a mão no braço da pessoa azul e recosta sua cabeça nas costas da mesma.

## SEM TÍTULO

*Max V Boas C Ribeiro*



Descrição de imagem: a imagem mostra o desenho de traços que, em conjunto, formam a figura de um corpo, em uma folha branca. O desenho forma parte de uma cabeça, dois seios, barriga, genital e uma coxa.



## TARDE DE QUARTA-FEIRA

Max V Boas C Ribeiro



Descrição de imagem: a imagem mostra a pintura de duas pessoas em um recinto. O chão é vermelho, a parede esquerda é branca e a direita é preta, e o fundo é uma janela ou porta de vidro; através do vidro, há uma pessoa, um fundo branco e figuras semelhantes a móveis. Uma das pessoas azuis está sentada em um colchão dourado, veste algo preto na cintura e uma camisa curta branca, possui cabelo azul, brincos, e usa uma meia preta e outra preta com listras brancas, e está fumando; possui a perna cortada e a cintura. Ao lado esquerdo, há um gato preto e branco e uma garrafa de vidro com um líquido roxo dentro. Ao lado direito, há um objeto retangular azul no chão e, sobre ele, um copo com um líquido roxo. A outra pessoa azul está de frente para a outra; também possui cabelo azul, usa um colar branco curto, uma meia amarela e segura um copo com um líquido roxo; possui o braço direito cortado duas vezes, o pescoço, o seio esquerdo e a perna esquerda, tal como o pé direito. O interior de seus corpos, visível pelos cortes, é vermelho. Ao lado direito, há um cinzeiro e um isqueiro.



## MÃO-BOBA<sup>1</sup>

Alcan

[aviso de gatilho: assédio/transfobia]

Quando a gente está empregado, trabalhando naquele horário mais desejado, de segunda a sexta, das oito ou nove até as cinco ou seis, se não é exaustivo demais a ponto de querer só dormir e se a grana é suficiente para a subsistência, dá muita vontade de sair no final de semana. Tomar uma cerveja. Gastar de alguma forma o dinheiro conquistado depois de fazer nada para si, tudo por ele.

Além disso, sair é uma maneira de conhecer pessoas bacanas, não é mesmo? Fazia tempo que eu não ficava com ninguém. Minto, ficava de vez em quando, mas não era lá muito satisfatório. As pessoas tinham muita dificuldade em leitura corporal. As que eu beijava — algumas — até conseguiam me chamar no masculino, mas a magia acabava quando elas me viam sem roupa. Daí não tinha jeito, até podiam ainda falar no masculino, porém estavam pensando no feminino. Ou tocando no feminino. Eu podia sentir.

Talvez o problema fossem minhas tentativas de conversar com as pessoas ao invés de apenas juntar nossas bocas. De preferência, no escuro e equipado com um packer. Então naquele dia me preparei para ir na balada. A boate nem era na capital. Parecia uma ideia muito ruim. Contudo, era *gay friendly*. Isso tinha que contar para alguma coisa.

De fato, havia alguns veados. Havia muitas meninas. Havia *boys* héteros. Havia todo mundo. Provavelmente era a única festa da cidade. E havia eu e meu amigo Kai.

Perguntei-me se conseguiria me misturar. A maioria das meninas dançava no meio da pista, a maioria dos meninos olhava para elas apoiados nas paredes. Um grupo chamava mais atenção que os outros, porque tinha meninos que soltavam gritinhos e iam dançar sarrando ao máximo a bunda nos garotos das paredes. Gostei quando Kai pegou minha

---

<sup>1</sup> Nota do autor: Esse conto faz parte do livro "Histórias que eu gostaria de ler", cuja versão digital em PDF, ePub e audiolivro encontram-se disponíveis gratuitamente. Para ler ou ouvir outros contos você pode acessar: [edissidentes.wordpress.com/historiasqueeugostariadeler](http://edissidentes.wordpress.com/historiasqueeugostariadeler)



mão e me levou até eles. Pareciam ser as pessoas que mais se divertiam. Comecei a dançar, ainda que timidamente, comparado aos meus companheiros de festa.

Depois de algumas cervejas, passos de uma coreografia inventada levaram uma moça para perto de mim. Tinha os cabelos pintados de loiro, olhos puxados e perfume forte. Deixava o corpo perto do meu com bastante intimidade e confiança. Rebolou na minha frente, apoiou as mãos nos meus ombros e falou em meu ouvido:

— Meu marido volta pra cidade segunda.

Engasguei com minha bebida e sorri para ela:

— Que ótimo, não?

Busquei Kai com o olhar. Ele justamente queria fumar um cigarro. Deslizamos pela multidão até a área externa. Enquanto eu procurava minha comanda para aventurar-me na fila e comprar outra cerveja, Kai acendia um cigarro e tentava me atualizar dos principais babados de toda aquela gente que eu não conhecia. Ele tinha voltado à cidade onde nasceu fazia alguns meses, era a primeira vez que eu vinha visitá-lo. O cigarro ia sendo fumado pela noite enquanto ele falava, cada frase aumentando as cinzas num cadinho. O Kai reparou, mas se abalou em nada. Como se o objetivo de fumar fosse me contar do mundo, não tragar tabaco.

Sem pressa e sem interromper o assunto, fomos nos movendo na direção do bar. Uma menina apareceu meio agarrada em outra, bloqueando nosso caminho. Elas definitivamente eram jovens. Talvez até menores de idade. Se o segurança da porta tinha me poupado o constrangimento de mostrar meu nome de registro, por que outras criaturas consideravelmente mais bonitinhas também não teriam o mesmo privilégio? Ou devo dizer direito?

As duas davam risadinhas. É difícil acreditar que, depois de tantos anos de luta feminista, estou descrevendo o comportamento de mulheres dessa maneira. Jovens que davam risadinhas. Mas elas davam. Pior, as risadinhas pareciam vir reto ao meu encontro. Direcionadas. Seria isso um flerte? Era um povarê ali, meio apertado naquela área aberta, então logo estávamos extremamente próximos. Antes que eu pudesse fugir, a da direita soltou-se da outra e gritou por cima da música:

— Você é homem ou mulher?





Bingo. Não era a melhor maneira de começar, porém eu podia lidar com isso. Quero dizer, numa realidade hipotética, se um adulto, ou quase adulto, faz uma pergunta dessas, talvez ele tenha um bom motivo. Talvez o ajude a, por exemplo, saber que pronome usar, nessa dimensão hipotética onde a gente continuaria se falando o suficiente para precisar de pronomes. Por isso respondi:

— Sou homem. — Minhas opções eram limitadas.

Ela sorriu. Poderia ser confuso, mas razoável, sorrir se um desconhecido lhe conta que é homem. O tipo de reação mais ou menos adequada ao perguntar intimidades para um estranho. Porém, rapidamente, ela decidiu que não seria razoável, nada de mediocridades com a novinha da balada. Ela precisava fazer o inimaginável. Erguer a mão e agarrar meu peito.

— Não um de verdade — comentou, apesar, cabe ressaltar, do meu binder e dos meus peitos pequenos.

Meu mamilo não se sentiu tão aberto a comentários. Nessa época, andava tão tímido que usava binder todo tempo, então meus dedos rapidamente partiram em sua defesa, agarrando a mão da garota e baixando-a com força.

— Vem aqui que vou fazer você agarrar o pau de um cara pra ver se é de verdade.

Eu segurava forte em seu pulso. Ela e eu nos encarávamos. A garota tinha medo, evidentemente. Um homem com pau em potencial tinha grande probabilidade de ser mais perigoso do que eu. Dava para ver dentro dos olhos dela. Dava para ver que ela não tinha coragem, que, mesmo jovem, ela sabia bem o que podiam significar homens, principalmente os que ela considerasse verdadeiros. Dava para ver que ela conhecia opressão.

— Isso você não se anima, não? — berrei, mas minha voz vacilava.

Meu ódio tentou ser melhor direcionado. Não era a moça, era o mundo. Meu aperto ficou mais frouxo. Ela e sua amiga foram embora correndo. Eu e meu amigo trocamos suspiros parados.



Precisava escapar daquele tanto de gente em volta. Falei que ia ao banheiro. Kai foi atrás fazer minha segurança, mas alguém o parou para cumprimentar. Decidi ir para rua, contando novamente com a boa vontade do segurança.

Meu mijo correu entre o vão dos carros estacionados. Sentei no meio-fio e enrolei um baseado. Para fumar sozinho, sem dividir com ninguém.

Senti o cheiro da minha urina e afastei o pé para impedi-la de alcançar meu tênis. Queria não me sentir tão na merda. Algumas pessoas passavam, entrando e saindo da boate. Em minha cabeça, comecei a trocar os gêneros delas. Quanto mais eu fumava, mais bem acabada ficava cada transição. Aquela menina de salto daria um bofe gostoso. Aquele moço barbudo seria uma gracinha com um pouquinho de perlutan. A mulher beijando um rapaz num canto já tinha todas roupas masculinas, faltava só arrumar os documentos. Já aquele outro, de nariz empinado, daria uma travesti chiquerrima, que provavelmente seria referência de Instagram. Relaxei um pouco, saboreando a imagem dessa gente de outra forma. Não havia mais ninguém novo para eu mudar.

Forçando a visão, reparei num garoto de jeans, moletom e boné que saía da festa meio se arrastando. Decidi que ele definitivamente ficava melhor no modo masculino do que no feminino. Depois de dar considerável quantia de passos, o rapaz apareceu na minha frente:

— Você sumiu, cara. Tá querendo ir embora? Podemos ir.

Kai tinha olhos que queriam ser animados, mas eram um pouco tristes. Sorri um sorriso igualzinho aos olhos dele:

— Não, meu. Quer saber? Seus amigos daqui são muito legais. Vamos ficar mais com eles.

A gente passou pelo segurança abraçados. Cogitei procurar a moça perfumada que gostava de dançar perto. Só para dar minha contribuição em destruir lares felizes. Vai que ela tinha filhos que acordavam de noite, ou vizinhos fofoqueiros cuidando as janelas. Podia valer a pena. Deixei escapar um bocejo. Ainda bem que vodca com energético era dos drinques mais em conta. Padê daria ainda mais preguiça, por causa da perspectiva de ressaca horrorosa.



Kai abriu espaço no nosso grupo de dançarinos. A bicha mais próxima jogou um beijinho no ar para mim. Ela era belíssima. Kai, do meu outro lado, não parava de me lançar sorrisinhos. Tomei um gole do meu kit. Era só uma festa, uma noite de tantas, conhecendo gente que estava fazendo parte da vida de um amigo querido. Arrisquei rebolar um pouco em volta dessas duas pessoas ótimas. Não ia ser ruim. Eu não permitiria.



## DESCULPA POR SER HOMEM – DISFORIA QUEERCORE

*Kaetê Okano*

*Dani Brandão*

A ferro e fogo fui moldado

Não responda, olhar baixo

Nas esquinas, um pedaço

De carne domesticado

Me ensinaram a temer

(E fizeram por merecer)

Predando o meu prazer

Mas não posso me esconder

Eu vou hesitar 10mil vezes

Antes de me dizer homem (2x)

Gineco, obstetrícia

Por eles, somente “vista”

Não importa o quanto insista,

Não querem que eu exista

Inda tem os mano preto

Do sistema não escapa



Transicionam pela vida

Que a polícia caça! (2x)

Eu vou hesitar 10miil vezes

Antes de me dizer homem (2x)

Seios cravados por dores

A roupa caída no chão

Minha roupa rasgada por dedos

Minha pele feita de mãos

Dedos invadem meu peito

Meu corpo caído no chão

Minha carne rasgada por dedos

Meu choro rasgado de mãos

Nem o discurso feminista

Me oferece alguma pista

E às vezes serve de isca

(E às vezes serve de...)

Nem o discurso feminista

Me oferece alguma pista



E às vezes serve de isca

Pra nos destransicionar

(Pra nos destransicionar!)

Eu vou hesitar 10mil vezes

Antes de me dizer homem (2x)

Mas “homem é privilégio”

“Com homem nunca dá certo”

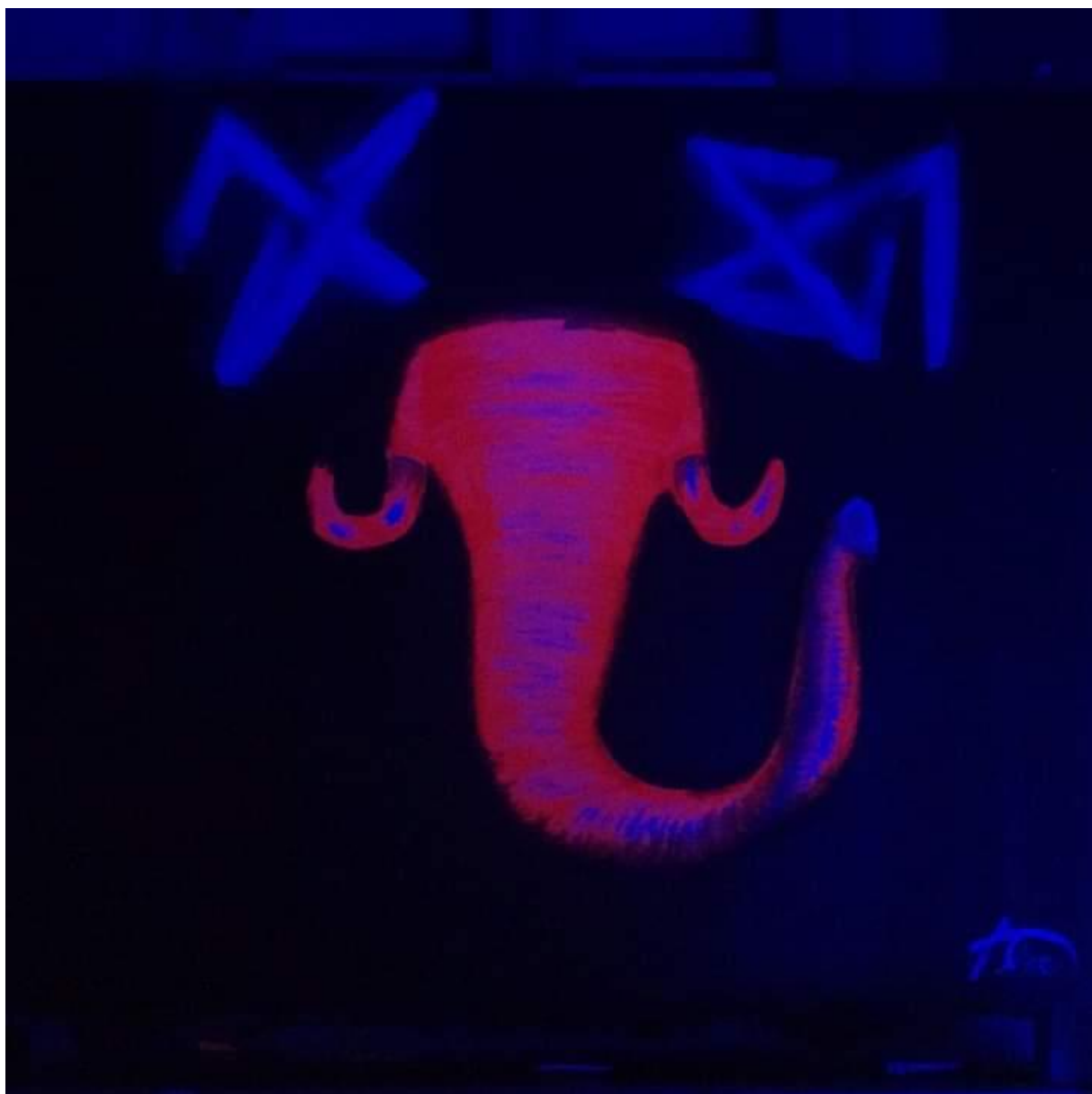
“Homem tem que ser extinto

Só salva porque tem pinto” (2x)

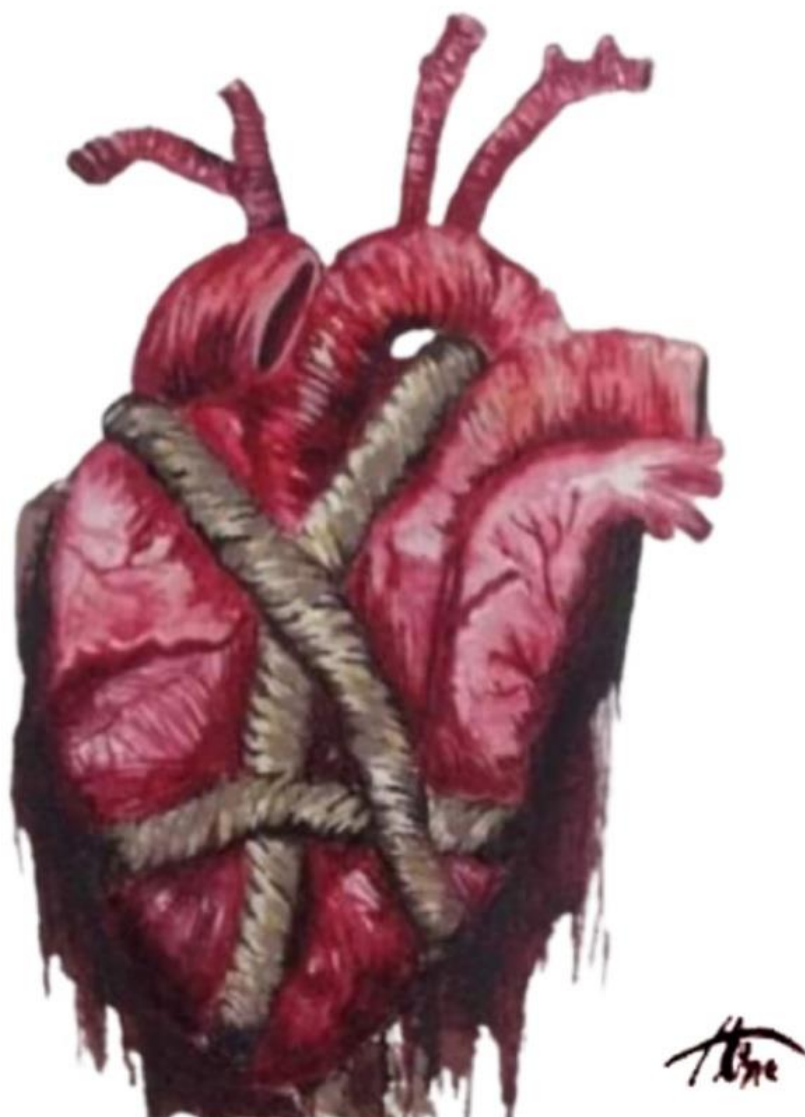
“Só salva porque tem pinto” (+3x)



## ARTES DE MIKA KALIANDREA



Descrição de imagem: a imagem mostra uma gravura com cores fosforescentes vermelhas, azuis e pretas. Na parte superior, há duas figuras azuis semelhantes a um “X”, porém com as finalizações dos traços se estendendo em traços transversais. No centro e entre as duas figuras semelhantes a “Xs”, há uma figura vermelha com sombreado em linhas azuis. A figura começa uma base longa que se afina gradualmente, desembocando em uma espécie de cauda para a direita. Das laterais da base longa, surgem dois prolongamentos finos, que começam virados para baixo e depois apontam para cima. No canto inferior direito, há a assinatura de Mika Kaliandrea em azul.



Descrição de imagem: a imagem mostra a gravura de um coração vermelho completo, com artérias e veias no topo, amarrado por cordas marrons, em um fundo branco. As bordas do coração estão manchadas de vermelho. No canto inferior direito, há a assinatura de Mika Kaliandrea.



Descrição de imagem: a imagem mostra o desenho em preto de uma pessoa deitada, com as pernas cruzadas e um braço apoiando a cabeça, em um fundo branco. A pessoa possui cabelo curto, barba e seios. No canto inferior direito, há a palavra “LIAN”.



Descrição de imagem: imagem com fundo branco atravessada por linhas pretas e traçados azuis, amarelos, cinzas, vermelhos e verdes. Os traçados azuis, vermelhos e cinzas se cruzam paralelamente em linhas retas. Os traçados amarelos se cruzam na diagonal. Os traçados verdes formam um quadrado no centro da imagem. As linhas pretas formam círculos contínuos e se entrecruzam.

## festas de cu-ra

*ynymagyney carú*

(em algum canto do tempo)

via tudo, a profundidade da ausência de fym do horizonte, e mais para frente, já onde nem meus olhos eram capazes de distinguir muitas cores, elu balançava freneticamente o rabo para o mar, conseguia escutar seu latido como se estivéssemos muito perto um do outro, feliz corria para a água, mordida as ondas, recuava ensopado y frenético, enlouquecido, parecia estar muito feliz. por vezes rolava por toda a areia, e deixava os grãos deslizarem pelos seus pelos com a força das ondas. cheguei a imaginar que se tratava de um processo de cura, lavagem, limpeza, esfoliação, lavagem de alma em caldo, braço de mar vivo.

ynymagyney muitas vezes esse encontro, entre o latido y meus ouvidos, insiste em reconhecer - supostamente apenas - o desejo pela fantasia de uma dita esfoliação em caldo de mar vivo, fazia por um dito tempo que não perdia o ar, que não sufocava a existência e sentia a adrenalina da visita no quase.



corri de encontro com o ynfynyto, sem saber se o que eu via estava ali ou não.  
que diacho de bicho é esse.

aguçado atravesssei aquela parte da praia como um raio, corri como corro no anseio da  
caça e da fome antes de um longo inverno. o ímpeto voraz, não sabia se era de fome ou  
prazer, êxtase, quanto mais rajava o céu e a terra, mais ansiava pelo choque.

guardiões

(em algum canto do tempo)

Estávamos em ato de ação e conjuração de aprendizados yndysyveys, já parte da trilha  
para a construção de passados conjurados num agora fundado na fé de um amanhã que  
consagre a sua efemeridade. guardiões da ausência do que se chama tempo e terreno,  
assinatura e concreto, em ato de se livrar dos mesmos. uma leminiscata que se rasga e  
continua espiralada como que em uma queda constante que se reencontra em uma  
subida infinita.

precisava ser sincero, comigo, com ele, talvez só assim sobreviveria a velocidade na  
qual cheguei enquanto perseguia seu latido na imensidão turva, até mesmo para meus  
olhos felinos.

ali a transmutação não era interrompida, talvez apenas por nós mesmos, a magya da  
conjuração de nossa existência, durante aquele aprendizado, rio, mar, dunas, mata se  
dava soberana. se transmutava o ynfynyto.

choque

(em algum canto do tempo)

no choque me lambeu inteiro, definitivamente não esperava por isso, mas já não havia  
mais cautela, na velocidade que rajei o espaço botei fé no aconchego conhecido do  
latido que já escutava antes da memória do choque, chegada.





olhos castanhos escuros, como um açúcar queimado com jabuticaba, uma fuça desgraçada com milhares de dentes e uma língua grossa, forte, e um pelo sedoso numa régua canina fina.

não podia ynymagynar que foderia sua boca com meu rabo.  
sentir os delírios ensopados de seu cu.  
que me foderia empinado para a lua.  
que te veria ensopar delirante o ninho.

durante a transmutação infinita a energia transborda além do dito corpo da conta de mensurar.

enquanto guardiões de transmutação, impossível não se contorcer no gozo do encontro, grelos vitaminados de T parecem como imãs em delírio.

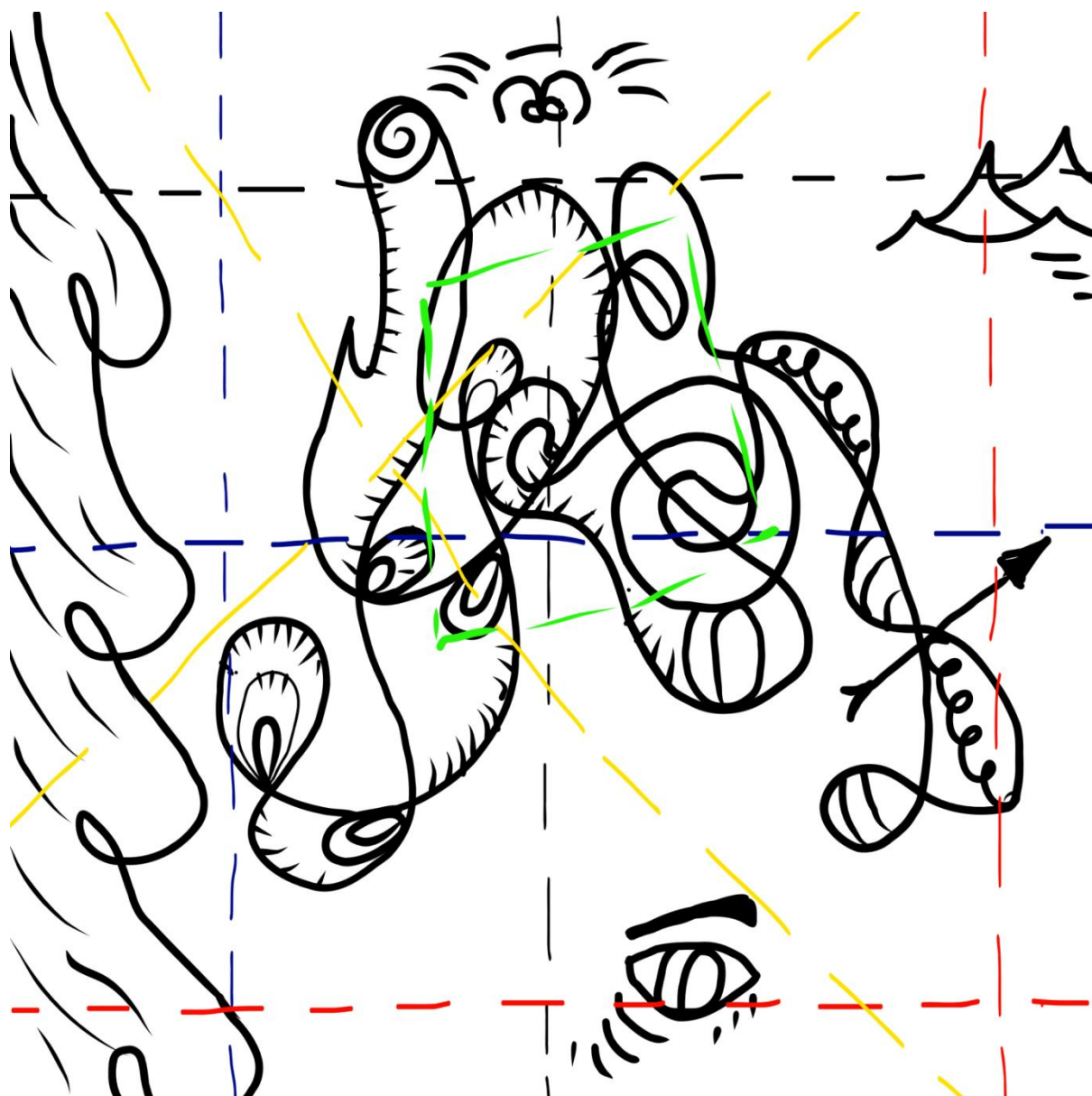
um sabor a morder a bunda daquele cachorro, lascrar um pedaço do pêlo sedoso, se lavar na inundação pós sentir o pulso do grelo na minha boca e da buceta que me segura dentro de si.

e nem se tratou de sonho fantasia imaginada, foi ynymagynável, quando vê já aconteceu, e na verdade ninguém viu, sentiu, rajei sete céus, jamais havia corrido como corri, em disparada.

(em algum canto do tempo)

rosnei o caldo de mar vivo como ele o latia.

fizemos esfoliação juntas. festas de cura.



Descrição de imagem: imagem com fundo branco e linhas pretas e traçados pretos, azuis, vermelhos, rosas, amarelos, verdes e cinzas. Os traçados azuis, cinzas e vermelhos, rosas e pretos atravessam o desenho paralela e perpendicularmente, em linha reta. Os traçados amarelos atravessam o desenho na diagonal, um traçado para a direita e outro para a esquerda. O traçado verde faz um quadrado no centro da imagem. Linhas pretas grossas desenhavam uma figura circular no centro da imagem, com curvas que se envolvem. No canto esquerdo, linhas pretas se enrolam na vertical, como em ondas. Na parte inferior da imagem, está desenhado um olho.

rastros de desejos y encontros de amor, paixão y êxtase

(em algum canto do tempo brasil covid-19)

## MULTIPLICAÇÃO

*Marcos Vinícius*

Canetinhas em papel canson, folha A3. Esse é um personagem que criei no começo da pandemia ano passado, quando passei por situações complicadas com o meu corpo, na verdade criar esse ser foi uma forma de desabafar tudo.





Descrição de imagem: a imagem mostra a pintura de um ser que se dispõe da seguinte forma. No centro, há uma elipse vertical com bordas azuis e interior laranja com traços azuis. Na parte inferior da elipse, há um círculo preenchido de azul, e, na parte superior, uma fechadura preenchida de azul. Há duas metades de elipses nas laterais da elipse central, semelhantes a triângulos. A elipse superior esquerda tem bordas amarelas, preenchimento azul-claro com traços azuis e possui um círculo preenchido de preto na base e uma fechadura preenchida de azul no topo. A elipse inferior direita tem borda vermelha, preenchimento metade verde, no topo, e metade azul, na base, ambos com traços escuros; tem uma fechadura azul no topo e um círculo com bordas laranja e preenchimento preto na base. A elipse superior direita tem borda rosa e preenchimento amarelo com traços escuros, e uma fechadura com preenchimento azul no topo e um círculo com preenchimento preto na base. A elipse inferior direita tem bordas azuis e preenchimento amarelo com traços escuros, com um círculo com preenchimento preto na base e uma fechadura azul no topo, e rodeada de uma linha grossa preenchida de azul-claro com pontos escuros. Ao redor desse conjunto de elipses, há traços pretos e azuis e figuras verdes semelhantes a braços, sob um fundo amarelo com bordas vermelhas. No centro superior da folha, há um olho com fundo vermelho, íris amarela e pupila retangular. Ao redor, há traços de jogo-da-velha, pontos e linhas alternados, de cores laranja e azul.



## AULA DE VÔO

*Nicolas Vasconcelos*

Feche os olhos

Segure a minha mão

Tire os pés do chão

Comece a levitar

Deixe o vento levemente a sua tez tocar

Liberte a mente

Ponha para fora o que o coração sente

Revele sua luz

Atravesse seus medos

Seja agora reflexo

Do seu mais profundo desejo





## **Por seres tão inventivo e pareceres contínuo,**

### **Tempo, tempo, tempo, tempo: És um dos deuses mais lindos**

*Coletivo GUAPES (marina, duds, gab, lau, mar, nine e sereno)*

Ei, pra quem tá lendo! Esperamos que esse texto lhe encontre bem, ele é fruto de uma experiência coletiva de escrita. Nós, sete guapes, já nos conhecemos há algum tempo, no ativismo, na arte, nos bafos, nas terapias... cada qual desde um canto do país, nessa rede que é muito mais antiga e extensa do que podemos imaginar.

Começamos a nos constituir enquanto grupo mais ou menos formal no ano passado, quando a gente se viu mergulhada nesse tsunami que foi a pandemia e pensou em tocar um projeto de podcasts sobre saúde mental e autocuidado para ativistas trans. Enviamos essa proposta pra um edital gringo e a gente teve muita garra de ter continuado, ainda que de outras formas, mesmo sem conseguir esse recurso. O podcast ainda não saiu, mas a gente decidiu tentar construir um espaço de acolhimento entre nós, pra começar a desenvolver essas ideias sobre o autocuidado coletivo, mas principalmente para viver essa experiência na prática. Durante o ano, nosso empenho foi tentar nos constituir enquanto grupo, refletindo e praticando, pesquisando a partir de nossos corpos e relações. Como é possível estar juntas, respeitando e acolhendo o Tempo de cada ume?

As tardes de sextas são nosso momento de “suspirin”, quando nos encontramos para um respiro das tretas da vida, de nosso tempo sempre querendo ser capitalizado, mal considerado e mal remunerado. Nesses encontros, a gente constrói coisas muito necessárias, porque nós e nossa galera, que está constantemente sugada por demandas absurdas, precisamos muito criar modos de se manter de pé e seguir navegando. É bem bonito que nos encontros, nas trocas, nas conversas, vai surgindo uma pluralidade de estratégias, algo bem forte para lidar com tanta transfobia e outras barras que são difíceis de segurar sozinhas.

Quando vimos a chamada para a submissão nessa revista transviada, decidimos traduzir, de alguma maneira, o que temos produzido juntas. Marcamos alguns encontros online para aprofundarmos em nossas experiências terapêuticas e afetivas em grupo, como esse lugar de potência e de elaboração coletiva, de estarmos juntas como uma manada,



que se une em forças, carinhos e propósitos. Também trocamos sobre nossas inquietações e experimentações dos usos e não-usos da testo e sobre as perspectivas multiversas de se nomear e compreendermos e (des)construirmos nossos corpos e trânsitos de gênero.

Decidimos manter a escrita nesse tom oral, suave, de conversa, pra que você que está lendo se sinta pelo menos um pouquinho mais perto. Como também somos movidos pelo imprevisível, pela espontaneidade, surgiu essa prosa. Vem ver!

**Nine:** Agora acho que foi. Todo mundo se ouvindo? Cês tão bem? Como foi a semana de vocês? O que foram pensando pra esse encontro, ao longo da semana?

**Gab:** Eu posso comentar uma coisa. Não sei se todo mundo faz terapia ou se faz análise. Até porque são coisas mais ou menos diferentes... A psicanálise tem outra proposta de relação, entre o analista e a pessoa. Eu sou analista, né? O que eu queria comentar, na minha análise, minha analista é lacaniana, né? Aí, tem esse rolê que chama “tempo lógico”. Então, não é como se todas sessões fossem 50 minutos, assim como a gente vê nos filmes: “seu tempo acabou, continuamos nesse ponto na semana que vem”. Como se independente de onde que a pessoa tá falando ou não, tivesse que cravar ali e encerrar. Não. Na minha prática com psicanálise, o tempo é medido de outra forma, tem a ver com o que tá sendo colocado ali. Tipo assim, se a pessoa diz alguma coisa muito importante, a gente encerra ali. Fala: vamo ficar por aqui. Pra que ela leve com ela aquele impacto do discurso dela. É muito mais sobre a lógica do que tá acontecendo, do que com o tempo cronológico.

**Lau:** Qual é o nome disso?

**Gab:** Tempo lógico. Aí, ontem a minha sessão teve, tipo, cinco minutos. E é muito doido porque, para muita gente, isso é um absurdo né? A gente paga o mesmo valor! Tipo assim, independente de quantos minutos forem, a sessão tem o “mesmo” valor. Aí falam: nossa que absurdo! Você paga tanto por cinco minutos... Mas, a partir do momento que você está naquele jogo ali, você entende que os cinco minutos foram suficientes. Que era sobre aquilo. Aí queria ver com vocês como é essa lida com o tempo da sessão; se é uma coisa que vocês sentem, se vira um tema de reflexão...



**Nine:** A minha análise é bem parecida com a sua, e teve uma das sessões que durou vinte minutos. Foi a primeira que rolou com pouco tempo, e fiquei muito frustrado. Ela disse: “falou, valeu”. Foi a vez que eu escrevi onze páginas, não, sei lá... oito páginas em letra 11 e mandei pra pessoa. Mas é, tipo, porque a gente tava se conhecendo... Várias coisas. Hoje foi engraçado porque durou muito mais do que normalmente dura, sei lá, 50 minutos. Mas é isso, aos poucos, com o tempo, cê vai entendendo a parada. Às vezes você conversa umas coisas muito intensas, que tem que digerir muito depois, em cinco, dez, vinte minutos.

**Lau:** Faço análise também e eu acho muito engraçado, porque... sempre dura 38 minutos! E quando chega nos 38, tipo, exausto. Independente do que eu tiver falando. Isso deve ser porque eu sou muito, tipo, eu preciso saber que vai durar 38 minutos. Daí, acho que ela já percebeu também. Sempre 38 minutos! Assim, eu sou do método, e preciso saber exatamente quando vai acabar. Mas engraçado, porque não percebi assim... Não foi logo no primeiro dia, tipo: vou sempre falar 38 minutos. Mas logo fui percebendo: meu Deus! 38 minutos! Mas daí que eu percebi, óbvio que não consigo mais escapar.

**Duds:** Ai gente, eu sou o contrário. Não tô fazendo agora, mas quando eu tava, não sei se é análise, não sei diferenciar. Mas ela é junguiana. Dava cinquenta minutos, às vezes, até uma hora. Aí ela falava: “no próximo encontro...” e eu “O QUÊÊÊ? Já acabou? Já passou uma hora e eu ainda não falei nada!” Sou uma pessoa que gosta de falar né? Daí eu acho que pra mim é pouco. Principalmente quando acaba. Ter que esperar uma semana, já vão ser outras coisas. Eu entendo que faz parte, mas pra mim é um pouco frustrante acabar. Ainda mais que é numa sexta-feira, aí tem a semana inteiraaa. Se fosse segunda, acho que falaria menos, mas sexta, a gente está querendo né? Desabafar, no mínimo.

**Gab:** Será que tem essa diferença mesmo, entre o que é desabafo, o que é uma elaboração? A gente mesmo vai percebendo como em diferentes momentos a gente aciona diferentes discursos, né? Hoje eu tô aqui só pra reclamar, tipo... beleza, muito massa. A própria pessoa vai percebendo do que ela tá falando... É muito sobre isso. Se ouvir, de que lugar a gente fala, qual posição estamos ocupando.



**Duds:** Assim, eu percebo isso nos atendimentos que eu faço com a massagem, das pessoas que fazem com uma frequência né? Semanal, quinzenal. Nas primeiras vezes é isso, muito desabafo, uma torrente de coisas, sabe? Às vezes não consegue nem relaxar durante a massagem. Mas, com o tempo, já é muito mais tranquilo, sabe? As palavras já são mais... mais sucintas. A pessoa ainda vem, desabafa, mas já não tem as palavras desordenadas. Aí o relaxamento é outro, a respiração da pessoa é outra. Inclusive porque a massagem auxilia muito nesse processo, né? Eu percebo muito isso, também na minha trajetória com a terapia, mas também vejo que é muito do perfil das pessoas. Tem muita gente que às vezes fica esperando uma provocação, tem gente que chega já... aquela coisa tempestiva. Percebo que também fazia isso na análise, em diferentes momentos. Com o tempo você vai chegando numa conversa mais tranquila, você vai tocando em alguns lugares, como na massagem mesmo vai tocando. Aí você percebe este lugar que tem que tocar, que tem que trabalhar mais, às vezes de um jeito mais sutil, às vezes de um jeito mais intenso, né? Então eu percebo que são técnicas diferentes, terapias diferentes, mas que às vezes tem caminhos parecidos, como tocar em certos lugares, tanto físicos, quanto emocionais, espirituais, tal...

**Gab:** Muito massa!!! Isso me fez pensar em como que uma frequência, tipo assim, em como que uma continuação do processo é importante, né? Tanto na terapia, quanto na massagem, quanto no nosso espaço aqui, né? Assim, quando a gente se propõe a ter alguma repetição daquilo ali é que vai sendo possível também refletir sobre o processo, se posicionar de uma outra maneira, né? Entender melhor aquela dinâmica. A periodicidade ajuda a aprofundar... Tudo! Eu tava lendo hoje sobre calistenia, aquele tipo de exercício que usa só o peso corpo. E aí a frase do cara era essa: "Tudo na vida precisa de consistência". E na hora eu ri e achei engraçado. Mas é disso que a gente tá falando aqui também né, constância, consistência, dedicação. São qualidades importantes desse trabalho.

**Sereno:** Sim, eu acho que tem a ver também com uma percepção mais cíclica do tempo e menos linear, se você percebe o tempo como uma linha reta né, tipo assim, do zero aos 44 minutos ou aos 38 minutos, tipo... meio que você fragmenta a experiência, fragmenta o tempo. Quando você vai criando esses ciclos de repetição, seja repetindo as sessões, repetindo os encontros, dando uma continuidade pro diálogo você dá uma amolecida no tempo, né? Dá uma plastificada no tempo. Porque aí você pode voltar em outros pontos onde você passou antes - e aí justamente isso que você falou, observar os movimentos, se



deslocar, né? Ver, tipo: ai, eu pensava isso por essa perspectiva, mas agora eu já não sei, tô pensando assim. Mas eu não deixo de pensar do outro jeito também [...]

**Gabz:** Puts... que pena! A bixa caiu.

**Duds:** Caiu. Justo na hora que tava falando, mas assim, pra mim, eu sinto, eu percebi isso também, por exemplo: como a gente foi adiando essa conversa e não se encontrou no meio do caminho, eu confesso que dei uma desanimada... internamente, sem eu perceber mesmo. Eu vou colocando a minha energia em outros lugares. Então a coisa da constância pra mim é bem importante também. Não uma constância obrigatória, mas que eu incorporo no meu dia, né? Assim, nem que seja pra pensar sobre aquilo, faz muita diferença assim. E quando a gente consegue manter uma frequência dos nossos encontros, às vezes nem precisa ser no mesmo dia, é bom porque a gente se organiza porque né, a vida é toda doida. Quando a gente se fala, pelo menos no grupo mesmo, troca e conversa no grupo, pra mim já me traz mais. É... me sinto mais animado, com mais disposição, com mais presença também. E lógico, que também respeitando os dias em que não é possível e tal, mas eu sinto que faz muita diferença quando uma coisa tem uma frequência, sabe? Principalmente agora, acho que depois da pandemia fez muito mais sentido porque como a maioria das coisas são dentro de casa, né? Os encontros externos são dentro de casa, então pra não misturar muito minha rotina, minha rotina doméstica... a coisa da continuidade faz eu entender melhor, a gente até já conversou sobre isso nos encontros passados, sobre como que a gente tá entendendo nosso tempo agora sem essa coisa de sair tanto de casa quanto antes. Então, pra mim é um estímulo mesmo, uma motivação na verdade, isso da frequência.

**Nine:** Que lindo isso né, da frequência ser uma motivação, um estímulo, acho que vale pra várias atividades e coisas que eu gostaria de cultivar na vida, manter esse contato também quanto motivação, potência de vida, também...

**Duds:** Eu sinto que é como aprofundar também, porque a profundidade ela não vem imediata né, ela é muito sutil. Eu acho que a frequência traz esse lugar. Até pra gente conseguir trabalhar pra além das palavras, né? Acho que os encontros que não são tão frequentes ou que são mais pontuais e tal, a gente tem essa coisa, uma euforia de se encontrar, aí tem muita palavra envolvida, igual eu falei aquela coisa de que nos primeiros atendimentos as pessoas falam muito e depois a gente consegue se comunicar de outras formas também, até com o silêncio, ficam menos constrangidos com o





silêncio... Conseguem se comunicar até virtualmente de outras formas, sem ser com as palavras... eu acho que, hoje em dia, a gente vive outro constrangimento. Tipo, a gente tá numa videochamada e aí ninguém fala nada, aí fica aquela coisa... é mais difícil de lidar do que presencialmente, né? Porque a gente tá trocando de outras formas, então eu acho que eu tô aprendendo a fazer isso também virtualmente.

**Nine:** Eu sinto que essa frequência, pelo menos na terapia, tem me ajudado muito a organizar a minha rotina, assim. Eu sou uma pessoa que tem sempre muitas coisas acontecendo, né? E eu vou encaixando ao longo da semana o que que eu tô fazendo. Então, consequentemente, não ter uma agenda muito fixa, me deixa um pouco perdida no tempo, assim. E aí eu sinto esses encontros e a terapia como marcadores de tempo tipo mais fixos, constantes e também de auto-observação, assim né? Você consegue, tipo, se comparar, quanto tempo faz que eu tava me sentindo daquela forma? Como estou agora? sei lá... Tá sendo bom pra organizar várias funções.

**Gab:** Sim, teve um dia que a gente falou disso... por que descanso é só sábado e domingo? Por que a gente teria que seguir essa semana? Que outras divisões temporais, outros jeitos de viver o tempo dá pra gente criar? Claro que tem a rotina de trabalho, né? O dia útil, mas como ir burlando um pouco disso, criando outras marcações de tempo?

**Nine:** Eu tentei fazer um rolê muito engraçado que foi viver, organizar as coisas, de 48 em 48 horas, né? Que daí ia dar tempo de descansar, né? De me curtir um pouco, dar uma organizada e o que eu fiz foi procrastinar tudo! Tipo: ah, não, eu tenho 48 horas pra fazer isso, então tá! Eu vou fazer depois, depois quando eu vi eu tava levando três ou quatro dias pra limpar minha casa, sabe? Tipo, umas coisas assim que você vai embolando, sei lá...

**Mar:** Ai, gente. Essa fala de rotina e de tempo tá me deixando... me fazendo pensar que hoje eu devia cozinhar o almoço aqui. Aí eu pensei: "ah, tá! A gente grava uma hora, meio dia vou, dale rápido e não vou fazer almoço quatro da tarde pra outres, né! Só que... eu não sei, porque Marina não tá chegando, e a gente não tá começando... e eu não sei o que fazer! Tipo, eu super entendo... mas esse rolê da gente gravar isso, eu tô sentindo que tá se arrastando muito... Não que eu ache que a gente tem que gravar sem ele, necessariamente. Eu só tô compartilhando essa situação. Eu até me posicionei na cozinha, mas eu acho que vai ser difícil eu fazer isso e prestar atenção ao mesmo tempo... (risada nervosa). Eu tô numa rotina que eu tô trampando muito e eu não tô



prestando atenção... Nem sei quando é folga, porque eu não tenho fim de semana. Eu só vou tramando. Às vezes eu paro, mas tipo... percebo que tô num ritmo bem acelerado.

**Sereno:** É... eu tô percebendo os tempos muito loucos também. Tô sentindo que tô acumulando várias funções. Acho que até um período bem recente da minha vida, acho que final do ano passado, eu tava sentindo a minha vida bem estagnada, sabe? Assim, com coisas pra fazer e tal, mas tanto a minha energia meio estagnada, quanto até os outros movimentos mesmo, de trabalho e tal. Aí virou o ano e começou a acontecer uma coisa atrás da outra, corre de qualificação de doutorado, mudança de casa, trampo, freela de numseiquê, nossos encontros... Parece que tudo foi começando a acontecer. E rola um pouco essa coisa, num sei quê que cês acham, mas agora que a gente tá vivendo esse momento de consolidação dessa era digital, que a coisa já vinha numa crescente, e agora com esse negócio de pandemia a coisa se consolidou como a Norma do Rolê, né? Relações cyberpunk assim... aí rola essa coisa tipo: "você tá em casa, você tá disponível. Num tem que pegar ônibus..." Uma série de coisas que envolvia deslocamentos... então agora meio que a coisa é: você tem que tá disponível o tempo inteiro. E o próprio lance com as chamadas também, das pessoas te verem online, quererem falar com você e te cobrarem que você responda naquele momento. Agora tá todo mundo online praticamente o tempo inteiro, mas geralmente fazendo coisas. Inclusive procrastinando, porque, eventualmente, a gente precisa procrastinar e descansar também, né? Acho que tem essa linha tênue da procrastinação quando ela vira um negócio que começa a complicar a vida da gente. Eu sou um mega procrastinador crônico, então eu lido com isso bem cotidianamente, com essa dificuldade em me organizar com os meus tempos e cumprir os tempos que eu mesmo me proponho, eu vou me enrolando, às vezes... enfim. Mas também me preocupo um pouco com esse lance da nossa gravação. Eu tô num dia mega apertado, apresento seminário amanhã, tenho que vacinar e tenho uma aula a tarde. Nem sei como vou conseguir articular essas coisas todas... E hoje também é dia de feira, então eu preciso, no máximo, meio dia e meia, encerrar. Complexo, né? A gente não sabe o que rolou com o Marina... Não sei se a gente tenta marcar outro dia pra fazer a gravação... Acho que, de todo jeito, tamo gravando esse encontro e tamo brisando sobre coisas legais que eu acho que talvez podem integrar também essa nossa proposta. Acho que a gente precisa conversar pra entender o que fazer.



**Nine:** Eu gostei dessa proposta de a gente encerrar um pouco antes, meio dia. E ir brisando por aqui... Mil coisas se atropelando, tem que lidar com isso...

**Gab:** Eu sinto que a gente até já tem material! A gente pode escrever sobre nossos tempos. Gosto muito que o nosso grupo sempre tem sido um metagrupo. A gente tá sempre conversando sobre o que é ser um grupo, como que a gente vai conseguir ser um grupo, como que a gente vai conseguir fazer isso respeitando o tempo de cada um, sendo que cada um tá num canto do país, com um tipo de trabalho diferente, de rotina, exaustão, disponibilidade de saúde mental... Como que a gente não vai deixar ninguém pra trás, mas ao mesmo tempo vai continuar caminhando? Acho que hoje é só mais um retrato, né? Do que a gente é! Pra mim, já dá pra gente produzir algo a partir disso. Quando a gente tava pensando sobre essa gravação, já tinha aparecido várias propostas de escrever depois, por cima da transcrição. A gente muda o texto, ficciona que a gente pode ter falado! Não tem que ser uma transcrição literal, né? Marina pode contribuir! Sinto que é bom a gente já começar a transcrever, a dar um formato... porque o tempo tá apertado.

**Lau:** Eu tava pensando de seguir essa conversa num docs. Alguém abre lá, vê como tá a transcrição e insere uma parada. Alguém depois vai lá e conversa com essa pessoa. Talvez seja uma possibilidade pra gente conseguir trabalhar com esses tempos diferentes que a gente tem.

**Duds:** Já que a gente tem essa proposta de ficcionar, eu pelo menos entendo que é mais livre! Eu sinto que a gente vai colocar nesse docs coisas que a gente já falou em outros encontros... A gente sempre fala: "ah, a gente podia ter gravado isso!". Mas tá gravado, né? Tá incorporado. Entrando na proposta do que a gente ia conversar, do que que é esse grupo, pra mim... O que me fez querer estar aqui presente, primeiro, foi essa coisa de a gente respeitar nossas individualidades, particularidades de tempo... isso é muito importante. Isso, pra mim, já é a questão do autocuidado. E o que me provoca de estar sempre aqui é a disponibilidade. Eu sinto que ,quando a gente tá aqui, a gente tá presente. E quando não tá, ao mesmo tempo tá, de outra maneira. a gente lida com muito cuidado essa questão das imprevisibilidades. Nós somos pessoas que não vivemos scripts já escritos pra muita gente. Somos aqui exemplos vivíssimos que não somos, não seguimos script nenhum. A gente tá escrevendo o nosso próprio. E eu entendo que nossos encontros são muito isso também. A gente planeja coisas e é muito



importante se organizar, mas eu sinto que a gente lida de uma forma leve com as imprevisibilidades. E isso é o que me motiva de estar aqui também, de entender que nossa vida é cheia de imprevisibilidades mesmo. Pra todas as pessoas são assim, mas pra certas pessoas é muito mais, são muitos corres, muitas emoções, dores... Outras formas de perceber o tempo... Eu sinto que, pra mim, o que me traz estar aqui é a forma como tenho entendido o cuidado, inclusive dentro da militância. Tem a ver com esses respeitos e cuidados nesses lugares. E como a gente tem lidado com esses contratempos que têm surgido em relação à gravação. Acho que tem sido uma boa oportunidade de a gente... acho que podemos até escrever sobre isso: como foi ao mesmo tempo desafiante, mas sinto que estamos lidando com uma forma leve com esses contratempos. É, também, uma coisa que pode ser colocada, transcrita.

**Nine:** Acho que fica como todos os nossos encontros: mais fluido, menos rígido o processo.

**Gab:** Gostei. E eu acho massa porque, de alguma forma, todos nós trabalhamos com a escrita, né? Em vez de ser uma conversa falada, uma conversa escrita, tem um outro lugar também.... Escrever é diferente de falar. Acho legal experimentar esse outro tipo de conversa. É muito bonito pensar esse mix de formatos.

**Sereno:** Eu lembrei aqui de uns exercícios que eu participei ano passado. Teve um exercício que foi num minicurso que a Jota deu, que era um rolê de todo mundo se apresentar falando ao mesmo tempo, contando um sonho marcante que teve. Ela tava gravando e o rolê era que todo mundo abria o microfone e começava a contar ao mesmo tempo, trabalhando com esse lance da multivocalidade. Ela tá super nessa pira. Foi um exercício bem louco e bem legal, você ia contando o seu sonho e ouvindo fragmentos dos sonhos das outras pessoas, imaginando os seus fragmentos compondo ali, a fala. Acho que rolaria super fazer um experimento nesse sentido também. Acho que pra transcrever seja um pouco complicado. Um lance pra gente pensar. E um outro, foi num grupo de estudos que a galera abriu um documento que era bem legal, porque cada um escrevia e a letra saía automaticamente numa cor diferente. Todo mundo ia escrevendo coisas ao mesmo tempo, e aí você podia escrever onde outro tava escrevendo, alterar o texto de outro... E, depois, a gente conversou sobre esse exercício. Foi muito legal porque rolaram vários conflitos também. Uma galera mais apegada àquilo que tava escrevendo, à forma, e ficou meio bolada, porque tava lá mandando a poesia e aí



chegava alguém e escrevia alguma coisa tipo em cima, ou mudava o texto. E umas galeras que piraram na coisa de compor junto. Foi bem legal! Acho massa nisso que Lau falou também, porque alguém pode colocar nesse documento um trecho, ou uma história, ou uma narrativa, uma perspectiva e uma outra pessoa complementar isso, dar continuidade ou fazer um corte, sei lá.

**Lau:** E também nem tudo precisa ser transcrição né? Tipo, esse aqui vai pra uma revista, mas a gente pode usar um QR code que leva pra um lugar que a pessoa pode ouvir um áudio, uma gravação...

**Sereno:** Chique, high tech!

(risadas)

*... Ainda assim acredito*

*Ser possível reunirmo-nos*

*Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Num outro nível de vínculo*

*Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Portanto peço-te aquilo*

*E te ofereço elogios*

*Tempo, tempo, tempo, tempo*

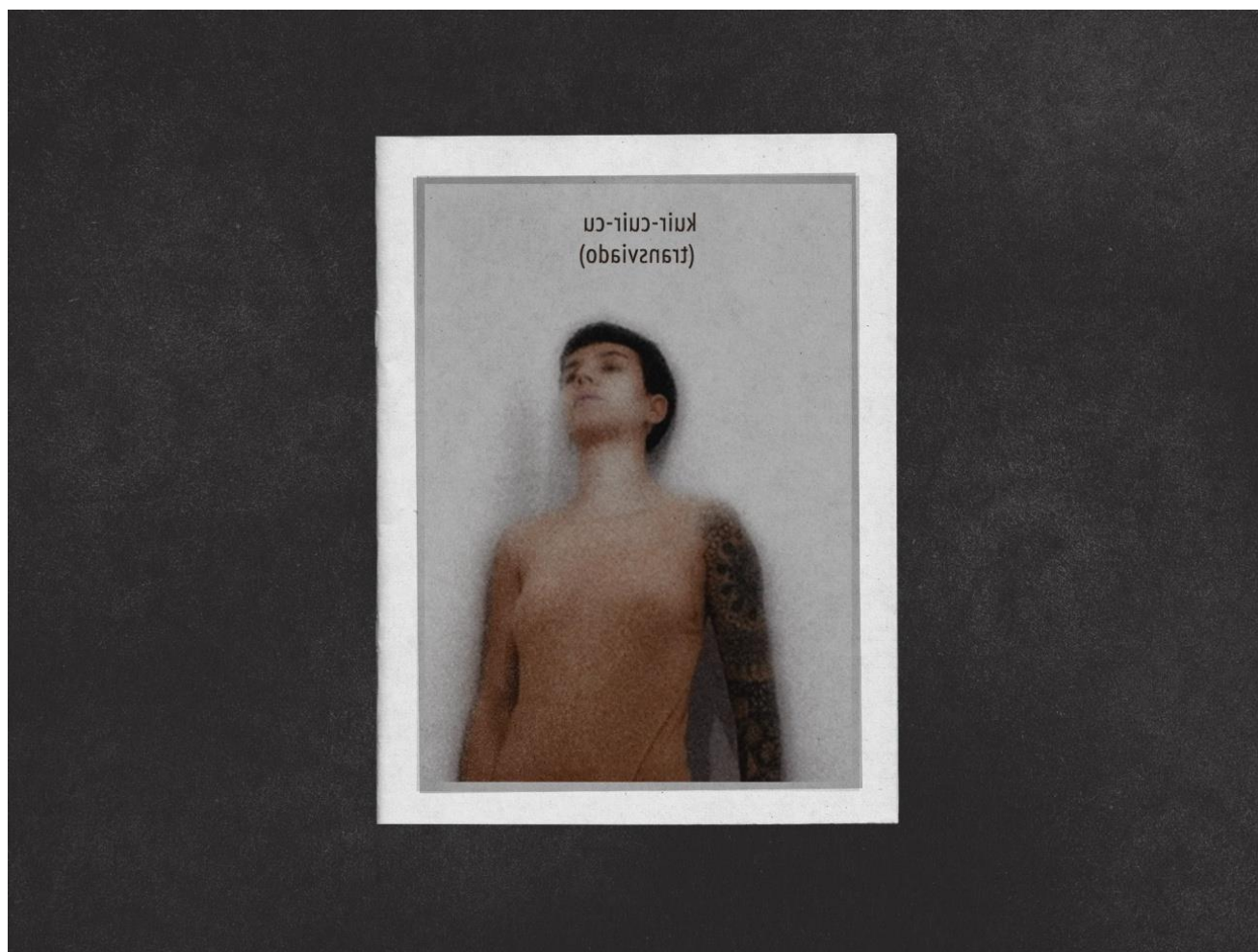
*Nas rimas do meu estilo*

*Tempo, tempo, tempo, tempo...*

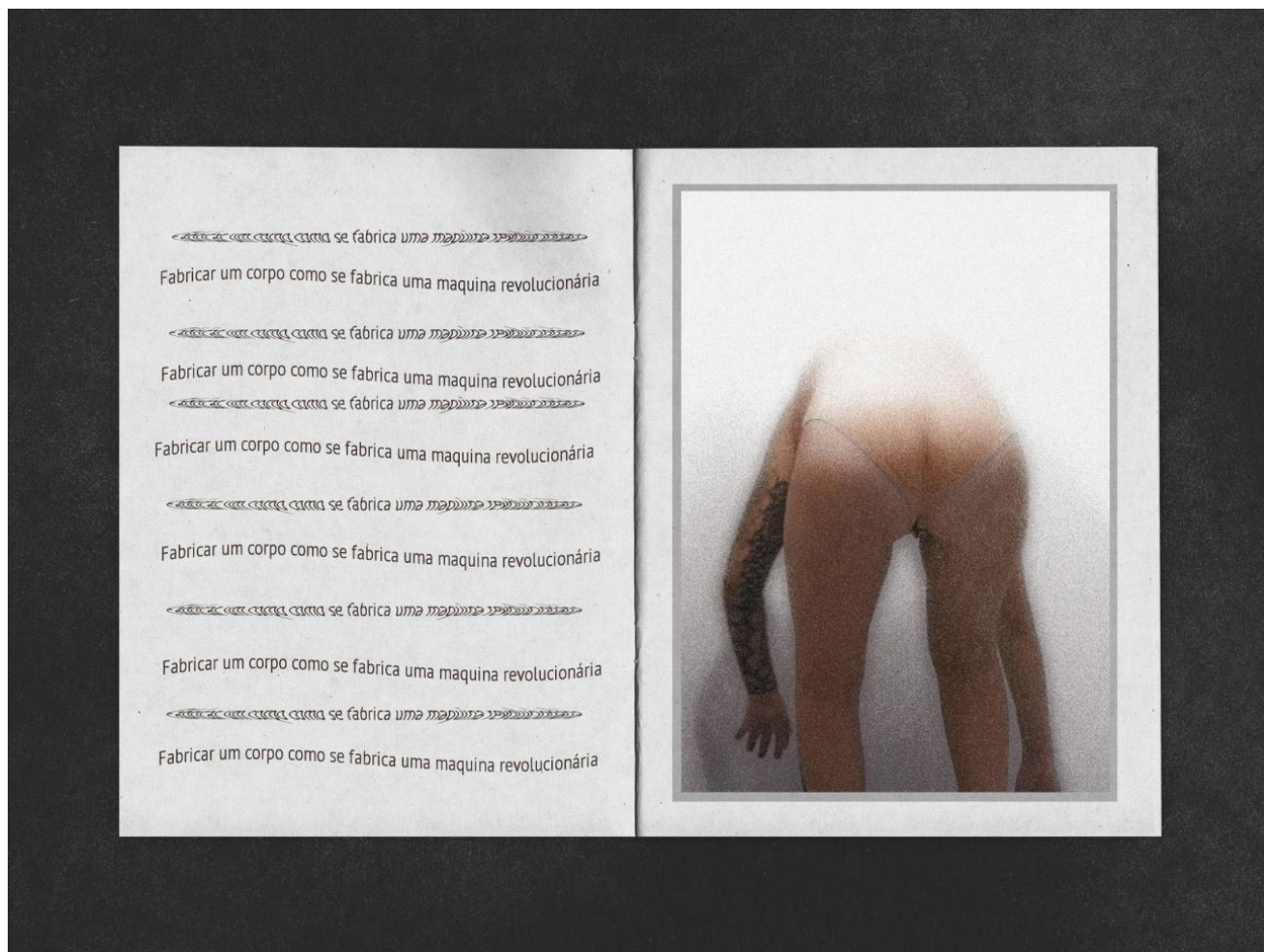
Esse é um gostinho dos encontros do GUAPES. Se quiser saber mais do que estamos confabulando, segue a gente no @guapes\_trans. E não se esqueça, “aconteça o que aconteça, continue a navegar”.



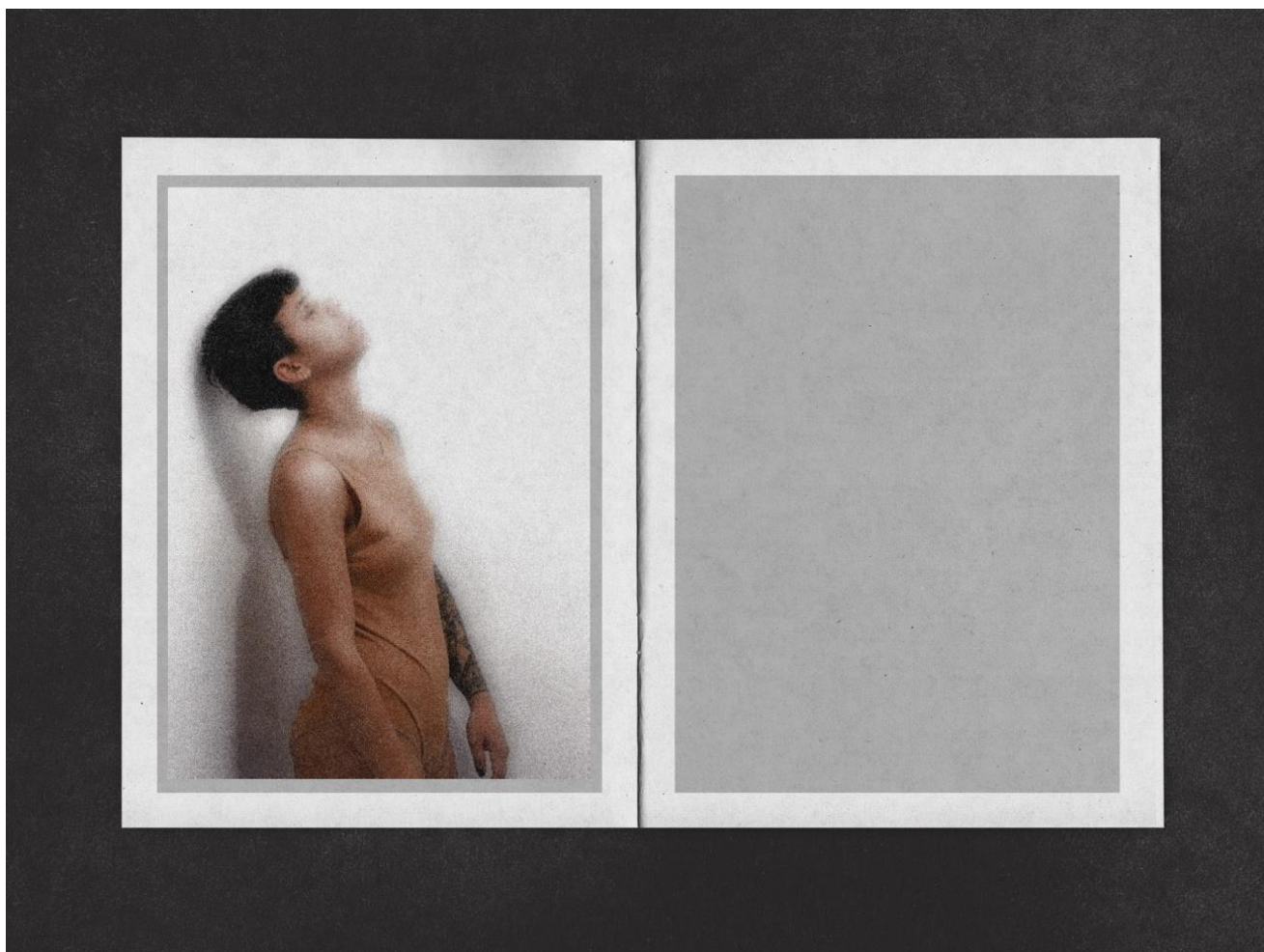
## ZINE SKA BATISTA



Descrição de imagem: no centro da imagem, há a imagem de uma pessoa de frente, com uma camisa bege, tatuagens no braço esquerdo e cabelo preto curto, olhando para o longe. Acima de sua cabeça, há a frase ao contrário “kuir-cuir-ku” e, em parêntesis logo abaixo, a palavra “transviado”. Essa imagem é contornada por uma moldura branca, e está disposta em um fundo preto.



Descrição de imagem: no centro da imagem, rodeado de um fundo preto, há a frase “fabricar um corpo como se fabrica uma máquina revolucionária” escrita repetidas vezes sobre uma folha branca, e, ao lado, há uma pessoa de costas e agachada, vestindo uma espécie de maiô bege, com os braços caídos para frente.

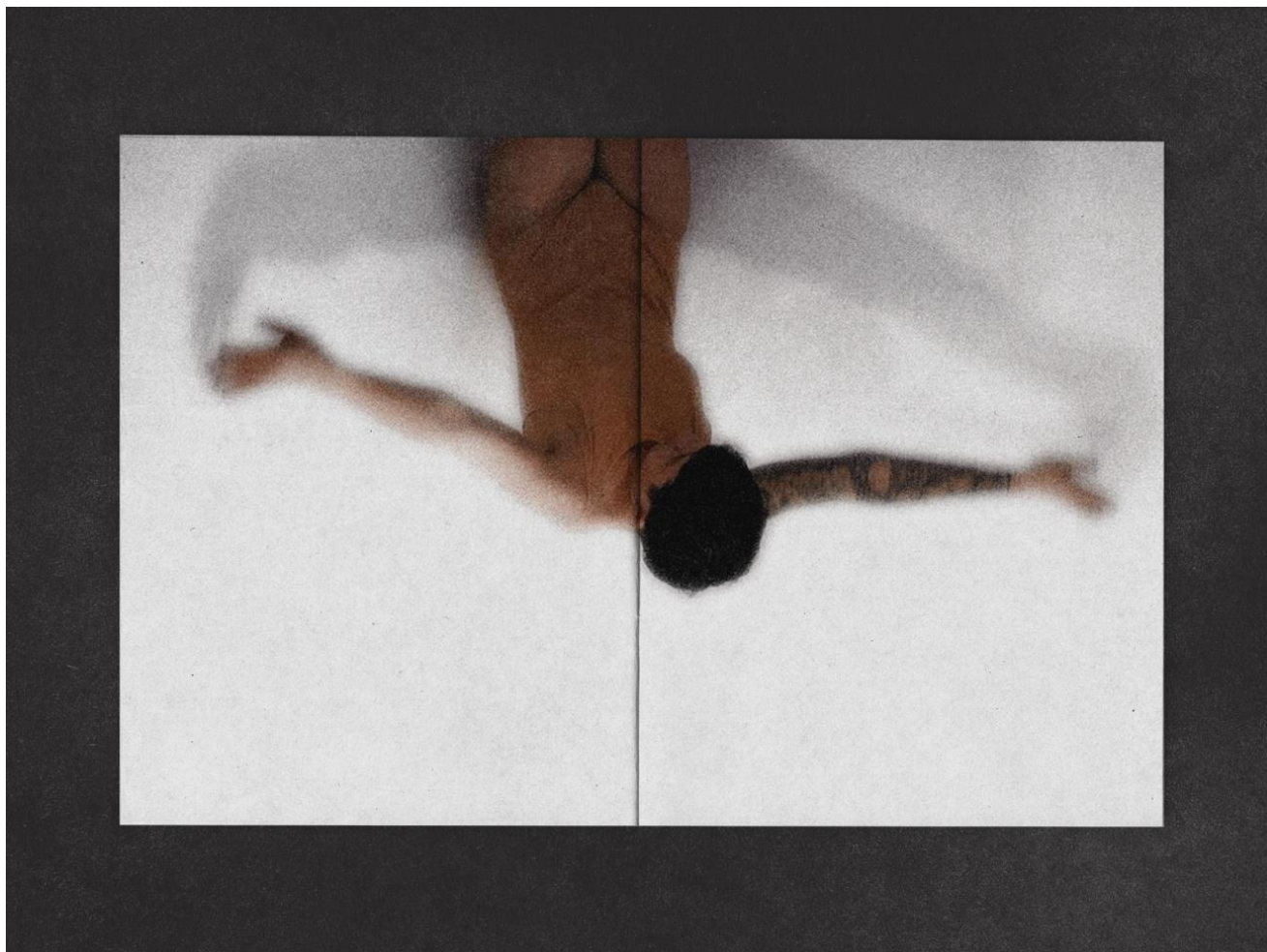


Descrição de imagem: no centro da imagem, rodeado de um fundo preto, há uma pessoa de lado, virada para a direita, vestindo uma espécie de maiô bege, com cabelo curto preto e tatuagens no braço esquerdo, de olhos fechados direcionados para cima. A pessoa está disposta em um fundo branco. Ao lado direito, há uma folha cinza com contorno branco.



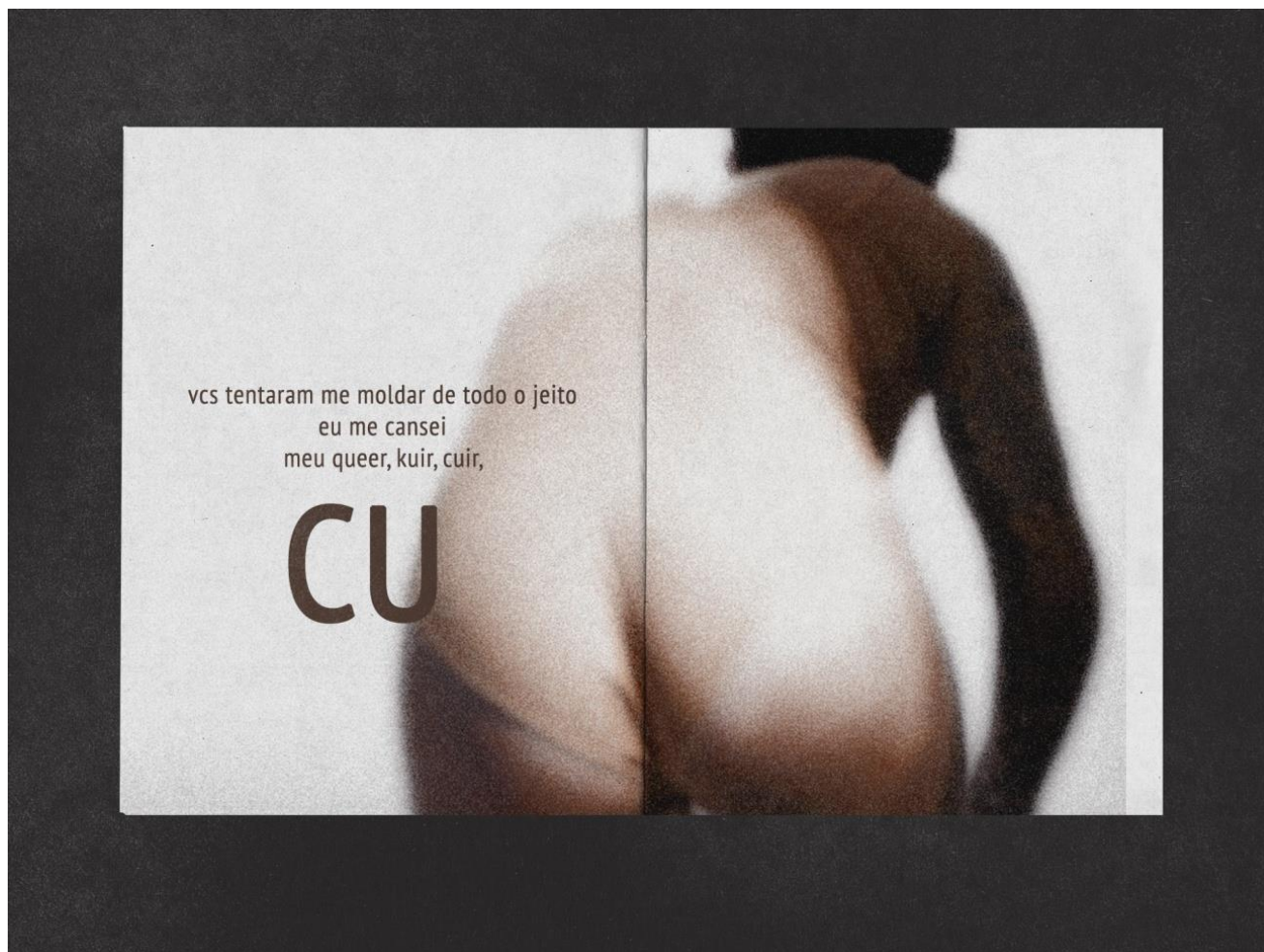


Descrição de imagem: no centro da imagem, rodeado de um fundo preto, há duas folhas cinza com contorno branco. A da esquerda contém as frases “Atravessar ao mesmo tempo que se é atravessado pelo CIS-tema que diariamente regula o teu corpo”, “o primeiro relatório diz” e “sensações de outra seka”. A folha esquerda contém as frases “DESCOBERTA, forma de estar”, “Afasta-se de estereótipos”, “Dentro da tradição comunidade que rejeita este género”; “Comportamento muito forte”; “Celebra a profundidade de sentimentos”; “E a conexão consigo apesar de todas as cicatrizes visíveis, transgeneridade sobre”, “A IMPORTÂNCIA DE SER”, “A fluidez de género”, “boyceta / regras / mudanças”.



Descrição de imagem: no centro da imagem, rodeado de um fundo preto, há uma pessoa de cabeça para baixo, com uma espécie de maiô bege, com cabelo curto preto e o braço direito tatuado, os braços estendidos, olhando para cima. A pessoa está em um fundo branco.





Descrição de imagem: no centro da imagem, rodeado de um fundo preto, há uma pessoa de costas sobre um fundo branco, com uma espécie de maiô bege, curvada com um dos braços inclinado para frente. A frase “vcs tentaram me moldar de todo o jeito eu me cansei meu queer, kuir, cuir CU” está disposta por cima da pessoa.



Descrição de imagem: no centro da imagem, rodeado de um fundo preto, há uma folha cinza com contorno branco e com o nome “ska batista” na parte inferior.



## CORPOS HACKEADES: SOBRE A POSSIBILIDADE DE CORPES TRANSCIBORGUES

Lu Schneider Fortes

Hackear vem da palavra em inglês *hack*, que significa cortar grosseiramente, e é bastante utilizado quando ocorre a quebra de segurança de um sistema ou programa por uma pessoa, chamada *hacker*. Há alguns anos, por fóruns da internet, encontrei um blog de <sup>2</sup> *ume* *biohacker* chamade Lepht Anonym, uma pessoa que se entende como “transhumanista, sem face e sem gênero” (ANONYM, s.d; ANONYM, 2011), e instalou em sue corpe diversas tecnologias, como chips subdermais. A partir de Lepht, comecei a procurar mais sobre *biohackers*, pessoas que trabalham com a ideia do DIY (*Do It Yourself* ou, traduzindo, faça você mesmo), misturando biologia com hackeamento. Essas pessoas fazem modificações corporais, como a implantação de chips e imãs no corpo para explorar os efeitos dessas tecnologias e aumentar as possibilidades de seus corpos, se reinventando como seres ciborgues.

Usando como referência os *hackers*, Preciado, em *Testojunkie* (2018), pensou na ideia de “*hackers*/piratas de gênero”, pessoas que usam o corpo como ferramenta, mudando a circulação de biocódigos normativos. Esses *hackers* de gênero, que em *Testojunkie* inclui Preciado e outras pessoas trans, se autodenominam assim, pois “consideram os hormônios sexuais como biocódigos livres e abertos, cujo uso não deve estar regulado nem pelo Estado nem confiscado pelas companhias farmacêuticas” (PRECIADO, 2018, p. 59). Ele argumenta sobre um “bioterrorismo de gênero”, o uso de estratégias micropolíticas que busquem pontos de fuga frente ao controle estatal de fluxos, como os hormônios. O seu hackeamento é pensado através do que ele chama de “intoxicação voluntária à base de testosterona”, em que defende ser sua própria cobaia na autoaplicação de Testogel, um tipo de testosterona em gel.

---

<sup>2</sup> Ao longo desse trabalho será usada linguagem neutra através da neutralização de substantivos, adjetivos e pronomes, evitando seu uso no masculino ou feminino, a fim de visibilizar pessoas trans não-binárias e intersexo. Aqui, por exemplo, ao invés do uso de um/uma, utilizo *ume*. Opto pela utilização de “e” e não “@” ou “x” por não ser pronunciável e também pela inacessibilidade, visto que leitores de tela utilizados por pessoas com deficiência visual não lêem “x” ou “@”. Para saber mais sobre linguagem neutra, consulte Cassiano (2019).



Preciado, ao trazer as *hackers* de gênero, fala sobre o uso dos hormônios sexuais enquanto algo que não deve ser regulado pelo Estado. No entanto, em um contexto brasileiro, ao pensar no uso dessas tecnologias, como a hormonização, como um hackeamento por pessoas trans, é necessário se perguntar (IAZZETTI, 2019): quem são as pessoas que acessam essas tecnologias? Apesar da garantia da hormonização, terapia hormonal ou hormonioterapia pelo Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS), junto à oferta de acompanhamento multidisciplinar e procedimentos cirúrgicos a pessoas trans e/ou travestis (BRASIL, 2008), muitas ainda se hormonizam sem esse tipo de acompanhamento (KRÜGER, 2018). Segundo dados de sua pesquisa sobre automedicação por mulheres trans e travestis, Krüger (2018) argumenta que isso ocorre, muitas vezes, devido à dificuldade de acesso aos serviços e pela falta de profissionais que prescrevam com segurança os medicamentos. Além disso, muitas pessoas trans e/ou travestis sofrem violência institucional dentro das unidades de saúde, por profissionais que desrespeitam, deslegitimam e patologizam suas identidades, além de violências que se interseccionam com a transfobia, como racismo<sup>3</sup>, gordofobia (MUJICA, 2019), capacitismo, entre outras. Isso gera inúmeros comprometimentos psíquicos, como a porcentagem de 85,7%<sup>4</sup> dos homens trans ou pessoas transmasculinas que já pensaram ou tentaram cometer suicídio (SOUZA, 2016). Pela hormonização não fazer parte da Rede Nacional de Medicamentos (RENAME), quase nenhum estado brasileiro oferece os hormônios de forma gratuita, ofertando somente a receita (MUJICA, 2019). Além disso, não são muitos os serviços que oferecem esse tipo de atendimento no Brasil, sendo a maior parte deles localizados na zona central das capitais e grandes cidades. Aqui trago como exemplo a hormonização, mas, dentro do cuidado em saúde, é fundamental reforçar que pessoas trans e/ou travestis têm diferentes demandas, acessando diversas redes de atendimento dentro e fora do SUS (MUJICA, 2019). Logo, os atendimentos em saúde à população trans e/ou travesti não podem ser pensados apenas tendo como porta de entrada o “Processo Transexualizador”, pois a saúde precisa ser olhada enquanto um aspecto biopsicossocial amplo e universalizante e não segregacionista e biologizante (MUJICA, 2019). O hackeamento por pessoas trans

---

<sup>3</sup> Isso pode ser observado, por exemplo, no relato de mulheres autodeclaradas pretas sobre terem recebido menos orientações sobre o uso de hormônios (KRÜGER, 2018).

<sup>4</sup> Trago esse dado como uma forma de trazer visibilidade à população transmasculina, que sofre um apagamento histórico de suas identidades. Um exemplo recente disso foi a participação de pessoas transmasculinas por apenas dois minutos em uma transmissão online de dez horas na 25 Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo (IBRAT e CAT, 2021).





não é ocorre apenas por disposições individuais ou de coletividades localizadas, mas também tem uma dimensão geopolítica, estando em constante disputa com enquadramentos institucionais, disposições sociais, de classe e de acesso.

A figura do ciborgue vem com o desenvolvimento da cibernética, passando a ser usualmente definido como um organismo que combina partes orgânicas (*organism*) e cibernéticas (*cyber*), a fim de melhorar seu desempenho e atividades. O uso dessa figura no meio acadêmico ganhou força após a publicação do Manifesto Ciborgue, em 1985, por Donna Haraway, que utilizou o ciborgue para pensar as fronteiras entre dicotomias como máquina/humano, natureza/cultura, humano/não-humano, homem/mulher. No Manifesto Ciborgue (HARAWAY, 2009), as tecnologias ciborguianas foram definidas como restauradoras, normalizadoras, reconfiguradoras e melhoradoras. Essas tecnologias, que podem funcionar como ferramentas de hackeamento (PRECIADO, 2018), são vistas por toda a parte: vacinas, fármacos, anabolizantes, LSD, inseminação artificial, tinta de cabelo, óculos, aparelho ortodôntico, tatuagem, celular, fone de ouvido, bicicleta, o uso de hormônios contraceptivos por mulheres cis ou de testosterona por homens cis. Em relação a esses últimos, penso, como exemplo da ação dos *hackers* de gênero, de hackeamento, o uso de hormônios por pessoas trans. Penso nisso não enquanto uma busca por uma masculinidade/feminilidade cisgênera, como ocorre com homens cis que usam testosterona para aumentar a libido ou hipertrofiar a musculatura, mas como um rompimento e alteração na circulação desses códigos, uma estratégia de (bio)hackear o corpo, ao encontro de uma corpe ciborgue. No entanto, não é a única tecnologia ciborguiana que é utilizada por pessoas trans transmasculinas e/ou não binárias: as cirurgias estéticas e de redesignação sexual, o uso de binder<sup>5</sup>, o pump<sup>6</sup>, o uso de Minoxidil<sup>7</sup>, são alguns outros exemplos que penso<sup>8</sup>. Logo, trago aqui o uso dessas biotecnologias e a figura ciborgue, criatura de um mundo “pós-gênero”

---

<sup>5</sup> Faixa que comprime os seios, a fim de reduzir ou “esconder”.

<sup>6</sup> Aparelho de sucção que deixa o clitóris com uma aparência maior (apesar de existir uma ideia de que o pump aumentaria o clitóris ele apenas incha, em função da sucção).

<sup>7</sup> Substância utilizada para o crescimento de pêlos, como bigode e barba.

<sup>8</sup> O uso ou não dessas (bio)tecnologias não deve servir como uma forma de hierarquizar vivências trans (MUJICA, 2019). Utilizá-las não deve ser uma imposição ou validação de uma “transgeneridade verdadeira”, ou como uma forma de assumir que essas pessoas fazem isso por necessariamente buscar passabilidade ou identificação com o gênero oposto ao designado no nascimento.



(HARAWAY, 2009), para pensar a binariedade de gênero, usando e ciborgue como uma possibilidade<sup>9</sup> de reivindicação identitária por pessoas trans.

Jup do Bairro, em entrevista sobre seu EP “Corpo Sem Juízo” (TOLLENTINO, 2020), falou sobre hackear para se sentir pertencente a outros espaços que não são pensados para certos corpos, mas, mais importante ainda, criar novos espaços:

O que a gente tem criado é uma maneira de hackear, pra que outras como eu sintam-se pertencentes a outros espaços. É importante que pessoas como eu esteja nesses espaços, mas é mais importante ainda criar um novo mercado (JUP DO BAIRRO, 2020).

Esses processos de hackear e criar algo novo fazem parte também do estabelecimento de lugares de potência para corpos dissidentes, corpos trans. Hackear é encontrar falhas nos (c)istemas para invadi-los. Dessa forma, trago o hackeamento transciborgue enquanto um caminho potente de rompimento com essas (cis)normas para a criação de novas possibilidades. Corpos dissidentes desafiam e transgridem a norma, incomodando porque “põem em evidência a fragilidade da heterocis-norma e da corpo-normatividade imperante, na sua necessidade de repetição para ser entendida como natural e dada” (MUJICA, 2019, p. 36). A identidade ciborgue pode vir como uma quebra com a binariedade, com a heterocisnorma, como um desorganizar as fronteiras, desmontando antigas e novas dicotomias de gênero (HARAWAY, 2009). Haraway (2009) pensou as unidades ciborguianas como “monstruosas e ilegítimas”, como “mitos potentes de resistência e reacoplamento” (p. 47). Então, já que a não-binariedade é continuamente colocada pela (cis)norma e pela binariedade nesse local mítico, ilegítimo, por que não se apropriar disso? Reivindicar a identidade ciborgue sem gênero, ciborgue não-binária, pode ser uma forma de habitar as fronteiras da cisgeneridade e transgeneridade binárias. É lidar com um entre que escapa das distinções comuns de homem/mulher, masculino/feminino, humano/máquina, natureza/cultura (GAVÉRIO E LOURENÇÃO, 2020). Logo, nos reivindicarmos ciborgues pode colocar nossa existência em perspectiva, olhando para como ela é atravessada pelas técnicas, ciências,

---

<sup>9</sup> Autoras como Ávila (2015), Sandoval (1999) e Ramírez (2002) trazem analogias bastante interessantes da identidade ciborgue e a nova mestiça de Gloria Anzaldúa (1987), mulher chicana (sobre)vivente num contexto de fronteira México-Estados Unidos; assim como Gavério (2020), sobre corpos com deficiência e corpos ciborgue. No entanto, trago essa identidade enquanto **possibilidade** a fim de evitar cair na homogeneização identitária de afirmações como a de que “seríamos todos ciborgues” (inicialmente sustentada e, após, retratada por Haraway), que pode carregar problemáticas como a associação entre pessoas racializadas, trans e/ou travestis, gordas, com deficiência e “a monstrosidade do ciborgue” de Haraway (2009) (SCHUELLER, 2005).



medicinas (GAVÉRIO E LOURENÇÃO, 2020) e encontrar, de alguma forma, um entre-espaço de subversão na (re)tomada dessa identidade.

### Referências Bibliográficas

ANONYM, Lepht. **Cybernetic for the Masses**. Youtube, 2011. Postado por Barry J Belmont. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=a-Dv6dDtdcs>>. Acesso em: 10 de Agosto de 2021.

ANONYM, Lepht. **Sapiens Anonym**. Página inicial. Sem data. Disponível em: <https://sapiensanonym.blogspot.com/>. Acesso em: 10 de Agosto de 2021.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ÁVILA, Eliana. Do hight-tech à azteca: descolonização cronoqueer na ciberarte chicana. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 191-206, 2015.

BRASIL. **Portaria nº 1.707**, de 18 de agosto de 2008. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo Transexualizador, a ser implantado nas 50 unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Diário Oficial da União, Brasília, 2008.

CASSIANO, Ophelia. Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR): “Porque elus existem e você precisa saber!”. **Medium**, 30 de Setembro de 2019. Disponível em: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>.

GAVÉRIO, Marco Antonio; LOURENÇÃO, Gil Vicente Nagai. Multiplicidades-ciborgue, reabilitações e reflexões sobre o corpo: uma conversa entre dois cientistas. **Revista Teoria e Cultura**, Dossiê Saúde, Juiz de Fora: v. 15, n. 1, 2020.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: Tadeu, T. (Org.), Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



IAZZETTI, Brume. **‘Cistema’, ‘corpo’ e ‘diferença’ no choque de ‘realidades’ de pessoas trans dentro e fora da universidade.** In: **Jornadas de Antropologia John Monteiro**, 2019, Campinas. Resumos.

Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT); Coletivo de Artistas Transmasculines (CAT). Por mais representatividade transmasculina na parada LGBTQIA+ de São Paulo! **change.org**, Junho de 2021. Disponível em: <[https://www.change.org/p/paradasp-por-mais-representatividade-transmasculina-na-parada-lgbtqia-de-s%C3%A3o-paulo?utm\\_source=share\\_petition&utm\\_medium=custom\\_url&recruited\\_by\\_id=57df9a50-6e46-11eb-b0a6-a3316d4be066](https://www.change.org/p/paradasp-por-mais-representatividade-transmasculina-na-parada-lgbtqia-de-s%C3%A3o-paulo?utm_source=share_petition&utm_medium=custom_url&recruited_by_id=57df9a50-6e46-11eb-b0a6-a3316d4be066)>. Acesso em: 27 de Junho de 2021.

KRÜGER, Alícia. **Aviões do Cerrado: uso de hormônios por travestis e mulheres transexuais do Distrito Federal Brasileiro.** 2018. 114. Tese (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Brasília, Brasília, 2018.

MUJICA, Alê. **Cartografias de cuidados à saúde trans na Atenção Primária do município de Florianópolis.** 2019. 146. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

PRECIADO, Paul B. **TESTOJUNKIE: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RAMÍREZ, Catherine. **Cyborg Feminism: The Science Fiction of Octavia E. Butler and Gloria Anzaldúa.** In: FLANAGAN, Mary; BOOTH, Austin. **Reload: Rethinking Women + Cyberculture.** Boston: Massachusetts Institute of Technology, p. 372-402, 2002.

SANDOVAL, Chela. **Women Prefer a Choice.** In: WOLMARK, Jenny (Ed.). **Cybersexualities.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

SCHUELLER, Malini Johar. **Analogy and (White) Feminist Theory: Thinking Race and the Color of the Cyborg Body.** **Signs: Journal of Women and Society**, Boston: v. 31, n. 1, p. 63–92, 2005.



SOUZA, Érica. **Projeto transexualidades e saúde pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans**. Relatório online do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT. 2016.

TOLLENTINO, Alan. Jup do Bairro fala ao PP sobre novo EP: “não estou levantando exclamações, e sim interrogações”. **Papel Pop**, 14 de Junho de 2020. Música. Disponível em: <<https://www.papelpop.com/2020/06/jup-do-bairro-fala-ao-pp-sobre-novo-ep-nao-estou-levantando-exclamacoes-e-sim-interrogacoes/>>.



## REPRESENTAÇÕES MÍDIÁTICAS DE TRANSGÊNERES E TRAVESTIS E SUAS POSSÍVEIS LEITURAS NO DOCUMENTÁRIO DISCLOSURE<sup>10</sup>

*Ayres Tyupanyé Marques*

*Bruno Henrique Assunção*

**RESUMO:** O objetivo do presente artigo é investigar conexões entre as narrativas cinematográficas e a progressão social da comunidade transgênero no mundo a partir do documentário *Disclosure*. O documentário retrata como a indústria cinematográfica é responsável por retroalimentar transfobia, entre outras violências simbólicas, desde os primórdios do cinema. Desta forma, a partir de teorias científicas afins ao presente tema e utilizando-se da decomposição de cenas, extraímos as seguintes categorias de análise: 1) Ridicularização das corpos; 2) Violência; 3) Resistência. A análise do documentário torna evidente a importância de representações cinematográficas realmente comprometidas com os interesses da comunidade LGBTQIAP+, uma vez que estas são um importante meio de informação e construção de valores.

**Palavras-chave:** Representações Cinematográficas; Representações Sociais; Pessoas Transgênero.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to investigate connections between cinematographic narratives and the social progression of the transgender community in the world, based on the documentary *Disclosure*. The documentary depicts how the film industry is responsible for feeding back transphobia, among other symbolic violence, since the beginnings of cinema. Thus, from scientific theories related to the present theme and using the decomposition of scenes, we extract the following categories of analysis: 1) Ridiculing the bodies; 2) Violence; 3) Resistance. The analysis of the documentary makes evident the importance of cinematographic representations really committed to the interests of the LGBTQIAP+ community, since these are an important means of information and value construction.

**Keywords:** Cinematographic Representations; Social Representations; Transgender People.

<sup>10</sup> Artigo apresentado ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado como requisito para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação do Prof. MinoRios. Salvador, 2021.



## INTRODUÇÃO

Não raramente escutamos ou dizemos que a vida imita a arte e vice-versa. Esse saber popular, que por vezes é utilizado para assinalar coincidências no cotidiano, na verdade é algo cujas implicações estão enraizadas fortemente na realidade psíquica dos grupos sociais. A partir da leitura de Henrique Codato, é possível compreender que os meios de comunicação de massa, em especial o universo do cinema, “ocupam um importante papel na organização e na construção de determinada realidade social” (CODATO, 2010, p. 48).

As telas do cinema, TV ou até celular, são uma via de reprodução das mais diversas narrativas e configurações existenciais. Na pele de alienígenas, vilões ou animações computadorizadas, vemos tramas emocionantes que ultrapassam a dimensão do entretenimento apenas, alcançando todo um sistema de simbolização da nossa realidade. Esse trâmite simbólico é justamente o que permite a criação e recriação de diversos objetos da realidade objetiva, gerando novos sentidos.

A partir do momento em que o animal humano usa um dispositivo tecnológico como a câmera, abre-se um caminho para a realização de uma nova apreensão da realidade subjetiva que, no rolo de um filme, é um fragmento real de vida, de potência. O momento em que coexistimos com esses dispositivos tecnológicos, dissolvendo as fronteiras entre ser humano e tecnociência, é apontado por Ferreira dos Santos (1986, p. 12) em sua obra “O que é pós-moderno”:

[...] Simular por imagens como na TV, que dá o mundo acontecendo, significa apagar a diferença entre real e imaginário, ser e aparência. Fica apenas o simulacro passando por real. Mas o simulacro, tal qual a fotografia a cores, embeleza, intensifica o real. Ele fabrica um hiper-real, espetacular, um real mais real e mais interessante que a própria realidade [...].

Neste sentido, o autor supracitado aponta que por volta da década de 60, uma série de transformações decisivas começaram a acontecer na arte, na ciência e na política. O cenário opressor, cinza industrial começou a ser lentamente substituído por prédios altos com designs rebuscados, rodeados de outdoors coloridos e iluminados pelas novas tendências do momento. As formas de consumir se tornaram mais fluidas e diversas, quase que literalmente personalizadas para uma longa lista de públicos-alvo.

Os moldes hegemônicos científicos que estavam interpostos ao longo do sec. XX adotaram uma concepção de psiquismo sem história e história sem sujeito. Esta

realidade ocorria porque o meio científico da época propugnava seus conhecimentos apenas nos laboratórios experimentais, respaldando esse saber com a utilização de escalas, inventários e avaliação comportamental feita individualmente, o que perpetuava erroneamente a dicotomia entre o individual e o social. Nesse sentido, em meio ao movimento de crítica à abordagem hegemônica, Serge Moscovici em sua primeira obra, enfatizou o senso comum como uma forma de conhecimento prático e um possível objeto de análise social (PAULA, KODATO, 2016, p. 201).

A abordagem moscovicianiana traz em sua base, o entendimento da subjetividade em uma dimensão processual, dinâmica e contextual. A partir desse entendimento, o autor vai em busca de dar ênfase aos aspectos subjetivos para se analisar os processos constitutivos em sociedade, onde as representações sociais auxiliam nos processamentos de mudanças e transformações dos saberes em sociedade. Demonstrando, portanto, que o campo simbólico é um meio rico e necessário para se investigar a vida em sociedade, bem como os produtos desta em correlação com o contexto histórico dos grupos sociais, ou seja, para Moscovici representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstituí-lo, retocá-lo e modificar o texto (MOSCOVICI, 1978, p. 58 apud PAULA, KODATO, 2016, p. 204).

A partir da Teoria das Representações Sociais criada por Serge Moscovici é possível analisar a relação indivíduo e sociedade através dos aspectos objetivos e subjetivos contidos no cotidiano em sociedade, já que “as representações sociais são conhecimentos práticos que se desenvolvem nas relações do senso comum, são formadas pelo conjunto de ideias da vida cotidiana, construída nas relações estabelecidas entre sujeitos ou através das interações grupais” (MOSCOVICI, 2002 apud SANTOS, DIAS, 2015, p. 175) o que habilita o senso comum enquanto objeto de pesquisa social bastante profícuo.

Segundo Jodelet (2009), as representações sociais estão relacionadas com 3 esferas de pertença, sendo elas a subjetividade, a intersubjetividade e a transubjetividade. Em relação à subjetividade, enfoca-se na importância deste campo para se pensar as representações sociais, pois é através da subjetividade que pode-se examinar aspectos dos indivíduos consigo mesmos, ou seja, a subjetividade é via de elaboração dos indivíduos a medida que estes experienciam suas próprias interpretações cognitivas e emocionais das diversas formas de sociabilidades existentes em seu

contexto psicossocial, atribuindo sentido e valor ao que estar sendo decodificado nas representações sociais, que podem ocorrer de forma ativa nesse processo, onde o sujeito elabora sua vivência cotidiana de forma efetiva, ou fluindo de forma passiva, quando o sujeito integra conceitos e realidades por pressão e influência social do meio ao qual esteja inserido. Para a autora, a subjetividade engendra potentes definidores quanto aos processos identitários através do reconhecimento ou não, de possíveis corporeidades e/ou identidades coletivas. Assinalando a importância da subjetividade:

[...] Levar em consideração o nível subjetivo permite compreender uma função importante das representações. As representações, que são sempre de alguém, têm uma função expressiva. Seu estudo permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo [...]. (JODELET, 2009, p. 696)

A intersubjetividade concretiza uma relação dialógica de interpretação de significados que são partilhados entre os indivíduos, que, a partir desse contexto, são habilitados a mudar de alguma forma sua realidade social, à medida que debatem questões que são de relevância para seus membros, podendo propiciar até mesmo ações transformadoras através de um discurso que é proferido socialmente, por meio das representações. Essa análise levantada é confirmada pela autora:

A esfera de intersubjetividade remete às situações que, em um dado contexto, contribuem para o estabelecimento de representações elaboradas na interação entre os sujeitos, apontando em particular as elaborações negociadas e estabelecidas em comum pela comunicação verbal direta. (JODELET, 2009, p. 697)

A última esfera de pertença a partir do esquema proposto por Jodelet para se explicar as representações sociais é o campo da transsubjetividade. A autora traz o entendimento que a transsubjetividade carrega consigo tanto a subjetividade, quanto a intersubjetividade, ou seja, tanto os indivíduos e grupos com suas subjetividades, quanto os discursos e formas de interpretação destes do mundo, através da transmissão de informações e interpretação destas por parte dos indivíduos na sociedade, que é elaborado através da intersubjetividade. Jodelet assinala com clareza o entendimento da transsubjetividade:

Ele remete igualmente ao espaço social e público onde circulam as representações provenientes de fontes diversas: a difusão pelos meios de comunicação de massa, os contextos impostos pelos funcionamentos institucionais, as hegemonias ideológicas etc. Atravessando os espaços de vida locais, esta esfera constitui um meio onde mergulham os indivíduos. (JODELET, 2009, p. 699)



A comunicação é um fator primordial para se entender as representações sociais e os fenômenos sociais. O ser humano é um ser moldado através da história e da sociedade, logo, entender como ocorre a comunicação nesse contexto é fundamental para compreender como as pessoas se comunicam e até mesmo qual o significado que a comunicação tem para os indivíduos. Assim, pode-se considerar que o meio de comunicação em massa “difunde uma cultura homogênea, destruindo as características culturais de cada grupo etário” (ALEXANDRE, 2001 p. 115). Apoiado nesse aspecto negativo dos meios de comunicação em massa, entende-se que este monopólio hegemônico, tende a propagar estigmas, preconceitos e cenas de transfobia que são amplamente disseminados para a sociedade, que a partir desse bombardeio superficial de informações a qual as representações sociais de pessoas transgêneres são elencadas, com base em muito preconceito.

Nesta perspectiva, podemos entender que o cinema põe em xeque a ideia da representação social enquanto um conceito *a priori*. O olhar do diretor, numa triangulação com a câmera e o sujeito que está atuando, estão diretamente relacionados ao desejo daquele que se dispõe a assistir. Num mundo de espectadores cúmplices do desejo da equipe cinematográfica, as verdades e paradigmas estão à mercê de uma série de projeções entre a câmera e o olhar, ainda segundo Codato (2010).

Sendo assim, não ficamos longe da compreensão de que quando uma pessoa trans (indivíduo cujo gênero foi designado erroneamente ao nascer) aparece como personagem de um filme, a composição de sua narrativa é possível devido às mãos que moldam o roteiro, e esse roteiro vem de uma psiquê situada socialmente. Apesar do termo “transgênero” ser cunhado apenas nos anos 60 (BARIFOUSE, 2018), desde a gênese das artes visuais tem-se a reprodução de imagens nas quais pessoas com sexo biológico masculino aparecem performando papéis de gênero feminino e vice-versa.

É interessante assinalar, portanto, que essas narrativas, essas “contações de histórias” superficialmente inofensivas, na verdade são um elemento fundamental para a precipitação de estigmas e preconceitos que tão logo conseguimos ver atrás das câmeras, no nosso dia a dia. Segundo Feder (2020), é preciso entender o recorte histórico das produções cinematográficas ao longo das décadas, e como os personagens transgêneres vem sendo representados. O cineasta faz um elóquio das primeiras aparições de personagens travestidos nas telas do cinema, em função do filme “Old



Maid Her Picture Taken” (FEDER, 2020 apud FLEMING; PORTER, 1901) que traz as primeiras imagens que iniciaram o movimento de representações de personagens que quebravam essa dicotomia de gênero. O diretor de cinema também explana que a obra “Judith of Bethulia” de David Wark Griffith (FEDER, 2020 apud GRIFFITH, 1914) foi um importante precursor dessas representações, que ecoam até a pós-modernidade.

A palavra transexual está dentro de uma gama de rótulos que misturam sexualidades e identidades de gênero. Por volta de 1994, surgiu a primeira sigla designada para aquelas pessoas que não correspondiam a uma expectativa social de heterossexualidade e performance de gênero, a sigla GLS identificava gays, lésbicas e simpatizantes (MARASCIULO, 2020). Com o avanço dos conhecimentos acerca dessas minorias e suas variedades, ao longo dos anos foram sendo adicionadas outras letras relacionadas à identidade de gênero ou à sexualidade.

Para entender a sigla LGBTQI+, com base nas definições da Aliança Nacional LGBTI, é importante saber que parte dela, as letras LGB, refere-se a orientação sexual da pessoa, ou seja, as formas de se relacionar afetiva e/ou sexualmente com outras pessoas, e outra parte, TQI+, diz respeito a identidade de gênero, ou seja, como a pessoa se identifica, e vai além do gênero feminino ou masculino. (SANTOS, 2020)

A falta de representatividade positiva de mulheres trans no cinema, por exemplo, principalmente os lançamentos feitos até meados dos anos 90, nos mostram como a sociedade civil se posiciona política e/ou eticamente diante desses corpos. Enquanto o ato de se travestir, na vida real, era considerado crime em diversos países, os cinemas exibiam livremente imagens de travestis sendo ridicularizadas, perseguidas e até mortas. Gomes e Zenaide (2019) apontam que somente na década de 60 começaram a surgir movimentos políticos minimamente organizados focados em resgatar e exigir direitos de pessoas não-hetero, ou seja, homossexuais. As pautas sobre diversidade de gênero só ganharam mais força anos 2000. No Brasil, ao fim dos anos 2000, acontece a I Conferência Nacional GLBT em 2008, nesta ocasião a letra T é oficialmente adicionada à sigla do movimento LGBT, representando justamente uma ampliação na busca de cidadania e direitos negados à comunidade por tanto tempo (GOMES; ZENAIDE, 2019, p. 8).

Buscando compreender como ocorrem as representações sociais de pessoas trans e travestis no cinema, foi analisado o documentário Disclosure, do cineasta Feder (2020), que está disponível na plataforma de streaming da multinacional Netflix. A obra





de Sam Feder traz um recorte das produções cinematográficas ao longo da história da sociedade ocidental. Também há a intenção de analisar a conexão entre essas representações e a situação social em que se encontram os movimentos de representatividade e resistência LGBTQI+.

Apreendemos o elevado grau de relevância desta pesquisa visto que há uma escassez de pesquisas científicas LGBTQI+, além de uma ineficiência institucional em lidar com as problemáticas de gênero e violência no país. Por exemplo, no relatório de 2019 do Disque Direitos Humanos (BRASIL, 2019) produzido pelo Governo Federal, pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos com apoio da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, as únicas tabelas que trazem dados sobre a comunidade LGBTQI+ estão incompletas e não estão atentas às dimensões sociais que a sigla cobre por definição.

Enquanto pesquisadores então, indagamos: que possíveis associações existem entre as representações cinematográficas de personagens transgêneres e as representações sociais deste público? Neste cenário, o presente artigo tem a proposta de investigar as consonâncias entre as narrativas cinematográficas e a progressão social da comunidade transgênero no mundo. Avaliando as produções disponibilizadas para a sociedade (cinemas, canais abertos de televisão e canais de streaming), investigaremos as correlações entre as representações sociais de pessoas trans e como elas se retroalimentam através da cultura de massas.

## **MÉTODO**

O presente artigo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que, de acordo com Denzin e Lincoln (2006), é uma “abordagem interpretativa do mundo”, portanto, é possível então para nós estudar os fenômenos em seus cenários naturais, visando a compreender também os significados que as pessoas lhes atribuem e transmitem socialmente.

Nesta perspectiva, este trabalho contempla a categoria de pesquisa documental que, segundo Damaceno et. al. (2009), permite investigar determinada problemática de forma indireta, através do estudo daquilo que é produzido pela sociedade civil. Os autores ainda declaram que:



Como produto de uma sociedade, o documento manifesta o jogo de força dos que detêm o poder. Não são, portanto, produções isentas, ingênuas; traduzem leituras e modos de interpretação do vivido por um determinado grupo de pessoas em um dado tempo e espaço. (DAMACENO et. al., 2009, p. 3)

Como último adendo, salientamos a própria etimologia da palavra “documento”, que vinda do termo em latim *documentum*, tem seu significado derivado da palavra *docere*, que significa nada menos que “ensinar” (RONDINELLI, 2011, p. 28 apud SAGREDO). Logo, a análise de documentos a partir de um rigor científico guarda largo potencial científico.

O documento escolhido é a uma produção cinematográfica chamada Disclosure (Sam Feder, 2020), lançada em 2020 pela plataforma de streaming Netflix. Nós pesquisamos em plataformas online de vídeo gratuitas ou de baixo custo (YouTube, Netflix e similares), usamos os descritores “transgênero” e “revelação” para iniciar as buscas. Nossos critérios de inclusão foram:

1. Documentos cinematográficos sobre as pautas trans;
2. Documentos cinematográficos sobre a representação de pessoas transgênero no universo audiovisual;
3. Documentos cinematográficos sobre a representatividade de pessoas transgênero no universo audiovisual;
4. Documentos cinematográficos disponíveis em plataformas de streaming populares;
5. Documentos cinematográficos com menos de 120 minutos.

Enquanto os critérios de exclusão foram:

1. Documentos cinematográficos sobre as pautas cis;
2. Documentos cinematográficos sobre a representação de pessoas cisgênero no universo audiovisual;
3. Documentos cinematográficos sobre a representatividade de pessoas cisgênero no universo audiovisual;
4. Documentos cinematográficos indisponíveis em plataformas de streaming populares;
5. Documentos cinematográficos com mais de 120 minutos.

Esta produção cinematográfica foi selecionada porque seu conteúdo fornece informações essenciais no que tange aos objetivos deste trabalho, além de ser o único



resultado encontrado após aplicar-se os critérios de inclusão e exclusão para os descritores “transgênero” e “revelação”. O documentário permite justamente visualizar os processos psicossociais subentendidos entrelaçados a filmes famosos e de grande circulação, no ângulo em que essas histórias apresentam personagens como figuras ou processos dissidentes de gênero sempre em lugar de vítima, humilhação, comédia ou morte.

## RESULTADOS

Assistir *Disclosure* é uma experiência que produz uma série de associações e reflexões acerca de como as produções culturais, por mais inofensivas que pareçam, são capazes de retroalimentar uma série de preconceitos e estigmas. A abordagem sócio-histórica do documentário, com lugar para uma boa coleção de valiosos dados estatísticos mundiais, é, além de pioneira neste tema, essencial para que este seja elucidado de forma leve, mas consistente para diversos públicos.

A análise documental realizada permite explorar em alguns recortes de cenas, analisar como ocorreu a evolução histórica da luta por direitos e dignidade humana das pessoas trans, bem como a interpretação de alguns elementos representacionais que foram historicamente ligados ao público em questão nos meios de comunicação em massa, como é o caso do cinema, meio que inicialmente ancorava aspectos negativos na subjetividade das pessoas, atrelando-as sempre a contextos reducionistas, preconceituosos e estigmatizantes.

Ao passo que o presente artigo objetiva investigar as correlações entre as narrativas cinematográficas de representações de personagens transgêneres com a progressão social desta mesma comunidade no mundo; e contornando os elementos que se segmentam na obra fílmica intitulada *Disclosure* por Feder (2020), os resultados foram aglutinados em 3 categorias de análises: ridicularização das transfeminilidades, violência e resistência.

Ao analisar a obra fílmica em destaque, fica notório que os pontos de partida para o início das representações de personagens transgêneres foram as narrativas ficcionais que expunham suas imagens como se fossem piadas, estas, carregadas de cenários reducionistas acerca dessas vivências. À época do lançamento dos primeiros



filmes da história da humanidade que continham personagens travestidos, segundo consta no próprio documentário, a vida fora das telas era uma sentença de prisão ou até morte para pessoas trans.

Não seria novidade encontrarmos notícias em um jornal americano do século XX sobre prisões e multas aplicadas a pessoas “capturadas” por estarem transgredindo as normas de gênero na vida real. Se um homem, cis ou não, fosse pego fazendo *crossdressing* ele estaria cometendo um ato ilegal (FEDER, 2020). Daí compreende-se que a ridicularização dos corpos trans era algo permitido contanto que permanecesse no campo da ilusão cinematográfica, da mentira; logo, uma travesti na vida real torna-se algo quimérico ou bobo, ridículo.

De cenas em que as personagens causam riso histérico, até desmaios, é possível entender como a sociedade, para além das câmeras, visualizava essas pessoas na vida real. A atriz Laverne Cox comenta sobre isso nas cenas iniciais do documentário “[...] acho que por muito tempo, a forma como pessoas trans foram representadas na tela sugeriu que somos doentes mentais, que não existimos. E assim, aqui estou eu.” (COX, 2020 apud FEDER, 2020). O relato de Laverne, mulher trans nascida em 1972, está diretamente relacionado a um não-lugar de pessoas transgênero na vida real e como isso, no mundo das telas brilhantes é transformado em um show, o sofrimento real se torna fonte de entretenimento.

Para o autor, as produções cinematográficas tratavam os aspectos representacionais da transfeminilidade de pessoas travestis e transgêneres como se fossem meras bobagens, ao mesmo tempo em que reproduziam elementos midiáticos invólucros de semblantes “vergonhosos” que são amplamente projetados nessas complicações fílmicas e que vão muito além das telas de cinema. Tais condutas são circunstâncias com potencial para serem entendidos socialmente como práticas deveras esdrúxulas, que acabam por reduzir o julgamento sob aqueles que riem e ojerizam as travestis. Se fazem de tal forma nos filmes, o que vai parar a sociedade de fazer o mesmo na vida real?

Ainda existe um número considerável de produções cinematográficas que perpetuam imagens vexaminosas ou que limitam essas representações apenas a esse tipo de contexto, que para Feder (2020) foi um modelo replicado desde a gênese do cinema. O discurso que é bombardeado para a sociedade através desses meios de comunicação



em massa moldou uma visão da sociedade sobre pessoas e personagens transgêneres em estereótipos também negativos que se proliferam através do senso comum, já que códigos subjetivos são rotineiramente elencados nesses contextos, seguindo e exemplificando-se em diálogos intersubjetivos que também reforçam/mascaram essas realidades preconceituosas.

O campo construído pelo autor da obra documental em relevo de análise volta-se ao enredo com diversas aparições de personagens transgêneres referindo-se a pessoas abomináveis nas tramas, confabulando com correlações de aspectos de violências, onde geralmente esses personagens se comportam de maneira exacerbadamente agressiva, aparecendo inclusive sobre a fotogenia do mundo material se equiparando a seria killers, sociopatas, perversos ou degenerados. Esse aspecto trazido por Feder (2020) se mostra recorrente em inúmeras obras fílmicas analisadas pelo autor, teorizando que desta forma, os diretores desses filmes e séries ensinaram a sociedade a terem medo das pessoas transgêneres, já que, expressivas obras midiáticas ajudavam a fomentar mais um estereótipo onde associavam-se questões identitárias de gênero como sendo algo que dissidia das demais pessoas em sociedade à proporção que a presença de tais pessoas que traziam essa diversidade colocava as outras pessoas ao seu redor em algum tipo de risco contra sua integridade física, emocional ou psicológica. Nick Adams que é diretor de representatividade e mídia trans da GLAAD (Gay & Lesbian Alliance Against Defamation), entende que:

Infelizmente, Hollywood passou muitos anos, especialmente em séries policiais e médicas, perpetuando a narrativa das vítimas trans e caindo geralmente em alguns enredos. Um alguém é assassinado porque é transgênero. Ou a versão médica é que os hormônios estão matando. Ou o personagem trans tem um câncer ligado ao sexo de nascimento. (ADAMS, 2020 apud FEDER, 2020)

Essa realidade narrada traz a forma como as representações sociais de personagens transgêneres foram construídas, carregadas de elementos subjetivos que foram ancorados com outros elementos em prol da transfobia, cooperando com todo o preconceito que é amplamente recorrente na sociedade, proferindo um discurso com uma rede de sentidos que só rotulam as pessoas transgêneres e as distanciam/marginalizam das demais camadas em sociedade.

As resistências da comunidade LGBTQI+ ressoam por todos esses contextos que foram minuciados. Feder (2020) nos traz que apesar de existirem pessoas transgêneres



atuando em filmes e séries efetivamente a partir da década 70, foi apenas na década de 90 que se teve a primeira produção cinematográfica que colocou *peessoas transgêneres no centro do enredo, representando personagens transgêneres*, tendo o filme “Paris is Burning” (LIVINGSTON, 1990 apud FEDER, 2020) como precursor desse movimento de mudanças das representações das pessoas transgêneres socialmente nas telas do cinema, o filme traz aspectos culturais e subjetivos que se referem à cultura estadunidense das pessoas transgêneres colocando as narrativas desses personagens transgêneres no centro da trama, aspecto que ajudou a ampliar as representações da população transgêneres no universo cinematográfico.

Uma virada histórica está em curso no mundo cinematográfico, essa realidade se dá em decorrência dessa ocupação de pessoas transgêneres tanto na representação de personagens transgêneres em filmes e séries, quanto pessoas transgêneres escrevendo roteiros, filmando e dirigindo esses filmes e séries, utilizando a arte como ferramenta para romper os estigmas que foram impostos nesse meio de comunicação em massa que tão intensamente deslegitimou as existências de transgêneres em sociedade. Destarte, Yan Ford que além de ser uma pessoa transgênera é cineasta e produtor estadunidense traz que “[...] não podemos ser uma sociedade melhor, até vermos essa sociedade melhor. Não posso estar no mundo, até eu ver que estou no mundo” (FORD, 2020 apud FEDER, 2020). Esse aspecto levantado condiz com um viés de resistência da população transgêneres no mundo, através do reconhecimento do local de fala dessas pessoas e pelo esforço destas em trazer personagens que sejam explicitamente transgêneres nas tramas, sem que essas representações sociais estejam carregadas de preconceitos e reducionismos como se era de costume.

Por fim, apesar do significativo avanço nas representações positivas quando se referindo à população transgênera, tal fato não é suficiente para mudar a realidade social desta comunidade no mundo já que essas pessoas ainda ocupam um lugar social de minoria, sendo alvo de muita discriminação e violações dos direitos da dignidade humana. Feder traz uma fala da historiadora Susan Stryker:

Ainda há muito trabalho a se fazer, e não podemos achar que, só porque você vê uma representação trans, a revolução acabou. [...] As coisas podem mudar num instante. Uma representação positiva só consegue mudar as condições de vida das pessoas trans se fizer parte de um movimento mais amplo pela mudança social. Mudar a representação não é o objetivo. É só um meio para um fim. (STRYKER, 2020 apud FEDER, 2020).

Trazendo um paralelo com o cenário brasileiro por um exemplo, a realidade vivenciada é de ineficácia do Governo Federal em tecer ferramentas de cidadania que dêem conta de combater as violências contra a população LGBTQI+ e da mesma maneira ineficiente em mapear as violências direcionadas contra esta população em território nacional. Ao se analisar o relatório proferido pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (BRASIL, 2019) o que se evidencia é que tal balanço que é feito anualmente, carece de um aprofundamento na diferenciação dos determinantes identitários e dos aspectos que envolvem diversidade sexual. Fica em aberto também, em qual contexto ocorrem essas violências ocorrem, bem como quais seriam as proposta resolutivas dessas violações que são relatadas através do Disque 100 (Disque Direitos Humanos).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas transgênero enfrentam dificuldades para sobreviver todos os dias. Desde o princípio do que chamamos de “pós modernidade”, nossas corpos chocam, rompem com a programação binária que tem sido hegemônica no que diz respeito aos paradigmas de gênero e sexualidade. Não somos isso *ou* aquilo, somos isso *e* aquilo; não somos letras numa sigla, somos pessoas.

O cenário de negligência a que pessoas transgênero são submetidas é retroalimentado pelos cenários ficcionais. A frequência com que pessoas trans morrem, são ridicularizadas, assediadas e violadas em seus direitos básicos no cinema é a espetacularização deste contexto, sem a mínima pretensão de olhar para esta comunidade de forma positiva, politicamente edificante.

Os principais resultados a partir da análise fílmica do documentário Disclosure, dirigido por Sam Feder (2020) apontam que as primeiras representações cinematográficas de personagens transgêneres reproduziam um viés carregado de estereótipos e cenários reducionistas que espelhava o tratamento dado às pessoas transgênero em sociedade. Outro resultado evocado é a fotogenia do mundo material que colocou as personagens transgêneres sendo interpretadas sob a pele de sociopatas, perversas ou degeneradas, nuance que era inserida em contextos de violência nos enredos. A última categoria analisada refere-se ao processo de resistência da população



transgêneros que fomentou uma virada sócio-histórica no mundo cinematográfico, já que avanços nas articulações políticas dedicadas a pessoas trans trouxeram uma ampliação na ocupação destas em espaços mais diversos, com aumento de representações sociais positivas.

Por fim, as principais limitações se direcionam ao fato de que não existem estudos que se debrucem a analisar a realidade social das pessoas transgêneras no que se refere aos aspectos de representações sociais desta comunidade no mundo cinematográfico. Há uma escassez também de dados oficiais do governo federal que aprofundem a coleta de dados e diretrizes de formulação e coleta de dados que acompanhem as especificidades que a temática necessita.

No que diz respeito a recomendações e cenários futuros para o recorte desta pesquisa, existe um vácuo teórico deveras preocupante no que diz respeito a textos acadêmicos redigidos ou centrados nas pautas trans. Sendo assim, compreendemos que o tema do presente artigo não se esgota apenas neste texto; o debate sobre as desconstruções e reconstruções da ideia de gênero na espécie humana está longe de chegar a um consenso, a própria metodologia de buscar um consenso fechado acerca de algo tão abstrato e transubjetivo já vem se provando ser ineficaz, paradoxal.

É fundamental que as próximas pesquisas estejam atentas às demandas prioritárias e de sobrevivência das populações trans. Acesso a comodidades da bolha cisgênera não significa equidade, significa apenas que o sistema patriarcal e capitalista pós-moderno está se adaptando para nos transformar em um mercado, em uma “marca”. A produção científica acerca da comunidade LGBTQIAP+ precisa muito desconstruir os cenários radicais que tem sido um fantasma das décadas passadas. Cabe a cientistas de hoje recuperar uma visão implicada politicamente e consciente da magnitude com que os direitos humanos são negados a essas pessoas; apenas esta noção é viável desconstruir os padrões de violência, ridicularização e medicalização que se repetem em diferentes culturas e décadas na história da humanidade.

### **Referências Bibliográficas**

ALEXANDRE, Marcos. *O papel da mídia na difusão das representações sociais*. Comum, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001. Disponível em:



<[http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17352/material/o\\_papel%20da%20m%C3%ADdia%20na%20difusao%20de%20representacoes%20sociais.pdf](http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17352/material/o_papel%20da%20m%C3%ADdia%20na%20difusao%20de%20representacoes%20sociais.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2020.

BARIFOUSE, Rafael. Como ser transgênero foi de ‘aberração’ e ‘doença’ a questão de identidade. *BBC News Brasil*. São Paulo, 30 set. 2018. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44651428#:~:text=O%20que%20s%C3%A3o%20pessoas%20transg%C3%AAnero&text=O%20termo%20foi%20cunhado%20em,se%20popularizou%20nas%20d%C3%A9cadas%20seguintes>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. *Relatório Disque 100 2019*. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/ouvidoria/Relatorio\\_Disque\\_100\\_2019\\_.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/ouvidoria/Relatorio_Disque_100_2019_.pdf). Acesso em: 10 de abr. 2021.

CODATO, Henrique. *Cinema e Representações Sociais: alguns diálogos possíveis*. Verso e Reverso, Belo Horizonte, v. 29, n. 55, p. 47-56, 2010. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/download/44/8>. Acesso em: 8 ago. 2020.

DAMACENO, Ana, et. al. *PESQUISA DOCUMENTAL: ALTERNATIVA INVESTIGATIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE*. IX Congresso Nacional de Educação. Curitiba, 2009. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3124\\_1712.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3124_1712.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2020.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

GOMES, José; ZENAIDE, Maria de Nazaré. *A trajetória do movimento social pelo reconhecimento da cidadania LGBT*. #Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, Rio Grande do Sul, v. 8 n.1. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/3402>. Acesso em: 27 mai. 2021.



HANAUER, O. F. D.; HEMMI, A. P. A. *Caminhos percorridos por transexuais: em busca pela transição de gênero*. Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 43, p. 91-106, 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042019001300091&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042019001300091&tlng=pt)>. Acesso em: 16 out. 2020.

JESUS, Jaqueline. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília, 2012. E-book. 23p. Disponível em: <[https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta\\_\\_es\\_popula\\_\\_o\\_trans](https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta__es_popula__o_trans)>. Acesso em: 23 set. 2020.

JODELET, Denise. *O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922009000300004>>. Acesso em: 6 nov. 2020.

MARASCIULO, Marília. *O que significam as letras da sigla LGBTQI+?* Galileu. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/03/o-que-significam-letras-da-sigla-lgbtqi.html#:~:text=A%20sigla%20passou%2C%20ent%C3%A3o%2C%20a,e%20invisibilidade%20dentro%20do%20movimento>>. Acesso em 13 nov. 2020.

SANTOS, Jairdos. *O que é Pós-Moderno*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. 113 p.

SANTOS, Geovane, Tavares.; DIAS, José, M., B. *Teoria das representações sociais: uma abordagem sociopsicológica*. Macapá, Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da Unifap, v. 8, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1416/santosv8n1.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2021

RONDINELLI, Rosely. *O conceito de documento arquivístico frente à realidade digital: uma revisitação necessária*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: <[https://www.siarq.unicamp.br/siarq/images/siarq/publicacoes/preservacao\\_digital/tese\\_rondinelli.pdf](https://www.siarq.unicamp.br/siarq/images/siarq/publicacoes/preservacao_digital/tese_rondinelli.pdf)>. Acesso em: 14 nov. 2020.





## ENTREVISTA SOBRE SAÚDE TRANSMASCULINA<sup>11</sup>

*Entrevistado: Athos Souza*

*Entrevista concedida a: Julianna Nonato*

GIULIANNA NONATO: Não existe saúde transmasculina. É assim que o entrevistado de hoje define a situação de homens trans e pessoas transmasculinas em relação à falta de acesso a serviços básicos de saúde, mas também em relação à escassez de dados e à falta de políticas públicas para a população trans em geral, especificamente para a população transmasculina, que sofre de uma invisibilidade. Hoje, conheceremos o Athos, educador comunitário do Centro de Pesquisas do Hospital das Clínicas da USP, em São Paulo.

ATHOS SOUZA: Meu nome é Athos. Vim para São Paulo sem expectativa emprego nem nada. Queria trabalhar com alguma coisa que me possibilitasse ajudar minha população, e vi que em São Paulo acontecia muita coisa referente a militância e ativismo. Vi a vaga de emprego enquanto educador comunitário. Caí no Hospital de Clínicas e hoje estou aqui faz mais ou menos um ano e meio.

GIULIANNA NONATO: O trabalho do Athos é fazer uma ponte entre a população LGBTIA+ e as pesquisas clínicas que acontecem no HC. Dentre os vários desafios desse trabalho, existe o histórico transfóbico da produção de conhecimento. Geralmente, pesquisadores cis utilizam a nós, pessoas trans, como seus objetos de estudo, e não nos retornam com resultados que sejam úteis para nossa população, principalmente em forma de dados que evidenciem uma demanda, que justifique a construção de políticas públicas que nos favoreçam, que supram as nossas necessidades.

ATHOS SOUZA: São pessoas trans que estão por trás desse trabalho justamente para cobrar esses pesquisadores: “tá, vocês estão nos usando e nos estudando, mas queremos respostas”, principalmente voltadas para a área de políticas e acesso à saúde dessas pessoas. Costumamos dizer que a pessoa que participa de

---

<sup>11</sup> Entrevista de Athos Souza concedida a Julianna Nonato, disponível no perfil de Instagram @travagiu, pelo seguinte endereço eletrônico: <[https://www.instagram.com/tv/CP01gdQHOu\\_/](https://www.instagram.com/tv/CP01gdQHOu_/)>. Entrevista transcrita por Cello Latini Pfeil.



pesquisa clínica está fazendo muita coisa, ela não é só uma participante: está fazendo política.

GIULIANNA NONATO: Já deu pra sacar que a importância da educação comunitária é permitir que pessoas trans acessem os serviços de saúde através da participação nessas pesquisas médicas, ao mesmo tempo cobrando dos pesquisadores resultados, principalmente em forma de políticas e acesso à saúde. O Athos disse que quem participa dessas pesquisas está fazendo um ato político, e eu quero saber: qual é a importância política de produzir dados especialmente sobre a população transmasculina?

ATHOS SOUZA: Enquanto uma pessoa transmasculina, te digo, estando aqui dentro, que a gente não existe nesses locais de saúde. Não existem, nem no Brasil, nem no mundo, dados epidemiológicos sobre pessoas transmasculinas. Quantos homens trans estão vivendo com HIV? Quantas pessoas trans estão tendo acesso à PREP? Não temos nenhum tipo de dado, não temos pesquisas epidemiológicas, não temos nada, porque, até então, nunca fomos lidos enquanto pessoas transmasculinas. Ainda estamos sendo colocados na caixa de mulheres cis lésbicas, ou com o comportamento sexual de um homem cis gay. Então, é um trabalho de formiguinha. Gerando dados, nós vamos começar a gerar demanda para estudar esses comportamentos e mostrar às pessoas que elas não estão nos vendo enquanto pessoas transmasculinas.

GIULIANNA NONATO: Eu to sabendo que, no centro de pesquisas do HC, atualmente acontecem pesquisas sobre PREP injetável, sobre HPV e o estudo Mosaico, do qual eu participo, que o teste de eficácia de uma vacina contra o HIV. Se comprovada a eficácia, teremos uma vacina que imuniza pessoas contra a infecção do vírus do HIV, assim como a Coronavac faz contra o coronavírus. Não dá para falar de HIV sem pensar em saúde sexual de uma maneira mais ampla. Gostaria de saber como fica a saúde sexual de homens trans e pessoas transmasculinas com tão poucos dados em relação a essa população?

ATHOS SOUZA: As pessoas não entendem o comportamento sexual transmasculino. Quando começamos a falar sobre prevenção e saúde sexual, entra-se na questão da saúde da mulher. A gente não consegue se enquadrar nisso. Ainda somos lidos enquanto pessoas cisfemininas, enquanto mulheres lésbicas. Não existe uma saúde



voltada para pessoas transmasculinas, é saúde da mulher, e com essa saúde não conseguimos nos identificar.

GIULIANNA NONATO: Bom, acho que depois de tudo isso já entendemos a importância de ocupar espaços, reivindicar os nossos direitos para visibilizar as nossas demandas. Mas e hoje, enquanto construímos isso, com quem as pessoas transmasculinas podem contar?

ATHOS SOUZA: Existem resistências e grupos de pessoas transmasculinas e pessoas não-binárias. Temos uma troca de informação. Sempre foi assim, desde que, há 10 anos, eu me entendi uma pessoa trans, as informações e o acolhimento que recebo são de pessoas transmasculinas. Hoje em dia, existe uma questão do CRP, que está trabalhando com a ginecologia voltada a homens trans, pensando em pré-natal. Em meu mestrado, penso em trabalhar e estudar o comportamento sexual dessas pessoas, para começarmos, a partir daí, realmente trabalhar em métodos de prevenção que sejam realmente úteis, tendo acesso a essas pessoas transmasculinas, conversando com elas, sabendo o que elas entendem sobre prevenção, para saber como que funciona para nós. E teremos que começar do zero. Acredito que a saúde transmasculina, de pessoas não-binárias, de pessoas que têm vagina e não se identificam enquanto pessoas cisfemininas, está começando do zero.

GIULIANNA NONATO: Em todo mês do orgulho, ocorre a mesma coisa: pessoas cis convidam pessoas trans para falar dos mesmos assuntos, sem remuneração, enquanto expomos as nossas trajetórias de sofrimento, os nossos conhecimento e tudo o que acumulamos ao longo de nossa jornada e de nossa experiência enquanto pessoas LGBT. Para finalizar, pergunto para o Athos o que ele gostaria de falar no mês do orgulho.

ATHOS SOUZA: Todo mundo sabe que, em mês da diversidade, o povo só quer convidar uma pessoa trans para falar sobre identidade de gênero, para falar sobre a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Estamos cansados disso. Estamos falando sobre isso há anos, vamos falar sobre realidade, sobre acesso a escola e à saúde, sobre empregabilidade. Vamos falar sobre o que realmente importa e sobre o que está faltando, sobre por que a mana não tá trabalhando, por que ela não tem acesso à saúde. Vamos fazer uma reflexão de que não somos só o rótulo trans. A gente é muito mais do que isso, somos muito mais do que essa sigla.



## E NÃO POSSO SER EU UM TRANSFEMINISTA?

*Cauê Assis de Moura*

Escrevo atravessado por um misto de sensações que foi ler o livro *Transfeminismo*, o mais novo integrante da coleção *Feminismos Plurais*. Esta obra tem um papel fundamental de ampliar o debate acerca dos limites que circundam os feminismos, foi escrito por Letícia Nascimento: uma mulher travesti negra e gorda, pela qual tenho grande admiração. Tudo isso fez com que eu aguardasse ansiosamente a sua publicação, vibrei no dia do seu lançamento e terminei a leitura provocado e instigado a escrever. Afinal as boas leituras nos provocam isto, não é? Por isso quero falar das frestas, pensei em dizer janelas, mas são realmente frestas: estas aberturas estreitas, tortuosas, que a gente tem que espremer o corpo e ter muita maleabilidade para poder passar.

Cada página que fui lendo, me conduziu mais e mais para uma fresta bem apertada e feita sob medida para que meu corpo não pudesse transpor. Quando me deparei na página 47 com a seguinte citação: “[...] a historia do feminismo é intensamente marcada pelas lutas e resistências de mulheres cis, mulheres brancas, mulheres negras, travestis, transexuais, feministas socialistas, anti-imperialistas, mulheres lésbicas, mulheres latino-americanas, afro-ameríndias, indígenas, pessoas não binárias, pessoas queer” (NASCIMENTO, p. 47, 2021) eu me perguntei e nós transhomens<sup>12</sup> e pessoas transmasculinas?

Continuei a leitura sem tirar esta indagação da mente e fui percebendo que ela foi sendo alimentada e ampliada no decorrer da leitura. Entendo que o feminismo demande “o reconhecimento da luta política e produção teórica de pessoas que vivenciam as opressões de gênero (cis)sexistas e que se revindicam dentro de uma performace de genero de mulheridades e/ou feminilidades” (NASCIMENTO, p. 56, 2021), mas aposto e acredito em um transfeminismo que vá além desta demanda, que

---

<sup>12</sup> Utilizo no texto o termo transhomens, pois, compreendo assim como João W. Nery que antes de ser homem eu sou trans e também como nos coloca a pesquisadora Simone Ávila a palavra transhomen escrita desta forma, sem separação entre as palavras trans e homem “se torna um substantivo, que é a palavra com que se denomina, e não se ‘qualifica’, um ser ou um objeto, como é o caso do adjetivo. Ao usarmos ‘masculino’ ou ‘feminino’ após transexual (transexual masculino, transexual feminino), ao usar ‘transexual’ após homem ou mulher (homem transexual, mulher transexual), estamos qualificando o sujeito (ÁVILA, 2014, p. 34).



não seja apenas um “lugar de luta política e produção intelectual compartilhada por pessoas que se autodefinem como mulheres, queers, travestis, mulheres transgêneras, mulheres transexuais, pessoas não binárias, travestis ou ainda de outros modos, como transviada ou bixa travesti” (NASCIMENTO, p. 58, 2021), ou em outras palavras não compreendo que o transfeminismo consiste apenas em “um movimento epistêmico e político feito por e para mulheres transexuais e travestis” (NASCIMENTO, p. 70, 2021).

Desculpe o excesso de citações, mas foi preciso trazer a palavra no literal para não correr o risco de ser mal interpretado, pois foi a forma como estas palavras foram colocadas que proliferaram em mim uma série de interrogações. Se eu entendi bem a discussão, o livro traz que as sujeitas do transfeminismo são aquelas que performam as mulheridades e/ou feminilidades. Pergunto: será que ampliar a concepção de mulher para o conceito de mulheridades, problematizando assim a relação sexo-gênero e trazendo a noção de performance como definidora das sujeitas do transfeminismo, faz deste movimento uma luta plural? Ou apenas segue gerando exclusões tal qual a parcela do feminismo que exclui as mulheres negras e a parcela que exclui os corpos desobedientes de gênero? Assim, eu tomo emprestada a frase que intitula a introdução do livro e pergunto: E não posso ser eu um transfeminista?

Recordo que durante uma entrevista Djamila Ribeiro, filósofa e coordenadora da coleção feminismos plurais, ao ser perguntada se um homem pode se dizer feminista respondeu que:

Homens precisam discutir masculinidades, primeiramente. É interessante que entendam essa masculinidade construída na agressividade, essa masculinidade tóxica que não pode ouvir não. A filósofa Simone de Beauvoir disse: o único homem feminista é aquele que enxerga a mulher como sujeito. Como ainda são raros os homens que fazem isso, então talvez eu diga que não.... (RIBEIRO, 2018)

Fico pensando se em sua resposta Djamila levou em consideração a vivência de transhomens e pessoas transmasculinas, pois como nos coloca o filósofo e transhomem Paul B. Preciado, nós não pertencemos “à classe dominante, daqueles aos quais se atribui o gênero masculino no nascimento e que foram educados como membros da classe governante, àqueles a quem se concede o direito ou de quem se exige (e é uma chave interessante de análise) que exerça a soberania masculina.” (PRECIADO, p. 312, 2020) Em grande maioria nós fomos educados enquanto corpos femininos, isso nos





possibilita ter uma outra forma de visualizar e vivenciar as questões que envolvem o sexismo, o machismo e o patriarcado.

Então, eu indago, porque pensar um transfeminismo que exclui nossa participação? Ou se o transfeminismo realmente tem em seu horizonte, assim como é colocado no livro, o desejo de que “possamos romper criticamente com a compulsoriedade binária de que se é homem ou se é mulher” (NASCIMENTO, p. 58, 2021), por que então definir apenas pessoas que performam feminilidades e/ou mulheridades como sujeitas?

Uma das primeiras elaborações teóricas sobre transfeminismo no Brasil foram realizadas pela pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus que conceituou este enquanto um movimento intelectual e político que “pode ser compreendido tanto como uma filosofia quanto como uma práxis acerca das identidades transgênero que visa a transformação dos feminismos” (JESUS e ALVES, 2010, p. 14), trazendo assim desde o início no bojo de sua elaboração todas as pessoas transgêneras como sujeitas do transfeminismo. Inclusive em consonância com o texto escrito por Hailey Alves em 2012, que delineia alguns pontos para a agenda do transfeminismo, Jaqueline pontua enquanto agenda política do movimento “o direito dos homens transexuais a gestação e a aborto seguros” (JESUS, 2014 p. 251 apud ALVES, 2012). Pautas que permanecem fundamentais para as discussões transfeministas e que devem ser protagonizadas principalmente por transhomens e pessoas transmasculinas. Mas, na elaboração do livro, os pontos da agenda política do transfeminismo são sintetizados de forma que o direito sexual e reprodutivo de transhomens e pessoas transmasculinas não é pontuado enquanto uma demanda deste movimento. Considero esta uma forma de apagamento de uma luta tão importante para todas as pessoas trans.

Aliás, apagamento talvez seja a palavra que se adequa ao que o livro faz em relação aos transhomens e pessoas transmasculinas dentro da sua elaboração sobre o transfeminismo. Entendo que o transfeminismo, assim como o feminismo de uma maneira geral é um projeto que está em construção, que é plural e que “não constitui uma única possibilidade de pensamento” (NASCIMENTO, p. 91, 2021). Mas continuo sem compreender o porquê de não elaborar este dentro de uma perspectiva realmente plural, ao invés de continuar exercendo uma postura prática e teórica de exclusão?



Sei que esta é uma escolha, assim como é colocado no livro, para que fosse possível ter “uma coerência epistêmica e política, capaz de garantir uma coalizão estratégica com os demais feminismos dispostos a dialogar de modo interseccional sobre as maneiras como vivemos nossas [leia-se aqui: pessoas que performam feminilidades e/ou mulheridades] opressões de gênero, sem a crença em um determinismo biológico.” (NASCIMENTO, p. 91 grifo meu). Mas, prefiro seguir acreditando em um transfeminismo comprometido não apenas com a “coerência e coalizão” mas sim com a transformação, com o dismantelamento do sistema e seus eixos de opressões. Fico com as palavras do João W. Nery que estão na contra capa do primeiro livro escrito no Brasil sobre Transfeminismos:

O transfeminismo é um feminismo "ousado". Contribui também na luta contra o sexismo e a transfobia. Reconhece os direitos das pessoas transgêneras de poderem ser cidadãs, de terem autonomia, tanto para dizerem quem são quanto para produzirem seu próprio corpo - valores estes ainda negados por uma cultura que acredita que anatomia é destino. (NERY, 2014)

E com as palavras de Paul B. Preciado, que trazem o transfeminismo para esse lugar de ruptura:

O sujeito do transfeminismo não são as “mulheres”, mas os usuários críticos das tecnologias de produção da subjetividade. Esta é uma revolução somatopolítica: o surgimento de todos os corpos vulneráveis contra as tecnologias de opressão. A figura-chave do transfeminismo, inspirada pelo manifesto de Haraway, não é nem um homem, nem uma mulher, mas um hacker mutante. A questão não é: o que eu sou? Qual sexo ou qual sexualidade? Mas: como isto funciona? Como podemos interferir no seu funcionamento? E, mais importante ainda: como isso pode funcionar de outro modo? (PRECIADO, 2018, p. 11-12)

Trago as elaborações destes dois transhomens que me inspiram para marcar nossas contribuições, para não deixar apagar nossa presença, para ampliar a riqueza e as inquietações que me provocaram a leitura do livro Transfeminismo de Leticia Nascimento. E quero por fim evidenciar que este texto é apenas o início de uma discussão que pretendo ampliar, pois sinto que ela precisa ser feita. Nosso lugar nas discussões acerca dos feminismos e dos transfeminismos são frestas por onde, com um certo esforço, é possível vislumbrar outros horizontes.

## **Referências Bibliográficas**

Alves, Hailey. . Introdução ao transfeminismo. Transfeminismo, 2012. Disponível em: <https://transfeminismo.com/introducao-ao-transfeminismo/> Acesso em: Ago. 2021.



RIBEIRO, Djamila. Homem tem lugar no feminismo?. [Entrevista concedida a] Natacha Cortêz. UOL, 03 de jan. de 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/01/03/homem-tem-lugar-no-feminismo-feministas-dizem-qual-e-o-papel-deles-na-luta.htm>. Acesso em: Ago. 2021.

ÁVILA, Simone Nunes. FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo. 2014. 243 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/129050/329117.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jul. 2021.

NASCIMENTO, Leticia. Transfeminismo. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PRECIADO, Paul B. TRANSFEMINISMO. N-1edições, 2018. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/cordeis/TRANSFEMINISMO-12> Acesso em: 10 Ago. 2021

PRECIADO, Paul B. Um apartamento em Urano: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. Cronos – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, v. 11, n. 2, jul./dez. 2010. p. 8-19. Disponível em: <https://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150/pdf>. Acesso em: 28 Ago. 2021

JESUS, Jaqueline. Gomes. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. Universitas Humanística, 78, pp. 241-258. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/791/79131632011.pdf> Acesso em: 22 jul. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de (org.). Transfeminismo: teorias & práticas. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2014. 206 pp.

JOÃO, W. Nery. TRANSFEMINISMO. In: Transfeminismo: teorias & práticas. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2014.



## **SOBRE O ANIQUILAMENTO DE CORPOS INVISÍVEIS: REFLEXÕES SOBRE TRANSMASCULINIDADES E SUICÍDIO<sup>13</sup>**

*Bruno Latini Pfeil*

*Cello Latini Pfeil*

Em seu texto *The Fear of Death*, Charles William Wahl (1959) nos descreve uma era de triunfos na ciência, com avanços inimagináveis há menos de uma década. A capacidade de alterar o fluxo dos rios, por exemplo, subvertendo as dinâmicas geográficas naturais, nos fez acreditar que não há obstáculos que não possamos enfrentar com as ferramentas e o conhecimento acumulados ao longo dos séculos. Apesar desse falso otimismo, considerando as perdas passadas, futuras e contínuas em detrimento desse inestimável “avanço” tecnológico, há uma exceção à invencibilidade científica. Podemos racionalizá-la, atenuar seus efeitos psicossociais, espiritualizá-la; contudo, apesar de termos desenvolvido tantas técnicas cirúrgicas e terapias psicofarmacológicas, não podemos escapar da morte.

Para Wahl (1959), a morte ocupa um lugar ambíguo em nossa cultura. Em histórias lúdicas e contos de fada, a morte é muitas vezes representada simplesmente como um banimento temporário de nossa realidade, um acontecimento corriqueiro e até mesmo reversível. A morte pode ser compreendida como uma rede de símbolos, cujos significados variam para cada pessoa e cultura. A causa da morte também carrega bastante significado, quando pensamos na variabilidade geográfica em que ocorre. Com o tempo, consolidamos nossa temporalidade juntamente aos estigmas e o peso atribuídos à morte, passando a reprimir nossos desejos de destruição. De um lado, concebemos a finitude como parte inevitável da vida; de outro, ela se torna a inimiga que devemos enfrentar com todas as forças, porém sem admiti-la. Ao mesmo tempo em que temos consciência de nossa finitude, não conseguimos nos referir a ela. Quando alguém morre, dizemos que a pessoa “se foi” ou “não está mais aqui”. Preservamos o corpo para que tenhamos a ilusão de que ele está somente dormindo, vivo. O medo da

---

<sup>13</sup> Publicado originalmente pelo portal do Coletivo CILEP. Disponível em: <<https://investigacoeslibertarias.wordpress.com/2021/07/21/sobre-o-aniquilamento-de-corpos-invisiveis-reflexoes-sobre-transmasculinidades-e-suicidio-por-bruno-latini-e-cello-latini/>>.



morte, título do texto de Wahl, não se limita à finitude orgânica; abrange também os significados atribuídos à morte no decorrer da história e, principalmente, o valor atribuído aos corpos que morrem.

Esse movimento de profunda negação da morte, de seu mascaramento e rejeição por meio da medicalização compulsória, da periferização dos mortos, do enfeite de cadáveres, concebe o suicídio como algo completamente avesso à convenção estabelecida. Temos, então, o suicídio num lugar indefinido, entre a morte e a vida: a morte, como algo temido, que deve ser mascarado; a vida, como algo protegido e normalizado; e o suicídio, como uma negação da vida em vida.

Mas não podemos nos esquecer de um processo anterior à morte física, algo que atravessa aqueles corpos cuja morte é constantemente produzida. Entramos no campo do que Foucault denomina de *biopolítica*, ferramenta de análise dos processos de “fazer viver” e “deixar morrer”, de forma que a vida e a morte sejam produzidas por meio de relações de poder, enraizadas em políticas de reconhecimento. Pensamos a morte para além de uma perspectiva orgânica, previamente à falência material do corpo, e direcionamos atenção especial ao fenômeno do suicídio. Tal como a morte, como veremos, é atravessada por dinâmicas biopolíticas, o suicídio, enquanto causa de morte, também o é. Enquanto reconhecemos os fatores psicofarmacológicos, endocrinológicos e fisiológicos, no geral, que podem contribuir para um estado depressivo, compreendemos também que a delimitação do que seria um estado “normal” e saudável também depende dos discursos normativos sobre o que seria um corpo ideal. Esse corpo prende-se no modelo branco eurocêntrico, e podemos somar a ele a cisgeneridade, a heterossexualidade e a endossexualidade como integrantes dessa normatividade biológica.

Se a delimitação da saúde fundamenta-se em ditames culturais, a doença atravessa seu avesso sociocultural. Seguindo por esse pensamento, questionamos: o que delimitou a normalidade? O que normatizou o corpo de tal forma que este só coubesse em ‘saúde’ e ‘doença’ baseadas na cisheterobranquidade e na endossexualidade compulsória? Quem inventa a saúde não a molda em um corpo que não seja seu próprio, pois, se não fosse, estaria se sentenciando às próprias violências que fomenta: a tutela médica, os “tratamentos” violentos da psiquiatria, as internações compulsórias. O sistema que nos classifica como doentes é o mesmo em virtude do qual adoecemos.





Assim, se o adoecimento é produzido na mesma lógica da classificação, podemos afirmar que o adoecimento e a classificação andam de mãos dadas. Em estudos sobre masculinidades, gênero e sexualidade dissidentes, as transmasculinidades ou não são abordadas, ou são abordadas como um mero detalhe, ou como uma “categoria particular”. A morte social precede a morte orgânica.

A questão aqui diz respeito não somente à vida orgânica, ao corpo que se exime de existir, mas àquele que não consegue ser construído e reconhecido enquanto o corpo que defende ser, mas que sabe que é. Antes de morrermos fisicamente, por razões quaisquer, sofremos mortes sociais. Essa é a perspectiva central deste trabalho, e sua demonstração é fundamental para que tomemos ação no reconhecimento de identidades que não estão sendo compreendidas.

A morte de pessoas transmasculinas sofre tanta invisibilização quanto o próprio reconhecimento de suas identidades. Os Dossiês de Violência da ANTRA encontram grande dificuldade de mapear os assassinatos e as violências que atravessam as transmasculinidades, justamente porque, no imaginário social, nossos corpos não existem. Não se consegue mapear algo que inexistente. No contexto das transmasculinidades, pensamos em um índice gritante: a taxa de 85,7%. Esse número representa o percentual estimado de quantas pessoas transmasculinas já tentaram ou consideraram cometer suicídio, segundo o “Projeto Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans”, realizado em 2015 pelo NUH/DAA (UFMG, 2015). O estudo foi feito a partir de um questionário online em grupos de facebook de homens trans e pessoas transmasculinas. Dentre os participantes, 71,45% afirmaram ter ou já ter tido depressão.

Nossa inexistência social não interrompe as políticas de aniquilamento das subjetividades transmasculinas, o apagamento de suas histórias, a deslegitimação de suas epistêmes. Existir em uma realidade que nega uma identidade por meio de irreconhecimento sistemático acarreta em violências das quais não se consegue desviar, pois, a princípio, não possuem ponto de partida estritamente definido, nem um destino socialmente consolidado. Pensar o fenômeno do suicídio de corpos transmasculinos é, também, pensar se, em vida, estes corpos realmente eram considerados vivos, existentes, epistêmicos. O suicídio talvez não simbolize apenas a morte orgânica, mas a busca pelo que tentamos negar ao máximo: um mundo que não nos reconhece, que nos

apaga a todo custo.

Aqui, compreendemos a morte nos níveis literal e simbólico. O primeiro, a morte física, decorrente de possíveis fatalidades; o segundo, o não reconhecimento do sujeito, os epistemicídios, o apagamento histórico, a marginalização, a imposição de identificações e performances que não nos dizem respeito, a precarização da vida. Quando o corpo de uma pessoa trans é identificado por seu nome de registro inicial, observamos a morte não somente quando nossos corpos param de funcionar, mas também quando nossas identidades – e territorialidades – são negadas em detrimento da ordem social. Daí, entendemos que a morte não se limita ao cessamento de atividades cerebrais, mas sim ao apagamento de identidades. O exercício desse poder ultrapassa a aniquilação física e passa a um tipo de dominação que coloniza a subjetividade.

O poder, para Foucault (2005), é uma malha microcapilar em constante movimento: produz quem morre e quem mata – e quem resiste à morte, sendo a morte, como vimos, integrante e propulsora das dinâmicas biopolíticas de poder. Unindo as noções de biopoder, de Foucault, e de soberania, Mbembe (2016) entende que os limites da soberania são matar ou deixar de viver. Podemos entender a soberania como o controle sobre a mortalidade, e a necropolítica como a “capacidade que o soberano tem de definir quem deve morrer e quem deve viver” (DE MORAES, 2020, p. 9). Se estamos inseridos nas dinâmicas da necropolítica, e se todo Estado, nascido a partir do direito de matar, é uma espécie de necro-Estado, então podemos dizer que, para além do direito de matar nossos corpos, os agressores fomentam uma política suicidógena que empurra nossos corpos aos limites da resistência, ao suicídio. Pensamos, então, não em pessoas que se suicidaram, mas sim que foram suicidadas, e o que marca os corpos a serem suicidados é uma série de fatores em oposição aos quais a cisheterobranquidade opera.

Porém, o que ocorre quando o outro não é reconhecido como outro? Ou quando o reconhecimento necessário para que haja outremização – isto é, a exclusão a partir do reconhecimento da diferença, ou da reivindicação da diferença – é impossibilitado pela escassez de arcabouço simbólico, de linguagem para nomeação? A teoria clássica da soberania delegava o direito de deixar viver e de fazer morrer ao rei soberano. Compreendemos a vida e a morte, aqui, não em âmbito meramente material, orgânico, mas através da formação de redes subjetivas: a vida só existe dentro de uma lógica de



sujeição e legitimação; quaisquer organismos que não sejam *inteligibilizados* não estão necessariamente vivos, não são necessariamente pessoas, sujeitos de direito.

Ao pensarmos um modelo de sociedade eurocentrado, guiado pelos modos do patriarcalismo e do capitalismo, podemos traçar a localização geográfica dos sujeitos de nossas narrativas. A geografia nos concede a noção de *território*, “aquilo que é controlado por um certo tipo de poder” (FOUCAULT, 1979, p. 157), passível de análise sobre as dinâmicas de morte e vida perpetradas em determinado espaço:

Metaforizar as transformações do discurso através de um vocabulário temporal conduz necessariamente à utilização do modelo da consciência individual, com sua temporalidade própria. Tentar ao contrário decifrá-lo através de metáforas espaciais, estratégicas, permite perceber exatamente os pontos pelos quais os discursos se transformam em, através de e a partir das relações de poder. (FOUCAULT, 1979, p. 158)

Mas não sabemos localizar geograficamente onde estão os corpos transmasculinos. Não há um lugar socialmente definido que se saiba que eles desejam ocupar ou ao qual sejam forçosamente relegados por serem transmasculinos. Também não há um lugar ao qual eles possam recorrer historicamente ou que os represente socialmente, que os reconheçam como corpos transmasculinos. Não há uma subjetividade construída em torno de suas experiências. Em suma, são corpos que simbolicamente não existem, geograficamente nunca existiram e que não possuíram perspectiva de construir uma rede de subjetividades. De Moraes (2020, p. 12) entende esse fenômeno ao afirmar que “a discriminação, a perseguição e o amor pela morte (simbólica, psicológica e/ou física)” de grupos marginalizados e/ou dissidentes são demarcados pelo conceito de outrocídio. É à morte simbólica e psicológica que direcionamos nossa atenção.

Esse sistema de apagamento – que podemos entender como uma política de morte-em-vida – configura-se como um contínuo de violências materiais e simbólicas contra identificações e performances inconformes às normas de gênero. A vida e a morte, nesse sentido, apresentam-se não como estados orgânicos ou de consciência, mas como artifícios políticos, uma vez implicando na forma como o sujeito sobrevive em ambientes que produzem morte pela invisibilização, pelo não reconhecimento, pela estigmatização e fetichização do corpo.

O ato de matar relaciona-se tanto ao homicídio e ao suicídio quanto às nossas mortes diárias pela invisibilização e pela exposição à morte. Quando Foucault define a



soberania como “a teoria que vai do sujeito para o sujeito, que estabelece a relação política do sujeito com o sujeito” (2005, p. 50), compreendemos a intimidade com que as relações de poder, que constituem o corpo social, constituem o sujeito enquanto tal. O poder, diz ele, produz o sujeito que o produz. A soberania legitima o poder e a lei mediante discrepâncias constitutivas, demográficas e culturais entre um sujeito e outro. Possuir direito de vida e de morte demanda necessariamente uma inclinação à morte, pois o “efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar” (FOUCAULT, 2005, p. 286); ou seja, na perspectiva foucaultiana, é o direito de matar que habilita o soberano a deixar viver e a *fazer* morrer, denunciando uma evidente atividade no quesito da morte e uma aparente – e camuflada – passividade na questão da vida. É assim que os sujeitos são ‘sujeitados’: apresentando-se como a única possibilidade de constituição subjetiva, a teoria da soberania detém o poder sobre aqueles que, de fato, são legitimados pela lei e sobre aqueles outros que, ao contrário, são sujeitos a ela.

Contudo, os sujeitos ‘sujeitados’ à lei passam por um processo de reconhecimento: são reconhecidos como sujeitos sujeitos. Ainda que pessoas transmasculinas também façam parte desse grupo, nunca seriam reconhecidas como transmasculinas – no máximo, como corpos divergentes, mas sua reivindicação não seria compreendida, já que socialmente inexistente. Diante disso, nos perguntamos: como pode haver aniquilamento de um corpo que não é reconhecido? Como pode haver aniquilamento sem alvo definido?

Faremos aqui uma comparação para mostrar como diferentes violências são direcionadas a diferentes corpos.

Identificamos um imaginário social para as travestilidades, completamente atrelado à prostituição, ao perigo, estigmatizado, estereotipado e transfóbico; é um imaginário em relação ao qual pessoas transfemininas são localizadas. Percebemos o teor da violência travestifóbica em levantamentos estatísticos presentes nos Dossiês da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil) e do IBTE (Instituto Brasileiro Trans de Educação). No “Dossiê dos Assassinatos e Violência Contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2019”, foram documentados 124 assassinatos de pessoas trans, sendo 3 de homens trans. O Dossiê exhibe estimativas concernentes à população transfeminina, como sua distribuição em empregos formais,



na prostituição e em atividades informais e subempregos. Cerca de 90% das travestis e mulheres trans se prostituem. A porcentagem de mulheres trans e travestis no ensino superior não chega a 0,1%, e mais da metade da população transfeminina não concluiu o ensino fundamental. Em relação à expectativa de vida, estima-se que transexuais femininas e travestis possuam uma média de vida de 35 anos de idade, ressaltando, ainda, que 82% dos casos de assassinatos identificados foram contra pessoas transfemininas pretas e pardas, segundo o Dossiê. Isso significa que existe a demarcação de um alvo, a definição de um sujeito que é aniquilado. Além de uma política de morte, existe uma política do reconhecimento: é a partir do reconhecimento – um reconhecimento preconceituoso e estigmatizante, que não está acompanhado da legitimação da identidade feminina – da travesti que se sentencia seu aniquilamento. Porém, nos complicamos ao estabelecermos uma ordem temporal entre o reconhecimento e o aniquilamento, pois pessoas transmasculinas não são reconhecidas como tais e, ainda assim, são aniquiladas. Embora não haja reconhecimento, existe morte; uma morte precedente, algo que visualizamos como uma morte-em-vida.

O não-reconhecimento de corpos transmasculinos é atravessado por uma grave invisibilização. Observamos isso na dificuldade da ANTRA e do IBTE de conseguirem, em seus Dossiês, fazer levantamentos de dados sobre homens trans e pessoas transmasculinas. Embora procurem abarcar as violências ao máximo, tais organizações não podem mapear algo que não é noticiado nem reconhecido. Se os levantamentos de dados são feitos pelo mapeamento de notícias das violências, a lacuna de dados se dá pela falta de notícias, ou pela maneira errônea como veículos de informação nomeiam nossos corpos. Um exemplo disso é a reportagem do programa Fantástico sobre Lourival Bezerra. Não tivemos acesso à reportagem original, pois a página<sup>14</sup> apresentou-se como inexistente, provavelmente retirada do ar devido à enxurrada de críticas à transfobia explícita. A identidade de gênero de Lourival foi tratada como um “segredo” guardado por 50 anos; após sua morte, em 2018, sua “verdadeira identidade”, ou seja, seu nome de registro deveria ser desvendado para validar a inscrição de sua sepultura.

Essa reportagem é somente um exemplo dos processos de pós-morte de pessoas trans. Os processos de mortificação de determinados sujeitos estão ligados à

<sup>14</sup> <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/02/03/mulher-se-passou-por-homem-por-50-anos-e-segredo-so-foi-descoberto-apos-morte.ghtml>





determinação da soberania por outros. Da mesma forma como a morte adquiriu diferentes simbolismos de acordo com seu horizonte histórico e sua localidade, as dinâmicas de poder, no que diz respeito ao poder sobre o corpo – e, no caso, também sobre os corpos mortos –, também mudaram. Historicamente, corpos suicidados foram despídos de localização geográfica, sendo enterrados fora dos cemitérios e sem sepultura, tal como os corpos indigentes, desprovidos de identidades sociais ou cujas identidades não recebem reconhecimento social valoroso para um sepultamento no ‘lado bom’ da cidade.

O que ocorre constantemente com pessoas trans é uma etapa inédita dessa deslocalização: são enterradas com um nome que não lhes representa. Para Mbembe (2016), temos que a morte não se resume ao fim da vida ou do indivíduo, mas se expande à condição para que a vida se impulse. A vida confronta a morte, e é fundada por ela. Em corpos trans, ou a morte representa a vida – sendo a vida uma espécie de mortificação constante, com signos como ‘nome morto’ sendo reavivados a todo instante – ou a precede, uma vez que corpos trans nascem no escopo da norma. Um corpo trans nunca nasce já vivo; pelo contrário, nasce mortificado, e faz nascer a si próprio aos poucos, ao longo do tempo, sob represálias. Assim, segundo Mbembe (2016, p. 125), se tornar um sujeito “supõe sustentar o trabalho da morte”, pois é por meio do enfrentamento da morte, do trabalho que esse esforço comporta, que o ser humano se diferencia do animal. É a partir dessa diferenciação que nos tornamos capazes de historicizar nossas vidas e construir narrativas próprias. Contudo, quando é que narrativas trans – em todo momento trabalhando contra a morte – conseguem se fazer ouvir, se historicizar? Nosso enfrentamento da morte produz narrativas, que não são legitimadas, muito menos historicizadas. Em relação às transmasculinidades, as narrativas produzidas encontram empecilhos para formarem redes próprias de subjetividades devido à deslocalização.

Se a geografia demarca as relações de poder (FOUCAULT, 1979), a falta dela demarca não a ausência de dinâmicas biopolíticas, mas uma política do não-reconhecimento, violências veladas. Os agressores são localizáveis, mas o lugar aonde as violências se direcionam não está nítido, acarretando em uma dificuldade de mobilização e defesa e em um silenciamento sistemático de vozes cujos enunciadores não realmente existem no arcabouço simbólico do patriarcado e da ocidentalidade. Pensar o aniquilamento de subjetividades transmasculinas requer um aprofundamento



nas dinâmicas opressivas aqui assinaladas, desde a enxurrada de subnotificações e sub-registro de identidades transmasculinas em registros de óbito, seja por suicídio, homicídio ou demais causas, até a exposição absurda de pessoas transmasculinas enquanto mulheres cis, como exemplificamos no caso de Lourival.

A compreensão destas dinâmicas de aniquilamento demanda um aprofundamento em estudos sobre os processos de mortificação materiais e simbólicos aos quais somos submetidos, e acreditamos que as análises aqui apresentadas demonstrem a necessidade de criarmos espaços próprios de produção de subjetividades transmasculinas. Talvez, a partir da produção de subjetividades nossas possamos desviar da morte-em-vida; reconhecendo-nos coletivamente podemos subverter a lógica da deslocalização que nos aguarda no momento em que tentamos levantar nossas bandeiras. Não adianta lutar por reconhecimento social em uma sociedade que não nos inteligibiliza, cuja [cis]norma não nos apraz, cujos mecanismos de auto-defesa inviabilizam qualquer possibilidade de autodeterminação. Se não somos reconhecidos por Eles, que sejamos plenamente reconhecidos por Nós, e que esse reconhecimento seja, para eles, o aniquilamento que até então nos sobrepôs.

### **Referências Bibliográficas**

DE MORAES, Wallace. Crítica à Estadolatria: contribuições da filosofia anarquista à perspectiva antirracista e decolonial. Revista Teoliterária, v. 10, n. 21, 2020.

Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019. Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020

FOUCAULT, Michel. Sobre a geografia. In: Microfísica do poder. 13ª ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Revista do ppgav/eba/UFRJ, n. 32, 2016.

WAHL, Charles William. The Fear of Death. In: FEIFEL, Herman (Org). The Meaning of Death. New York, Toronto, London: McGRAW-HILL BOOK COMPANY, 1959.



Projeto Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans. Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH – UFMG), Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA – UFMG), 2015.



## ATÉ QUANDO?

### Uma breve autoetnografia sobre a evasão acadêmica de corpos dissidentes.

Mar Facciolla

Início este texto em meio a um frenesi que me ocorre após um dia de domingo com muitas angústias revividas. Deitada<sup>15</sup> em minha cama lendo uma distopia – não tão – futurista onde, em uma Sociedade super controlada, pessoas não podem ter acesso à escrita, leitura, ou qualquer arte que não seja uma das cem selecionadas como aptas e seguras para serem consumidas<sup>16</sup>.

Pensando sobre o quão atual essa crítica é, me pego imerso numa urgência de comunicar tudo o que sinto e penso às pessoas de fora da minha bolha. Talvez assim possam ter o mínimo de noção sobre as consequências de seus privilégios e ignorâncias<sup>17</sup>.

Desde que tive conhecimento sobre a existência do edital, venho me questionando se seria capaz de produzir algo *bom o suficiente* para ser aceito e publicado. Esse questionamento vem me rondando há um bom tempo, mas a pergunta crucial que eu nunca soube responder até o momento é: bom para quem?

Sentei para começar a produzir com o intuito de falar sobre as minhas vivências e todos os seus atravessamentos na Academia, e agora me percebo inundado de ideais capitalistas onde meu trabalho deve ser bom aos moldes do (cis)tema<sup>18</sup>.

Sempre gostei de desafios, portanto, agora eu mesmo me darei um: elaborar este escrito aos *meus* moldes.

---

<sup>15</sup> Neste escrito recorro à linguagem não-binária, também conhecida como neolinguagem ou linguagem neutra de gênero a fim de incluir a todas as existências e diminuir o machismo linguístico, como

<sup>16</sup> A série de distopia citada leva o nome de Destino e é uma trilogia escrita por Ally Condie.

<sup>17</sup> Aqui me refiro ao conceito literal de “ignorância” segundo o dicionário online Michaelis (2021) “Estado daquele a quem falta conhecimento, saber ou instrução.”.

<sup>18</sup> Escrevo “(cis)tema” como uma referência ao sistema opressor produzido pela cisgeneridade.



É muito difícil enfrentar todos os fantasmas que me assombram. Hoje tenho plena consciência de que a maioria deles vem não só da transfobia, mas também da gordofobia e do binarismo incrustados em cada milímetro dessa sociedade colonizada, branca, patriarcal e cisheteroterrorista em que vivemos.

## (RE)CONHECIMENTO

Antes de falar sobre a minha experiência enquanto uma corpe dissidente presente na Academia de Psicologia, sinto ser necessário contextualizar por onde já passei e como isso influencia em minhas perspectivas atualmente.

Sempre tive a Psicologia como minha segunda opção. Pensei que poderia estudar a construção da subjetividade de pessoas não-binárias durante o curso, então decidi ingressar junto a uma amiga em uma universidade em São Caetano do Sul no segundo semestre de 2018.

Durante os dois primeiros semestres eu me sentia muito bem acolhida e respeitada. Minhas demandas eram atendidas e as pessoas eram muito inclusivas. O que faz muito sentido, visto que todos acreditavam que eu era uma pessoa cis, inclusive eu mesma. Meu primeiro grande desconforto com a normatividade da Academia foi ao ver um amigo muito querido ser evadido da universidade. Ele havia acabado de solicitar o uso de nome social e, após uma semana de reapresentações e perguntas invasivas, com tom de preocupação em relação à sua saúde mental, vindas de todos professores e colegas, trancou o curso.

Eu sempre sofri muito com injustiças. Mas essa me gerou tanto ódio, que acabei o utilizando como combustível para a criação de um coletivo LGBTQIAP+. A ideia era acolher a todos que houvessem passado por algo parecido. Sentia que se houvesse um coletivo para acolhê-lo e “fazer barulho” sobre as suas injustiças, ele talvez não teria desistido do curso. Sua evasão me doeu tanto, eu apenas não imaginava a razão de tanta dor.

Alguns meses depois, durante as férias de julho de 2019, após assistir diversas transfobias direcionadas a uma pessoa não-binária em um vídeo no YouTube





(JUBILEE, 2019) durante uma das aulas em que eu lecionava<sup>19</sup>, tive uma crise de choro extremamente desesperadora. Naquele momento eu só conseguia me perguntar o porquê dessa situação mexer tanto comigo a ponto de eu quebrar meu profissionalismo e continuar minha aula chorando.

Me questionava se esse sofrimento vinha de uma empatia exagerada, afinal tive sempre muitos amigos transvestigêneres, ou se era um processo de identificação com a pessoa que estava recebendo tantos ataques.

Após muitas reflexões, percebi ser realmente um processo de reconhecimento e identificação. Para conceitualizar academicamente este processo, utilizo os escritos de Maria Cristina Leal de Freitas e Carlos Eduardo França (2015, p. 397) onde ambas pontuam que a identidade é formada através do reconhecimento com outres, sendo iguais ou diferentes.

A partir de então, minha experiência na universidade começou a mudar drasticamente. Perguntas – que no semestre anterior eram direcionadas ao meu amigo – invasivas e desnecessárias vindas de professorias, dificuldade na inclusão de nome social, insinuação de que eu não era uma pessoa trans e tantas outras violências foram se mostrando ainda piores com o passar do tempo.

## VIOLÊNCIAS INSTITUCIONAIS

Minha primeira tentativa de inclusão de nome social foi um desastre. Uma semana após solicitar, eu recebi em retorno o próprio decreto 8.727 de 28 de abril de 2016 (BRASIL, 2016), que dispõe sobre o uso de nome social às pessoas trans em estabelecimentos públicos, grifado nos trechos onde era citado que o nome social *somente* era disponibilizado às pessoas que fossem transexuais ou travestis. Naquele momento, eu só sentia nojo de um (cis)tema que queria me dizer quem eu sou. Com base em quê me diziam que eu não era trans?

A resposta foi uma carta, elaborada com a ajuda de uma colega de classe advogada. Eu precisei explicar o que são pessoas não-binárias, como nos encaixamos na transgeneridade e pontuar que caso meu direito me fosse negado, haveria possibilidade

---

<sup>19</sup> Além de graduande em psicologia, também sou professore particular de inglês.



de um processo por danos morais. Ainda inseri alguns artigos em anexo e, com certeza, o próprio decreto também grifado. Após entregar a carta, me perguntava sobre as pessoas que não têm acesso a essas informações, e como deve ser ainda mais fácil desistir quando não se tem armas para lutar.

Uma semana após receberem a carta, atualizaram meu nome no sistema, ainda de forma errônea, mas pelo menos não era meu nome civil. Deixei passar. Não tinha mais forças para voltar a mexer nisso, naquele momento.

Após um semestre que eu havia me colocado no mundo como uma pessoa transvestigênera não-binária, em 2020, o que antes era prazeroso e enriquecedor se tornou um fardo com tantas violências que antes eu enxergava veladamente.

Fazer parte de um grupo – ainda mais – minorizado, fez com que o ambiente acadêmico se tornasse torturante para mim. Por mais que seja compreensível que pessoas cometam erros e reproduzam preconceitos, para mim nunca fez sentido profissionais de psicologia com mestrado e doutorado se fecharem a novas informações e desejarem continuar reproduzindo preconceitos tão arcaicos.

Em setembro de 2020 solicitei uma declaração, mas para a finalidade dela, precisava que estivesse com meu nome social correto. Solicitei a alteração, e para minha surpresa, decidiram inserir também meu nome civil não só na declaração, mas em todos os sistemas da universidade. Quando recorri, me disseram que entrariam em contato com o setor jurídico. No fim, foram mais de quatro meses enviando diversos e-mails e tendo o assunto desconversado e encaminhado para outro setor. Quando dei o ultimato de que caso não realizassem as alterações em todos os sistemas, eu pediria transferência, a resposta foi de que o jurídico era soberano em suas decisões e que o pró-reitor de graduação não poderia fazer nada a respeito.

Então eu pude compreender um pouco da dor que meu amigo sentiu quando foi evadido; eu também havia sido.

Na transferência de universidade perdi a carga horária dos três semestres em que estagiei obrigatoriamente, bem como ganhei mais de vinte matérias de adaptação para cursar concomitantemente com as atuais. São tantos os empecilhos burocráticos colocados pelo (cis)tema, que eu confesso que não sei como eu ainda estou estudando.



## VIOLÊNCIAS EDUCACIONAIS

Para além da burocracia, nestes seis semestres anteriores são incontáveis as vezes que eu ouvi coisas como “Fulana mudou de sexo. Era homem e virou mulher”, “o travesti”, “mas isso aí de não-binário é quem fica com todo mundo?”, “mas você nasceu homem ou mulher?”, “você vai fazer cirurgia?”, “esse é seu nome mesmo?”, “mas no RG tá como?”, entre diversos comentários vindos de pessoas que, segundo Márcia Ferreira Torres Pereira (2011, p. 52) são vistas como autoridades no campo educacional, podendo fazer com que tais ações sejam compreendidas como adequadas.

A aversividade à troca de conhecimentos sempre me incomodou. Quando eram questionadas no momento de suas falas, docentes diziam que isso não era pertinente à aula e mudavam de assunto. Quando eu esperava para realizar uma abordagem discreta ao final da aula e pontuar meus incômodos acerca de usos de termos preconceituosos, a resposta era sempre a mesma “mas isso é muito novo, tá todo mundo aprendendo ainda”. Será? Será mesmo que a dificuldade é porque “é tudo muito novo” ou será que é cômodo a cisgeneridade não se questionar e se policiar sobre o que dizem?

Essa resistência à exposição ao diferente vai contra o pensamento de Roberto Mauro Gurgel Rocha (1986, p. 57), onde o autor diz que a universidade pode ser um grande mecanismo de mudança social, e que deve estar aliada à troca de saberes. E cabe ainda perfeitamente no que Paulo Freire (1997, p. 63) define como uma educação bancária, onde não há troca de conhecimento e sim um *depósito* (grifo meu) dele por aqueles que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Se baseando na ideologia da opressão e também a retroalimentando.

## ATÉ QUANDO?

Uma das minhas maiores preocupações enquanto graduande de Psicologia, e pessoa que se preocupa com a formação de futuros psicólogos, é que tais ações acabem por reforçar preconceitos já enraizados em alguns alunos, já que ficam naturalizados em sala de aula.



Acompanhar as aulas e estar imerse em um (cis)tema que não somente não me inclui, mas também exclui és minhes é a maior dificuldade. Compreendo que tudo tem um contexto histórico, mas perceber que a forma que muitas universidades ensinam a maioria das disciplinas de maneira binarista, pensando em tipificações para “homens e mulheres”, “meninos e meninas” é algo muito angustiante.

Nosso acesso à Academia é extremamente limitado, e quando a acessamos é basicamente um atentado à nossa saúde mental. Raramente nos vemos nestes espaços, mas quando nos vemos, é numa lógica excludente e patologizante.

É importante ter consciência de que a Psicologia teve participação no processo histórico de considerar diversidades sexuais e de gênero como psicopatologias (GASPODINI; FALCKE. 2018, p. 746, apud COSTA; NARDI, 2009; JESUS, 2013). Como confiar na produção de conhecimento hegemônica com um histórico que nos patologiza?

Resistir a cinco anos de uma formação excludente não é para todes. O (cis)tema se retroalimenta de opressões. Nos mantendo fora da produção de conhecimento, produz o que quer sobre nós; e quando tentamos produzir algo sob a nossa óptica, somos evadidos gradualmente até que reste somente a hegemonia.

Tal processo de evasão é completamente condizente com a noção de adestramento de Michel Foucault (2009, p. 195), onde o poder disciplinar fabrica indivíduos, sendo a técnica desse poder que faz com que sejamos objetos e, ao mesmo tempo, instrumentos a seu dispor.

As referências deste escrito são o mais puro reflexo desse processo de evasão acadêmica de corpes dissidentes: até mesmo a produção acadêmica utilizada para falar sobre os processos opressores são hegemônicos.

Até quando precisaremos utilizar de referenciais cisgêneros para construir os nossos?

Até quando teremos exemplos preconceituosos em nossas salas de aula?

Até quando continuarão dificultando nossa permanência nestes espaços?

Até quando negociaremos nossa saúde mental em prol de um certificado?



Até quando seremos evadidos pelas sutilezas veladas do (cis)tema?

Até quando?

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. Decreto n.º 8.727, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 29 de abr. 2016. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2016/decreto-8727-28-abril-2016-782951-publicacaooriginal-150197-pe.html>. Acesso em 28 de jun. de 2021.

CONDIE, Allyson Braithwaite. Destino. 1ª Edição. Rio de Janeiro, 2011

FACCIOLLA, Mar. Linguagem Não-Binária ou Neutra de Gênero [Neolinguagem] - Pronomes Neutros. São Paulo, 2020. Research Gate: Mar-Facciolla. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/342079619\\_Linguagem\\_Nao-Binaria\\_ou\\_Neutra\\_de\\_Genero\\_Neolinguagem\\_-\\_Pronomes\\_Neutros](https://www.researchgate.net/publication/342079619_Linguagem_Nao-Binaria_ou_Neutra_de_Genero_Neolinguagem_-_Pronomes_Neutros). Acesso em: 20 de jun. de 2021.

DE FREITAS, Maria Cristina Leal; FRANCA, Carlos Eduardo. Identidade e o reconhecimento do outro no contexto dos Direitos Humanos. In: XI Sciencult - Simpósio Científico e Cultural, 2015, Paranaíba - MS. Mídia: a produção do consenso e a cultura da violência. Paranaíba: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2015. v. 6. p. 396-415

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. In: PATTO, M. H. S. (org). Introdução à Psicologia Escolar. 3.ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p. 61-69.

FOUCAULT, Michel. Os Recursos para um bom adestramento. In: FOUCAULT, M.. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 27.ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 195-218.

GASPODINI, Icaro Bonamigo; FALCKE, Denise. Relações entre Preconceito e Crenças sobre Diversidade Sexual e de Gênero em Psicólogos/as Brasileiros/as.





Psicologia: Ciência e Profissão, 38(4), 744-757. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001752017>. Acesso em: 07 de jun. de 2021.

GURGEL, Roberto Mauro Gurgel. Extensão Universitária: comunicação ou domesticação. São Paulo: Cortez/ Autores Associados/EUFC, 1986.

JUBILEE. Traditional vs Trans: Are There More Than 2 Genders? | Middle Ground. [Estados Unidos]. 1 vídeo (13m22s). YouTube, 31 de mar. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBAD2UuMPjs>. Acesso em 09 de jul. de 2021.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ignorancia/>. Acesso em: 09 de jul. de 2021.

PEREIRA, Marcia Ferreira Torres. Sobre as relações de autoridade e poder na docência: Contextos (des)autorizados pela formação. 2011. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.



## O MAR REVOLTO QUE FOI MICHAEL DILLON: UM POEMA E SUA TRADUÇÃO

Thales Gabriel Trindade de Moura

Há poucas coisas que nos movem na vida como aquelas que se conectam às nossas experiências mais íntimas. Somos impulsionados pelos nossos desejos e passamos a vida toda apostando as nossas fichas na procura da nossa verdade. Buscamos um sentido para o nosso estar no mundo. Essa busca pelo autoconhecimento movimentou o mar parado do ocidente europeu na década de 1930, quando Michael Dillon resolveu empreender uma longa viagem para um lugar até então desconhecido e inabitado, o seu próprio eu. Não me recordo onde vi uma matéria sobre esse sujeito que aguçou a minha curiosidade e o que posso dizer é que a forma como me conectei a ele durante o tempo que se passou do contato com a matéria até aqui, me fez querer conhecer um pouco mais sobre sua trajetória. Michael Dillon foi um médico britânico e noviço monástico budista transmasculino. Sua história é relatada na autobiografia *Out of the Ordinary: A Life of Gender and Spiritual Transitions* (2017), editada e com introdução por Jacob Laue Cameron Partridge e prefácio de Susan Stryker.

Jacob Lau e Cameron Partridge, jovens acadêmicos da Harvard Divinity School, são apresentados à história de vida de Dillon, em uma livraria de Massachusetts, no lançamento de sua biografia *The first man-made man* (2007) escrita por Pagan Kennedy. Ao saber que a biógrafa e pesquisadora teve acesso ao manuscrito de Dillon para escrever sua obra, os estudantes abordaram Kennedy, que gentilmente os cedeu fotografias digitais de *Out of the Ordinary: A Life of Gender and Spiritual Transitions*, finalizado em maio de 1962. Dez anos depois, no ano de 2017, o livro é publicado tendo como principal objetivo considerar a “plenitude narrativa do próprio autor”, seu estilo de escrito, seu ponto de vista sobre a sua história.

A importância histórica de Dillon se dá pelo fato de ele ser o primeiro homem trans que se tem notícia a se submeter a uma faloplastia (construção cirúrgica de um pênis). Antes da intervenção cirúrgica, ele foi apresentado às pílulas de testosterona sintética que haviam sido desenvolvidas por uma equipe holandesa em 1935, apenas quatro anos antes de iniciar a sua transição. Ele foi o primeiro



homem trans a utilizar a testosterona sintética para o processo transitório, estimulado por um médico que o entregou os comprimidos e abandonou o caso dizendo “Veja o que eles podem fazer por você”.

Dillon era um obcecado por conhecer a sua verdade e desde a infância tem uma conexão muito forte com a religiosidade, estabelecendo um laço de amizade com o reverendo C. S. T. Watkins, um dos vigários da igreja da Inglaterra que ele frequentara junto às tias. O reverendo Watkins teria se tornado um mentor para Dillon, incentivando-o a desenvolver reflexões teológicas para compreender questões mais profundas em sua existência.

O que se sabe, no entanto, é que o seu mentor da igreja da Inglaterra não foi o único responsável pelo desejo e interesse de Dillon pelos livros de Teologia. O fato é que a mãe de Dillon morre seis dias após o parto e seu pai tinha sérios problemas com o alcoolismo. O filho de Laura Maude será criado por duas tias solteironas, em Folkestone, cidade costeira situada próximo ao canal da Mancha na Inglaterra, com hábitos reclusos e devocionais muito criticados por ele. Em uma certa fase do início da adolescência, Michael Dillon começa a apresentar uma crise em relação à sua existência que ninguém poderia compreender. A vida pacata e sem sentido das tias solteiras o aterrorizava, ele se perguntava, então, qual seria o sentido da vida naquele lugar.

Assim, para além dos estudos do Cristianismo, Dillon passa a se dedicar ao estudo de filosofias esotéricas desenvolvidas por P. D. Ouspensky e G. I. Gurdjieff. Estudou textos de Lobsang Rampa, escritor que alegava ter sido um monge lama e, finalmente, entra em contato com o Budismo Theravada e Mahayana.

O confronto com o corpo é marcado por um episódio na escola, quando vivenciava a socialização feminina, como uma garotinha de 15 anos. A atitude foi notada por uma colega de escola que, preocupada com a saúde de Dillon, que, na época, ainda se reconhecia como mulher, convence-o a desistir da prática. Ao perceber o seu corpo metamorfoseando incontrolavelmente e desenvolvendo caracteres femininos, ele procura uma forma de conter a projeção da mama sob a camiseta. Instintivamente, a utilização de uma faixa para pressionar as mamas é a técnica adotada para não deixar transparecer uma leitura social feminina.



Ao completar o ensino básico, incentivado pelo reverendo Watkins, Michael Dillon ingressa em uma faculdade feminina em Oxford e começa a cursar Teologia. O curso não seria concluído, visto o desejo de ser uma diácona anglicana ter sido frustrado durante o desenrolar de seus estudos. Ele acaba migrando para o curso denominado por lá de “Clássicos” e que se dedica ao estudo de História, Literatura e Filosofia Grega e Romana.

Durante o tempo de faculdade, questões de gênero e sexualidade foram tensões constantes em sua vida. Passou a usar roupas e corte de cabelo masculinos e também a adotar atitudes que se desconectavam com o padrão de comportamento da época em relação às demais estudantes.

Ao se formar, Dillon se vê com dificuldades de arrumar um emprego. O seu modo de vestir e de viver fizera com que ele tivesse várias portas fechadas em sua trajetória profissional. Trabalha como mecânico, técnico de um laboratório e, ao começar a buscar uma resposta para a sua não conexão com o gênero feminino atribuído ao nascimento, decide estudar medicina e sexologia, no início da década de 1940, como forma de entender melhor sua identidade não conforme.

Antes mesmo de o médico Dr. Harry Benjamin escrever *The Transsexual Phenomenon* (1966), propondo técnicas para o atendimento de pessoas transexuais, Dillon foi pioneiro ao usar a própria experiência enquanto pessoa transmasculina sugerindo técnicas de tratamentos na literatura médica em seu livro *Self: An Essay on Ethics and Endocrinology* em 1946. Na obra, Dillon já problematiza a possibilidade da ingestão de hormônios sintéticos no processo de transição das pessoas trans, bem como a possibilidade de se realizar a sua faloplastia adaptando a técnica cirúrgica da reconstrução de órgãos genitais de soldados feridos em guerra.

Depois de formado, buscando fugir de jornalistas e dos tablóids, visto ter sido alvo da imprensa da época, Dillon se candidata como médico da Marinha Mercante que realizará uma excursão pelo Mar Vermelho. Esse exílio compulsório, iniciado em 1952, no entanto, se apresentará para Dillon como um lugar favorito. Embora excluído do seio familiar pelo irmão transfóbico, distante de sua terra natal, ele se sente tão confiante que procura a família pertencente a aristocracia inglesa da época, os Lismullen, para que seu nome nos livros da nobreza fosse atualizado pois ele desejava, após Bobby, constar na lista de herdeiros como o nono baronete de



Lismullen. Este gesto, no entanto, vai fazer com que a imprensa volte a fazer dele um alvo de notícias escandalosas.

No ano de 1954, Dillon acaba firmando um contrato de quatro anos com um navio de transporte de peregrinos muçulmanos a Meca. Em razão das longas viagens que fazia, ele ficava semanas sem notícias dos jornais ingleses e isso o afligia. Nesse período, ele se lança nos programas de autoaperfeiçoamento dos místicos G. I. Gurdjieff, P. D. Ouspensky e Maurice Nicoll que pregavam formas de autoexame e busca pela verdade. Para conseguir lidar com suas angústias, seus hábitos impulsivos e a pressão da perseguição da imprensa pelo seu caso, ele decide empreender mais uma mudança em sua vida, agora, voltada para o seu eu interior. Nesse trabalho de autoconhecimento, Dillon procurava trabalhar em si falhas de sua personalidade apontadas por colegas de trabalho. Após sua transição social, Michael compreendeu que tinha conseguido facilmente moldar seu corpo, mas o seu temperamento e sua mente eram mais resistentes. A jornada empreendida para se desfazer de sua arrogância aristocrática inglesa estaria apenas começando.

Curiosamente, no ano de 1956, Michael Dillon decide pedir uma licença da Marinha Mercante para passar um tempo com as tias em Folkestone. Ao chegar em sua terra natal, vê a casa e as tias em plena miséria. Embora possuíssem muito dinheiro guardado, Totó e Daisy se mostravam extremamente avarentas. O estado de saúde destas não era dos melhores e ele decide se estabelecer em chão firme por um tempo. Nesse período, trabalhando em um hospital da região, chega até ele a publicação de um livro intitulado *A terceira visão*. Em 1956, esse livro havia se tornado um *best-seller* e causava um burburinho por se apresentar como a autobiografia de Lobsang Rampa, um místico tibetano que teve a sua terceira visão aberta aos sete anos de idade, tornando-se conselheiro de Dalai Lama.

Ao ler essa obra, Dillon se sentiu atraído pela história de vida de Rampa e as anedotas contadas por ele pareceram tão reais que ele resolveu escrever uma carta ao autor. A carta foi respondida, eles chegaram a se encontrar em Londres e, no ano seguinte, o fã de Rampa decidiu passar uma temporada com ele em Dublin. Eles passaram duas semanas conversando sobre viagens astrais, metafísica, filosofia. O autor do *best-seller* parecia tão desajustado ao mundo quanto Dillon. Ao final desse período, o velho Lobsang Rampa leva o médico para um último passeio e o





convença de que sabia como ele passaria o restante de seus dias. Ele o convencer a fazer uma última viagem marítima e depois se exilar na Índia para aprender meditação. O conselho é seguido à regra.

Em 1958, Dillon retorna aos mares em um navio que carregava cargas entre Estados Unidos e Índia. O plano era trabalhar durante um tempo para arrecadar dinheiro e posteriormente passar uma temporada na Índia em um mosteiro tibetano. Pouco tempo após chegar ao trabalho neste navio, ele fica sabendo que o místico Lobsang Rampa. O velho não passava de um falsário que nunca havia colocado os pés no Tibete. Os comentários da imprensa, no entanto, não fazem Dillon perder o carinho pelo velho Rampa. Em uma manhã de maio de 1958, no entanto, o médico inglês é surpreendido com um telegrama da Inglaterra da agência de notícias Daily Express. No comunicado, a imprensa desejava saber se ele realmente pretendia reivindicar o título de baronete de Lismullen, como sucessor de seu irmão após sua transição social. Nesse mesmo dia, comissários de bordo já vinham lhe avisar que o cais onde o navio encontrava-se atracado estava cheio de jornalistas a sua espera.

No dia seguinte, vários jornais e revistas estampavam a notícia de que o médico que atuava no navio The City of Bath era membro de uma família tradicional inglesa, a dos Lismullen, e havia se submetido a uma cirurgia de “mudança de sexo”. O fato de a notícia ter se revelado aos colegas de trabalho no navio fez com que Dillon ficasse extremamente desconfortável, uma vez que ele só queria se misturar na multidão.

Arrasado pela exposição, ele decide seguir o conselho do velho místico Rampa e partir para a Índia. A ideia inicial era fazer uma imersão no estudo do budismo tibetano, no entanto, ele acabou compulsoriamente indo buscar refúgio como noviço monástico budista. Chegando ao mosteiro em Kalimpong, Índia ele foi recebido por seu guru Sangharakshita, um inglês que havia se ordenado monge Theravada no ano de 1950.

Ao se apresentar a Sangharakshita, Dillon fala sobre sua transição de gênero, pois teme que os jornais o alcancem ali também, mesmo estando infinitamente distante do ocidente, escondido em um mosteiro no meio das montanhas. O monte parece ouvir serenamente e complacente a sua história, dizendo não se importar com

as circunstâncias que vieram levar o sujeito até aquele lugar. Como aluno, ele acaba recebendo um nome monástico de Jivaka. O próximo passo foi tornar-se noviço. Dillon, agora Jivaka, se despia de sua identidade ocidental e desejava ir além na busca da sua verdade. Ao fazer os votos, ele precisou se abster de todas as suas posses. Ele escreve aos seus advogados na Inglaterra e doa todas as suas economias para a caridade.

Ao mesmo tempo em que buscava se integrar no meio da multidão e não ser evidenciado como uma figura destoante, Dillon / Jivaka desejava pertencer a algum grupo. Esse sentimento de pertença, no limite, fez com que ele considerasse possível ter sua ordenação superior, caso cumprisse seus votos por mais de um ano. Ele considerava que pudesse ser igual a seu mestre Sangharakshita, o que não se fez possível. Um obstáculo iria se colocar diante da nova empreitada de Dillon/ Jivaka rumo a sua verdade. Havia uma lei no código monástico que proibia pessoas pertencentes ao “terceiro sexo” de se ordenar monges. Mesmo sem saber o que aquele código poderia categorizar como “terceiro sexo”, o noviço sabia que a realidade de sua identidade não-conforme o enredava, novamente, da inserção plena em um grupo.

O noviço budista Jivaka morre em 15 de maio de 1962 em um hospital na região de Punjab após um mal súbito que teve em uma passagem remota nas montanhas. Dias antes de falecer, ele havia enviado o manuscrito de suas memórias ao seu editor literário em Londres. A morte de Dillon / Jivaka acaba chegando primeiro ao editor do que o manuscrito. Naquela época, ele já dava sinais de extrema desnutrição devido às condições extremas de vida, mas há quem postule que ele possa ter sido envenenado. Dias antes

No meio do turbilhão que se tornou a sua vida, em busca de sua verdade, Dillon ainda encontrou tempo para escrever um livro de poesia, o *Poems of Truth* (1957), publicado de forma independente, à época. O poema transposto abaixo abre a autobiografia *Out of the Ordinary*, finalizado em 1952 e editado e publicado tardiamente em 2017. É atravessado por esse mar revolto que foi a vivência de Dillon que arrisco uma tradução de um de seus poemas. A meu ver, a peça é significativa para compreendermos um pouco de sua força e o modo como buscou enfrentar os grandes baques em sua trajetória de vida.



## Understanding and Compassion

### 1

Deep black the night when the lightning flashed,  
Which showed the foaming crests and spray flung high;  
Sheer walls of water rearing to the sky  
As waves on waves against each other crashed.  
No rest, the struggle raging  
As when a war is waging,  
The sea against itself—against its will;  
When suddenly a gentle Voice was heard,  
Fraught with Compassion came the needful word:  
“Peace!” Then the storm was stayed and all was still.

### 2

Tossed this way and that, a soul in torment,  
Thoughts recurring o’er and o’er again,  
Long wakeful nights and days of mental strain,  
Love strove with hate and jealousy till spent.  
No rest, the struggle raging  
As when a war is waging,  
A man against himself—against his will.  
He took his life for lack of friendly hand,  
For want of one to say: “I understand.”  
This time no peace was there, though all was still.

– Michael Dillon



## **Compreensão e compaixão (Tradução)**

**1**

Profundamente negra a noite quando o brilho de um relâmpago invade  
Mostrando as cristas espumantes e os borrifos lançados ao alto;  
Paredes translúcidas de água erguendo-se ao céu vasto  
Como ondas que se chocam em franco combate  
Sem descanso, a luta é travada  
Como quando uma guerra é acionada  
O mar contra si mesmo - contra sua vontade;  
Quando de repente uma gentil Voz fez-se ouvida,  
Cheia de Compaixão, veio a palavra precisa:  
"Paz!" Então a tempestade cessou, veio a tranquilidade

**2**

Jogado de um lado para o outro, uma alma em tormento,  
Pensamentos que se repetem a todo o instante  
Longas noites de vigília e dias de tensão mental constante  
O amor lutou contra o ódio e o ciúme até seu aniquilamento  
Sem descanso, a luta é travada  
Como quando uma guerra é acionada  
Um homem contra si mesmo - contra sua vontade.  
Ele tirou a vida por falta de acolhimento  
Por falta de alguém para dizer: "Eu compreendo."  
Desta vez não houve paz, tudo era tranquilidade.

– Michael Dillon<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup>In: DILLON, Michael; JIVAKA, Lobzang. *Out of the Ordinary: A Life of Gender and Spiritual Transitions*. New York: Fordham University Press, 2017, p. 42. Tradução livre por Thales Gabriel T. de Moura.



### **Referências Bibliográficas**

STRYKER, Susan. Foreword. In: DILLON, Michael; JIVAKA, Lobzang. *Out of the Ordinary: A Life of Gender and Spiritual Transitions*. New York: Fordham University Press, 2017. p. vii-x. (*ebook*)

KENNEDY, Pagan. *The first man-made man: the story of two sexes, one love affair, and a twentieth-century medical revolution*. 1st. US. ed. 2007. (*ebook*)

LAU, Jacob; PARTRIDGE, Cameron. “In His Own Way, In His Own Time”: An Introduction to *Out of the Ordinary*. In: DILLON, Michael; JIVAKA, Lobzang. *Out of the Ordinary: A Life of Gender and Spiritual Transitions*. New York: Fordham University Press, 2017. p. 1-25. (*ebook*)





## **SOBRE NÃO-BINARIEDADES, AUTODETERMINAÇÃO, PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E CONTRA-HEGEMONIAS**

*Amanda*

A proposta aqui é tentar promover um diálogo acerca da compreensão das múltiplas vivências e identidades não-binárias e da diversidade que abarca as transmasculinidades, analisando algumas produções sobre as temáticas a partir de perspectivas não hegemônicas e reconhecendo esses saberes quando por muitas vezes foram e são relegados a algo menor, em virtude do padrão colonialista e de colonialidade do saber e do ser<sup>21</sup>, explicitando também o meu lugar de fala no decurso dos atravessamentos em que foram/são produzidas/reproduzidas as opressões.

Ao longo do texto tento trazer questões sobre as não-binariedades, a produção de conhecimento e saberes a partir de perspectivas não hegemônicas, e considerando a autodeterminação dessa população para além da binariedade e seus entrecruzamentos. Escrevo partindo de um lugar.

Acredito que assim todes o fazem. Ou melhor, sempre acreditei estar escrevendo a partir de um tal lugar. É isso o chamado lugar de fala. O tão questionado lugar de fala, proposto pela filósofa e pensadora, Djamila Ribeiro, em seu Livro “O que é Lugar de Fala?” (2017) que traz aspirações de autoras negras e do feminismo negro, entre outras as quais posso citar aqui, a Patricia Hill Collins, na qual propõe o feminist stand point, que numa tradução livre pode se conceber como um “ponto de vista feminista” em uma perspectiva racial. E nesse sentido a autora, Djamila, em consonância com esse panorama do ‘ponto de vista feminista negro’, argumenta sobre o “lugar de fala”. A própria autora apresenta no texto, o termo/conceito ‘lugar de fala’ onde, representa de forma objetiva, e subjetiva, a negritude como entidade pertencente à humanidade, que carrega consigo seu legado e que dever-se-á considerar em sua completude, ou seja, a reivindicação de diferentes perspectivas e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é demarcar o lugar de fala de quem as propõe. Perceber essa marcação

---

<sup>21</sup> Segundo (Mignolo; Casas, 2005) a colonização não é somente uma questão militar, econômica, política e religiosa, mas também é o controle das subjetividades diante do controle do conhecimento. Logo, a colonização do ser e do saber são paralelas e complementares.



se torna necessária para compreender realidades consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica (RIBEIRO, 2017).

Neste sentido, ao persistirem em determinar meu lugar, o meu e o de tantos outros, tantas outras e tantos outros; o que isso pode significar? Enquanto permaneço me afirmando pessoa não binária, todavia continua a ser uma existência invisibilizada e consequentemente a produção de conhecimento a partir de uma localização de ser e estar num mundo que demanda uma construção “parcial e situada” (HARAWAY, 1995). Porém hegemonicamente se constitui através de uma dinâmica binária das relações sociais. Corroborando com uma crítica contemporânea feita por mulheres negras, latinoamericanas, sulamericanas, terceiro-mundistas, em geral, a um feminismo universalista no qual reivindica-se que a centralidade da intersecção de raça, classe, sexualidade e gênero, está para além das categorias da modernidade, Maria Lugones compreende que as mesmas, são categorias que só existem a partir da colonização. Segundo (LUGONES, 2014, p. 935) essa “lógica moderna binária\dicotômica categorial colonial produz teorizações lógicas opressivas que mantém o pensamento capitalista colonial sobre raça, gênero e sexualidade”.

Compreendendo como o lugar social que certos grupos ocupam, podem cercar oportunidades e sendo este um debate de âmbito estrutural, “ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal”. (RIBEIRO, 2017, p. 35). Portanto, essa vertente teórica nos auxilia a conceber como as diversas possibilidades de vivenciar corpos/corpas/corpes e gêneros serão possíveis, e quais acessos a esses/essas/éssis corpos/corpas/corpes lhes serão concedidos a partir do lugar social que ocupem.

Após essa breve reflexão, quero me pôr a pensar sobre o meu lugar. Qual o meu lugar de fala, quando digo e afirmo, sou uma pessoa não binária. Por que as pessoas insistem em saber mais de mim, do que eu? me colocando dentro de um padrão concebido entre opostos<sup>22</sup>? Tudo bem que não posso dizer cisheteronormativo<sup>23</sup>. Mas não sou um transmasculine.

<sup>22</sup> explicando a binariedade pelo padrão de opostos cis/trans; homen/mulher; feminino/masculino

<sup>23</sup> Ver (SIMAKAWA, 2015)



O Transfeminismo nos explica como as Transmasculinidades, não-binariedade e os ‘corpos e identidades de gênero inconformes’, como denomina Viviane V<sup>24</sup>, são possibilidades reais e materializadas na existência humana, essa perspectiva que conforme Jaqueline de Jesus, rediscute a subordinação morfológica do gênero ao “sexo”, condicionando prática social enquanto justificativa para opressão sobre pessoas cujos corpos não estão conformes à norma binária (homem/pênis e mulher/vagina). Nesse sentido os fundamentos políticos e teóricos do transfeminismo estão vinculados aos conceitos atrelados ao feminismo negro, a interseccionalidade e a não hierarquia das opressões e quanto ao próprio processo de consciência política e de resistência das pessoas trans (travestis, transexuais, pessoas não-binárias, entre outros humanos inominados, que não se reconhecem no gênero que lhes foi atribuído socialmente antes e depois do nascimento.) (JESUS, Jaqueline, 2014, p.06) Em vista disso o transfeminismo é a premissa do direito à autodeterminação, à autodefinição, de uma auto-identidade, por uma livre expressão de gênero. O transfeminismo é a auto-expressão de homens e mulheres trans e cissexuais. O transfeminismo é a auto-expressão das pessoas andróginas em seu legítimo direito de não serem nem homens nem mulheres. Propõe o fim da mutilação genital das pessoas intersexuais e luta pela autonomia corporal de todos os seres humanos (SIMAKAWA, 2015).

Portanto, compreendendo identidade de gênero enquanto forma de se reconhecer, percebe-se a partir dele suas potencialidades múltiplas de identificação, podendo ser feminina, masculina, e demais espectros possíveis entre essa dualidade (incluindo a dupla identidade ou a inexistência delas). Eduardo Maranhão afirma que a não-binariedade pode se referir a um amplo espectro de identidades não-conformes com o gênero imposto ao nascimento, sem necessidade de identificação com um “oposto”. Com características que podem variar a negação a pertença de um gênero em específico, especificamente denominado como ageneridade, assim como se identificar com um, ou mais gêneros, ou pangeneridade, o que o autor chama de “bricolagens” de gêneros binários e/ou não-binários (MARANHÃO Fº, 2012). O que nos faz refletir sobre a categoria não-binária ser justamente uma categoria guarda-chuva, por conseguinte mais inclusiva e que melhor se adequaria às demandas das pessoas não binárias do que o termo transmasculine.

---

<sup>24</sup> Ver (SIMAKAWA, 2015)



Muitas pessoas não-binárias não sentem necessidade ou intenção de modificar suas aparências para adaptarem-se às expressões de gênero: caso, feminino para masculino e vice e versa como afirmam (MARANHÃO Fº; NERY, 2017). Algumes<sup>25</sup> não-binários se percebem agêneres (sem gênero) ou bigêneres (com dois gêneros, não necessariamente binários) ou nenhum dos dois, existem possibilidades múltiplas de ser e existir (MARANHÃO Fº, 2014) reconhece que tem pessoas que se entendem num momento menino e agêner, num outro momento bigêner, num outro determinado período se compreendem apenas garoto, entre variadas possibilidades de existência. Além das identidades nb<sup>26</sup>, pode ser possível pensarmos em expressões de gênero nb, que é a maneira como a pessoa se apresenta socialmente, de acordo com uma série de normas e convenções sociais, através das roupas, gestos, modo de falar, etc. Pode ser percebida e ou “classificada” genericamente em feminina, andrógina ou masculina. As expressões de gênero nem sempre são congruentes ou concordantes com a identidade de gênero. Uma pessoa com identidade masculina pode apresentar uma expressão masculina, andrógina/não-binária ou feminina. Pessoas nb em geral, segundo (MARANHÃO Fº, 2017) estão num lugar identitário que não as situa como totalmente mulher ou homem.

Nesse sentido vê-se a importância da construção e utilização de saberes outros que precedem os saberes tradicionais modernos. As encruzilhadas metodológicas incluem as “co-teorização a partir da coalizão de “mujeres de color” e das co-teorizações sobre colonialidade e decolonialidade de gênero”<sup>27</sup> (LUGONES, 2015, p.78-80). Nesse sentido a diferença colonial se assenta na distinção moderno/não-moderno propondo alternativas à modernidade onde não haja predominância de um conhecimento acadêmico sobre um conhecimento de “dentro” num sentido que ocorra uma fecundação mútua Lugones (2015), tensionando a produção de conhecimento entre academia e comunidade.

Por conseguinte, segundo Maria Lugones, a virada para uma metodologia decolonial está no compromisso com o conhecimento que irrompe das insurreições do conhecimento subalternizado, como um conhecimento alternativo à modernidade, vindos das comunidades categorizadas pré-modernas. Logo, pensando a não-binariedade como uma luta contra-colonial, uma luta destes indivíduos não-binários mas

<sup>25</sup> utilizamos o “e” no final para flexionar o gênero e neutralizá-lo, neste caso.

<sup>26</sup> abreviação de “não-binários” - pessoas não-binárias.

<sup>27</sup> tradução nossa



não só, mas também uma luta contra a colonização dos corpos e corporalidades e dos gêneros, contra a modernidade e a produção moderna do conhecimento, considerando Lugones (2015) que parte da premissa de que todas as formas de colonialidades estão interconectadas e somente será viável uma descolonização com a descolonialidade de gênero.

### Referências Bibliográficas

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

JESUS, Jaqueline. Gomes de. **Transfeminismo: Teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n.3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>>. Acesso em: 15 set. 2021.

LUGONES, María. Hacia metodologías de la decolonialidad. **Prácticas otras de conocimiento (s): Entre crisis y guerras**, v. 3, 2015.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Apresentando conceitos nômades: entregêneros, entremobilidades, entresexos, entreorientações. **História Agora**, São Paulo, v.1, n. 14, p. 17-54, 2012.

MIGNOLO, Walter D.; CASAS, Arturo. Silêncios da autoridade: a colonialidade do ser e do saber. **Grial**, v. 43, n. 165, p. 26-31, 2005.

NERY, J. W.; MARANHÃO Fº, E. M. de A. Deslocamentos subjetivos das transmasculinidades brasileiras contemporâneas. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 7, p. 280–299, 2017. Disponível em: <[periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/22279](http://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/22279)>. Acesso em: 10 set. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Minas Gerais: Letramento, 2017. 112 p.

SIMAKAWA, Viviane V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como**



**normatividade.** 2015. 244p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa de Pós Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015



## BIOS

**AMANDA:** Oi gente, sou Amanda, pessoa não binária, e meus pronomes são éli/déli. sou do complexo país chamado recife/olinda rsrs, Tô que me formando em serviço social, seso pres intimes. Já tive muitas dificuldades com a escrita, hoje em dia acredito muito na escrita como potencial libertador. Liberta[dor] gosto muito mais do que antes, pois exponho minhas angustias, raivas, dores... tentando escrever de acordo com epistemologias anticistemicas. E penso que a partir disso coletivamente, nos fortalecemos e resistimos juntas e construímos juntas. Acho que é isto, sou pessime pra fazer uma bio e pra fazer pose pra fotos rsrs. ah, todes no insta basicamente me conhecem por Wanda, de @Wanda.Lize!! vamo lá trocar umas ideias



**ALCAN:** Alcan é uma pessoa transmasculina que gosta de histórias sobre coisas e pessoas que normalmente não são tão contadas. Publicou o livro de contos de protagonismo trans “Histórias que eu gostaria de ler” no site <https://edissidentes.wordpress.com/> e em versão física. Participou do livro Transformação, da editora Cartola, e na Antologia do Vento Leste, da Fundacc. Também se sustenta de criação autônoma de cosméticos naturais e busca construir redes de apoio entre pessoas LGBTQs+



**ARMR'ORE ERORMRAY:** Armr'Ore Erormray de 23 anos é estudante de artes cênicas, atroz, poeta, ilustradore, bodypiercer, TS e dançarine. Sua pesquisa de corpo perpassa algumas danças sociais e é filha da House of Mamba Negra capítulo São Paulo.



**ATHOS SOUZA:** Athos Souza, Educador comunitário no centro e pesquisa clínica HC FMUSP; Colaborador no SauDiversidade (Instituto de Saúde Integral para as pessoas LGBTQIA+.). Articulador Social na Coordenadoria de IST/Aids de São Paulo trabalhando para desenvolver políticas públicas de prevenção e assistência às ISTs/Aids na capital paulista; Militante, Palestrante, Influenciador e homem trans.



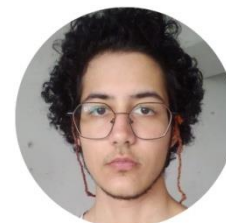
**AYRES TYUPANYÉ MARQUES SANTOS:** email [cellarloki@gmail.com](mailto:cellarloki@gmail.com), instagram: @corpo\_casulo, twitter: @ayrestyupan. Graduando em Psicologia, redutor de danos e produtor cultural nas horas vagas. Desenvolvo pesquisas sobre estudos de gênero e mídias virtuais. Diretor de Ensino, e Publicidade na @laps.unijorge; Idealizador do coletivo @solunares\_redanos. Atuo voluntariamente no serviço de psicoterapia centrada na população LGBTQIAP+ do Centro Universitário Jorge Amado.

**BRUNO HENRIQUE ASSUNÇÃO:** Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Jorge Amado. Servidor Público Federal. Tem interesse e desenvolve estudos nas áreas de gêneros e sexualidades, Teoria das Representações Sociais e Psicologia Social. Contato via Instagram através do @brunoassuncao30 ou via e-mail, através do endereço: [brunoassuncao30@gmail.com](mailto:brunoassuncao30@gmail.com).





**BRUNO LATINI PFEIL:** Graduando em Psicologia (Universidade Santa Úrsula/RJ). Graduando em Antropologia (UFF/RJ). Co-fundador da Revista Estudos Transviados.



**CAUÊ ASSIS:** Gosto de me descrever como um corpo trans [que] borda poesia no tecido da vida, ando considerando esta minha descrição mais bonita. Nasci em Alagoas em 15 de junho de 1993 e desde então já fui muitos, sou vários, em cada palavra um novo eu. Atualmente sou graduando em psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), integrante do Núcleo de Estudos em Diversidade e Política (EDIS/UFAL), membro do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (FONATRANS) e Vice-presidente da Associação Cultural de Travestis e Transexuais de Alagoas (ACTTRANS). Um transhomem que adora viver, trocar ideias, ler e escrever poesias...

**CARÚ DE PAULA:** *carú de paula* é uma ação potente, uma ynundação, que atravessa ditas identidades transmasculinas, transviado, boyceta, poeta, arteiro, dito pardo, psicólogo, uma corpa dessa terra y não outra se não nessa na qual pisa. uma corpa afoita por afetos, y ações de vida éticas y sobretudo anticoliniais. o sétimo filho. atualmente compõe a organização do Slam Marginália, é mestrando em psicologia clínica pela PUC-SP, y coordena o projeto Acolhe LGBTQ+ na organização internacional LGBTQ AllOut. Y a foto que envio é da Alicia Peres.





**CELLO LATINI PFEIL:** Mestrando em Filosofia (PPGF/UFRJ). Bacharel em Ciências Sociais (UFRJ). Co-fundador e coordenador da Revista Estudos Transviados. Membro do corpo editorial da Revista Estudos Libertários (REL-UFRJ). Membro do corpo editorial da Revista de Estudos Anarquistas e Decoloniais (READ-UFRJ).

**CHRISTOPHER SANTANA:** Homem trans, homossexual, 21 anos, cursando produção audiovisual, fiz curso de roteiro de cinema, amo escrever textos de todo tipo, principalmente histórias. Faço pintura em tela, artesanato e costura. Tenho um perfil no instagram onde faço posts sobre assuntos LGBT com mais foco em homens trans: @lgbtrouxa\_comunidade. Tenho meu perfil pessoal @chris\_santana.20



**DANI BRANDÃO:** Dani Brandão é multi-instrumentista não-binária natural da cidade de Campinas, formada Técnica em Guitarra Popular pelo Conservatório Carlos Gomes de Campinas, Graduada em Pedagogia pela Unicamp e Graduanda em Violão Popular também na Unicamp, sob a orientação do mestre Ulisses Rocha. Tem experiência com



diversas formações de bandas e estilos musicais, tendo tocado com grupos de Punk, Metal, Jazz, Choro, MPB, Forró, Hardcore, Queercore e Música Instrumental Experimental, tocando guitarra, baixo, bateria ou cantando nesses diversos projetos. Hoje em dia atua como baixista e compositora no Projeto de música instrumental experimental Menines da Tortera (@meninesdatortera), e como baterista e compositora no duo de Queercore Disforia



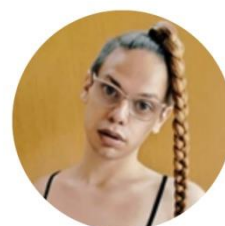
**DANTE SALDANHA:** (@quienesdante) é estudante de Artes Visuais no Instituto Federal do Maranhão e desenha nas horas vagas. Encontra na arte uma maneira de experimentar noções de gênero e de encontrar (ou não) a si mesmo.

**DALUA:** Professor de História pela UFCG, pesquisando gênero e masculinidades. Instagram @boydalua



**FELIPE DE PAULA:** estudante-professor, com interesse em literatura brasileira e portuguesa contemporâneas; mediador da educação inclusiva. gaguejo e tropeço, tal qual o poema da polonesa que eu não sei pronunciar o nome

**GIULIANNA NONATO:** 27, de São Paulo, é travesti, macumbeira, intersexo, bissexual, e não-monogâmica. Militante de diversos movimentos sociais desde 2014, hoje constrói o Coletivo Navalha, e a Conexão Nacional de Mulheres Transexuais e Travestis do axé. Realiza o seminário "Saberes Transviados", e da oficina "Útero Não Tem Gênero". Também é criadora de conteúdo em seu perfil do Instagram @travagiu.





**COLETIVO GUAPES:** O coletivo GUAPES – Grupo de Unicórnios Autônomos de Práticas em Saúde – é feito dos encontros, afetos e texturas de Duds, Gab, Lau, Mar, Marina, Nine e Sereno. Nos propomos a desenvolver práticas e tecnologias comunitárias de autocuidado. Além de vários momentos autônomos e espontâneos de construção de redes, produzimos as Encontradas e o Antifest Suspirin Feminista, que foram momentos de confluência e inspiração para nossas práticas de cuidado que se reverberam até hoje, seja pela escuta, o toque, pelo usos tradicionais de plantas, alimentação sanadora, literatura e produção audiovisual.

**IAGO MARICHI COSTA:** Iago Marichi Costa (@nomemarte) nasceu em novembro de 1999, é graduando em Ciências Sociais pela UFSCar e pesquisa sobre as relações permeadas pela criação artística de pessoas T. Arteiro visual-experimental, às vezes ranzinza, às vezes um lêmure.



**KAETÊ OKANO:** Kaetê Okano é performer não binário nascido em Campinas/SP, técnico em Arte Dramática pelo Conservatório Carlos Gomes de Campinas e bacharel em Antropologia pela Unicamp. Multiartista residente em São José do Rio Pardo (SP), suas composições musicais variam dos pontos de umbanda, à música popular e ao punk. Atualmente, é guitarrista e vocalista do duo punk transviado Disforia Queercore (@disforiaqc) e também integra o Coletivo Danças em Transições, composto por 11 artistas gênero dissidentes do Brasil e da França (@dancasemtransicoes)





**LU S. FORTES:** Boyceta transviade, transmasculine não binária. Graduado em biomedicina e mestrando em Saúde Pública, pesquisando na área de Antropologia da Saúde, com foco na população trans. Atualmente é vice tesoureiro da ABRASITTI, atua como profissional de saúde na área de ISTs e HIV e integra coletivos autônomos de pesquisa e construção em saúde e transgeneridade, buscando hackear narrativas cis-hegemônicas.



**MARCOS VINICIUS:** Marcos Vinicius. Artista Homem Trans Negro. Carioca de São Gonçalo Rio de Janeiro, formando em Letras pela Faculdade Estácio de Sá de Niterói Rio de Janeiro. Artista visual, ilustrador, grafiteiro, performer, abordo sobre a minha vivência como homem trans em uma selva de pedra de uma cidade metropolitana, sobre a luta para sobrevivência, na qual é massacrado pela cisnormatividade existente. Utilizo minhas obras como única forma de fuga para aliviar todo um momento de estresse psicológico e físico.

**MAR FACCIOLLA:** Mar Facciolla é uma pessoa branca, gorda, transvestigênera não-binária, pansexual e periférica. Atualmente graduando em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP). Essa corpa já passou por muitos lugares, mas hoje se vê vice-presidente da OSCIP Parcel, participante da Articulação Nacional de Psicólogues Trans (ANP Trans), membro graduando da WPATH - World Professional Association for Transgender Health, participante do GT de Gênero e Sexualidades da Comissão de Direitos Humanos e Políticas Públicas do CRP-SP e coordenador(a) (voluntária) do Eixo de Psicologia do Projeto Sobreviver. Pesquisa sobre transvestigeneridade autonomamente





desde 2017 e transforma parte dos conteúdos acadêmicos encontrados em conteúdos acessíveis através do Instagram (@mardemar.nb) desde 2019. E-mail: [contato.mardemar@gmail.com](mailto:contato.mardemar@gmail.com)



**MAX VILLAS BÔAS COSTA RIBEIRO:** Max Villas Bôas Costa Ribeiro nasceu em 2003. Ingressou em um curso de licenciatura de história esse ano. Em sua produção artística ele usa principalmente pintura, desenho e colagem. E no seu trabalho busca representar experiências subjetivas dentro de uma cultura corporal patriarcal cisheteronormativa criando imagens de corpos tranviados. email: [maxvbcr@gmail.com](mailto:maxvbcr@gmail.com)

**MIKA KALIANDREA:** Meu nome é Lian Hernandez, porém meu nome artístico é Mika Kaliandrea. Sou transmasculine, indígena, filho de um peruano com uma mineira. Sou multiartista tenho obras tanto nas artes visuais quanto na música, que ao longo de minha vida estiveram em alternância e ao mesmo tempo. Desenho desde meus 10 anos, me especializei em um curso de manga e mais tarde em uma graduação não concluída de Artes Visuais. Entre inspirações súbitas e períodos sem produzir



**NICOLAS VASCONCELOS:** Nicolas Vasconcelos, 27 anos, nascido no estado do Piauí e hoje em dia morando em Belo Horizonte – MG. Estudante de medicina veterinária e nas horas vagas gosto de escrever poemas, fazer alguns desenhos e cantar.



**OLLIE BARBIERI:** Sou Ollie Barbieri, 29 anos, designer e ilustrador, homem trans e bissexual. Nascido e criado na periferia da zona oeste do Rio de Janeiro e há alguns anos troquei a movimentação da capital carioca por Curitiba. Graduando em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Paraná e graduando em Marketing Digital pela UNINTER. Autodidata, super nerd e aficionado por aprender coisas novas e experimentação artística. Meus hobbies vão desde fazer crochê até encarar as montanhas no rapel. Nas horas vagas pratico a arte da palhaçaria, como doutor palhaço voluntário em hospitais.



**SAMUEL BITTAR:** Para as instituições corpóreas: estudante de psicologia e filosofia, membro da coordenação da ABRAPSO núcleo baixada santista e membro do Centro Acadêmico C.E.C.C.S. (Psicologia-UNISANTOS). Criador de conteúdo antiproibicionista, socialista libertário e filosófico no canal do YouTube “Biinab”.

Para corpos em movimento: anarquista especificista 013, escuta músicas pop dos anos 80, grunge e ecleticidades brasileiras na mesma playlist, e dedicado maçoneiro. De-nominado esquisito, depressivo-ansioso, transgênero e introvertido. Automeado apaixonado pela transdisciplinariedade, pela estética da existência e por este mundo fascinantemente horrível.

(Talvez esta descrição esteja um dia desatualizada. Espero.)

**SKA BATISTA:** Ska Batista, b. 1987, Anápolis - GO, cursou Fotografia no Instituto Português de Fotografia de Lisboa entre os anos de 2014 e 2016, atualmente cursa Fotografia na Universidade Lusófona em Lisboa. Seu trabalho envolve características de Street Photography e carrega um tom experimental que mesmo não se enquadrando à um estilo



específico é possível identificar nas suas obras assuntos e recursos recorrentes, nomeadamente os recursos de colagem, sobreposição, conurbação de informações e imagens, exploradas através de fotografias, vídeos e intervenções nos mesmos. Ska percorre temáticas que trazem uma inquietação sobre o pertencer e não pertencer, sobre ser estrangeira na sua própria casa – “Estou estrangeira de mim mesma.” Insta: ska\_eska



**THÁRCILO LUIZ:** Thárcilo Luiz, 25 anos, homem trans, bissexual, estudante de psicologia na UFRJ. Coordenador da Revista Estudos Transviades. Acha que escreve poesia e outras coisas e gosta de se aventurar nas artes visuais

**THOMAS ARGOS:** Me chamo Thomas Argos, tenho 26 anos, sou de Goiânia-GO, mas atualmente moro no Rio de Janeiro-RJ. Sou multiartista. Escrevo desde que me entendo por gente. De cartas de amor para familiares até meu olhar de criança de 8 anos sobre o mundo. Quando entendi quem eu era e como gostaria que as pessoas me vissem, minha escrita mudou para um grito que eu reprimia por anos. Gritei em eventos artísticos sobre o meu corpo e sua liberdade de ir e vir durante 5 anos. Escrevo poesias, contos, e há alguns anos venho transformando alguns desses textos em roteiros. Ainda ando escrevendo sobre o meu corpo, mas tenho parado cada vez mais para observar a vida e animar em duas dimensões o cotidiano que é nosso. Sou formado no curso técnico de ilustração vetorial e animação 2D (Escola Saga). E atualmente faço o curso Game Art (Oi Kabum). Trabalho como ilustrador e animador freelancer desde 2019.





**THALES GABRIEL TRINDADE DE MOURA:** Homem trans. Graduado e Mestre em Letras pela UFSJ. Pós-graduado em Didática e trabalho docente pelo IFMG – Campus São João del-Rei. Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG. Autor da zine Como míseros animais que rastejam no chão (2019).

**VITOR FERNANDES:** Natural de Sete Lagoas, Minas Gerais, Vitor Fernandes - Torugo - tem 24 anos, homem trans, Artista Gráfico graduando pela EBA-UFMG e pesquisador de masculinidades. Insta e portfólio online @trans.cendete

